

# ROSAS



R. MOEDO

# A Equitativa



é a mais solida, prospera e bem administrada das Sociedades nacionaes de seguros de vida em mutualidade. Sem accionistas, nem incorporadores aos quaes distribua dividendos, todos os seus lucros são rateados pelos mutuarios.

## A EQUITATIVA

até a presente data fez:

Seguros de vida na importancia de:

Rs. 63,520:000\$000.

Seguros terrestres e maritimos na importancia de:

Rs. 232,600:000\$000.

## PAGOU EM DINHEIRO

Apolices sinistradas:

Rs. 2,530:258\$000

Apolices sorteadas:

Rs. 253:000\$000

A apolice resgatavel em dinheiro mediante sorteio, invenção da *Equitativa*, é a mais bella, pratica e util de entre todas as combinações até hoje imaginadas.

Duas vezes por anno, em Abril e Outubro, todas as apolices d'esta classe são sujeitas a um sorteio recebendo os portadores das premiadas em dinheiro e integralmente a importancia total do seguro.

## A EQUITATIVA

tem agencias e succursaes em todos os Estados do Brazil e uma Filial em Lisboa, funcionando sob a presidencia do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conselheiro Julio Marques de Vilhena, Par do Reino e Governador do Banco de Portugal.

7, RUA DA CANDELARIA, 7  
RIO DE JANEIRO

KOSMOS

# Banco União do Commercio

CAPITAL 5.000:000\$000

Rua Primeiro de Março, esquina da rua da Alfandega n. 1

CONDIÇÕES:

## CONTAS CORRENTES LIMITADAS

Para facilitar a emissão aos Srs. negociantes em pequena escala, e aos particulares que precisam ter sempre em constante mobilização pequenos capitais, tem este Banco creado uma especie de contas correntes, para movimento das quaes serão fornecidos aos depositantes cadernetas e livros de cheques, proprios para bo'so.

O juro será de 4 % ao anno, contando semestralmente. A abertura destas contas se fará no minimo com 50\$000. As entradas subsequentes far-se-ão de 20\$000 para cima.

O minimo de cada retirada será de 50\$000.

O total credor não poderá attingir á quantia maior de 10:000\$000, quantia esta que, quando attingida, poderá ser conservada, retirada ou convertida em letra a prazo fixo.

Este systema, além de expedito não obriga o depositante a comparecer ao Banco, senão no acto de abrir a conta, podendo mandar fazer por outrem os depósitos ou a cobrança dos cheques. As retiradas podem ser feitas em parcelas ou de uma só vez, independente de aviso.

SAQUES e cartas de ordens de credito de qualquer quantia sobre Portugal, Ilhas, possessões, Italia, Hespanha, França, Turquia, etc.

## ( LETRAS ENTREGUES IMMEDIATAMENTE )

Compra e venda de ouro moedado e papel moeda estrangeiro. Esta secção de saques e ouro está aberta diariamente, das 8 ás 4 1/2 horas, e nos dias santos e feriado, até 1 hora da tarde.

Letras a prazo fixo, 3 a 5 mezes 4 % 6 a 9 mezes 5 1/2 % 10 a 12 mezes 6 %

Agencias em todos os Estados para cobranças, transmissões de dinheiro por carta ou telegramma, etc., etc.

OS DIRECTORES,

*Thomaz Costa e José Ribeiro Duarte.*

# FILTROS MALLIÉ

Esterilisação absoluta pela Porcelana de Amianto

(THEORIA PASTEUR)

**SUPERIORES A TODOS OS OUTROS ATÉ HOJE CONHECIDOS!**

**A maior facilidade para installação e limpeza! Simplicidade e elegancia. Numerosos premios em varias exposições.**

Eis o que diz a analyse e que procedeu o Laboratorio Municipal de Chimica de Paris

• A agua filtrada é de uma *limpeza perfeita* e de um *sabor agradavel*; ella sai dos filtros livre das materias organicas que continha em suspensão, e isenta dos germens mais ou menos nocivos que ali viviam desenvolvendo-se com prejuizo de suas qualidades. Em consequencia, concluimos que, a agua submettida á filtração através dos filtros examinados por nós, é eminentemente propria a todos os usos domesticos.

O chefe do Laboratorio Municipal: *Ch. Girard.*

Agentes geraes para o Brazil:—**A. ABREU & COMP.**

Rua da Quitanda N. 102—Rio de Janeiro.

Depositarios no Rio de Janeiro:—**A NOVA AMERICA E CHINA**

Rua do Ouvidor N. 39.

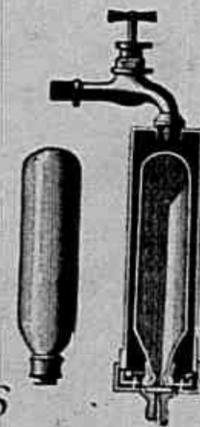
Depositarios em S. Paulo:—**MONTEIRO SOARES & COMP.**

Rua Direita—Canto do Viaducto.

**ENVIAM-SE PROSPECTOS A QUEM OS PEDIR AOS AGENTES**



(Filtro sem pressão)



(Filtro de pressão)

# DUBONNET

© MELHOR APERITIVO ©



REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Editor-Proprietario  
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL  
 INTERIOR. . . . . 20\$000      EXTERIOR. . . . . 25\$000  
 NUMERO AVULSO. . . . . 2\$000

Director  
EDUARDO SCHMIDT



ANNO II

JULHO 1905

N. 7

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

A importancia das assignaturas e toda a correspondencia commercial devem ser remettidas a J. Schmidt, caixa postal, n. 1085 — Rio de Janeiro.

*Para que não continuem as reclamações que diariamente recebemos contra o serviço dos correios, abrimos uma nova categoria de assignaturas — sob registro — para garantir o assignante contra possíveis extravios. Essas assignaturas custarão — Para o interior 23\$000 — Para o estrangeiro 28\$000.*

KÓSMOS encontra-se á venda nas principaes livrarias do paiz.

*São nossos agentes:* — Em Santos—Snr. Antenor da Rocha Leite. Em Mogy-Mirim—Snr. Francisco Cardona. Em S. José do Rio Pardo, Mocóca e Casa Branca—Snr. Dr. Francisco Escobar. Em Jahú—Snr. Major Alfredo Augusto Leitão. Rio Claro—Snr. João Pires de Oliveira Dias. S. Carlos de Pinhal—Snr. Carlos de Carvalho. Cataguazes—Snr. Julio Guimarães. Sul de Minas—Snr. Urbano Rabello. Petropolis—J. R. Escragnolle. Taubaté—Snr. Braz Curtu.

*São nossos representantes:* — Estado de S. Paulo—Snr. Antonio Ferreira Neves Junior. Estado do Paraná.—Snr. Dario Velloso. Estado de Pernambuco—Snr. Carlos Burle. Estado do Pará—Snr. Fernando de Figueiredo Motta. Estado do Maranhão—Snr. Antonio Gonçalves Moreira Nina. Estado do Amazonas—Coronel Domingos Andrade. Estado da Bahia—Snr. Vicente Ferreira Lins do Amaral.

Endereço Telegraphico - KOSMOS — Rio de Janeiro

# KÓSMOS



## SUMMARIO

Chronica . . . . .	Olavo Bilac.
Canção . . . . .	Padre J. Severiano de Rezende.
A Revolução Franceza . . . . .	Reis Carvalho.
(Gravura) . . . . .	R. Amoêdo.
3º Congresso Scientifico Latino-Americano.	
Fertilidade . . . . .	Coelho Netto.
Ceramica prehistorica . . . . .	Dr. D. Sergio de Carvalho.
Ciume Posthumo . . . . .	Gonzaga Duque.
Suprema adoração (Sonetos) . . . . .	Fausto Cardoso.
Typos e Symbolos . . . . .	João Luzo.
Estylos em architectura . . . . .	A. Lima Campos.
Rio e Valle de S. Francisco . . . . .	Xavier Marques.
Psychologia d'uma epocha . . . . .	A. G. de Araujo Jorge.
O novo Jardim da Gloria (Gravura).	
Historia Patria . . . . .	C. de Abreu.



NOVOS    
PROCESSOS

*L. Musso & Cia*

Rua Urugayana N. 10



RIO DE JANEIRO

## CRONICA



Não sei porque é que se dá a esta formosa e alegre estação do anno, no Rio de Janeiro, o triste e feio nome de inverno.

“Inverno,” é uma palavra aborrecida, neblinosa, cinzenta, tiritante:

evoca dias de rigida nortada e noites de granizo cortante, campos cobertos de neve, céu retalhado de cordas de agua, — luto na Natureza, reumatismo nos corpos, melancolia nas almas... E quando é que se vê isso, no Rio de Janeiro?

Sómente por amor das tradições e dos hábitos estabelecidos, é que nós fallamos no *nosso* inverno e no *nosso* outono. A verdade é que, das quatro estações, nós, de facto, apenas possuímos duas: a primavera e o verão; os dois primeiros mezes do outono e o ultimo da primavera confundem-se com os tres do verão; e o ultimo do outono e os dois primeiros da primavera, juntando-se aos tres do inverno, formam esta deliciosa e encantadora estação hyemal de seis mezes, que vae do começo de maio ao fim de outubro, — estação de sorrisos e flores, de espectaculos e bailes, de namoros e folguedos.

Inverno? Onde e quando jámais tivemos inverno?

E' verdade que as madrugadas são frias, e cheias de neblina. Mas isso não passa de uma faceirice, de uma “coquetterie,” da Manhã, que é mulher, e mulher elegante, e que, preferindo não se mostrar aos nossos olhos no desalinho do despertar, passa algumas horas embrulhada nas rendas e nos véos da nevoa...

Aqui está uma ideia: já que vamos reformar a bandeira, porque não reformamos tambem o

quadro das estações? Escrevamos nos calendarios: — “O anno, no Rio de Janeiro, tem duas estações: a primavera, de 1 de maio a 31 de outubro, e o estio, de 1 de novembro a 30 de abril.”



De todos os mezes dessa longa sazão primaveril, julho e agosto são os mais alegres. São mezes de arte...

Este anno, quem nos veio dar o pábulo artistico foi o grande Coquelin, cujos sessenta e quatro annos de idade ainda teem um calor, uma vibração, uma vida excepçionaes.

Não direi que o famoso actor seja um *Cyrano* ideal.

Para *Cyrano*, falta-lhe a mocidade, — esse dom inestimavel que nenhum artificio póde completamente substituir: faltam-lhe o jarrete firme, o torso desempenado, o olhar ardente do fogoso gascão. Se Coquelin houvesse recebido de Rostand esse papel, ha uns vinte annos, — que maravilhosa “creação,” seria a sua!

Mas, ainda assim, o actor suppre, mais ou menos, com o seu talento extraordinario, a falta de juventude: e, além d'isso, ainda que a criação fosse um completo “fiasco,” a sua gloria não seria diminuida, — porque não precisa de mais consagrações quem já creou tantos papeis immortaes.

Que commovedor *Abbate Constantino*, que maravilhoso *Noël*, que perfeito *Mr. Poirier*, que magnifico *Tartufo*, e principalmente que estuendo *Mascarille* nos deu Coquelin!

Ver e ouvir Coquelin nas *Précieuses Ridicules* é um dos maiores prazeres que possam ser dados a um homem na vida. Alli, n'aquella interpretação magistral e perfeita, tudo é natural, tudo é sóbrio, tudo é justo, tudo é admiravel. O gesto e a palavra, o olhar e o sorriso, o andar, a attitude, a graça, a malicia, a petulancia, o despejo de *Mascarille* são prodigios de arte scenica.

Molière, se por milagre resuscitasse, e visse e ouvisse a estupefaciente, a demoniaca, a assombrosa expressão com que Coquelin declama e canta o famoso *impromptu*:

«Oh! Oh! je n'y prenais pas garde:

Tandis que, sans songer à mal, je vous regarde,  
Votre œil en tapinois me dérobe mon cœur...

Au voleur! au voleur! au voleur! au voleur!»,

# KÓSMOS

— ficaria de certo, maravilhado, surpreendido, boquiaberto, encantado, vendo assim, com tanta verdade e tão grande talento, compreendido e realizado o seu ideal de *valet de comédie*...



Das actrizes, que acompanharam e auxiliaram Coquelin, uma brilhou pela belleza, — Darchy; outra pela frescura da mocidade, — Sylvie, e outra pelo talento, — Moreno.

De certo, para uma actriz, já é uma grande fortuna a formosura: e essa fortuna possui Darchy, que seria uma excellente artista, se tivesse mais vida, mais entusiasmo, mais alma; infelizmente nem sempre a formosura e o talento formam uma boa sociedade.

Sylvie, leve e graciosa, esbelta e delicada, de uma frescura de melindrosa flor apenas entreaberta, — é uma boa "ingenua", e tem uma voz deliciosa. Pena é que abuse tanto das entoações quebradas e languidas, — talvez para imitar a celebrada *voix d'or* de Sarah...

Das trez, a verdadeira, a legitima, a excellente artista é Moreno, que não é bonita, que não está na manhã da vida, — mas que sabe o que é a arte de representar e o que é a arte de dizer, e que nos deu, em *Les Romanesques*, um *Percinet* delicioso, e, em *Notre Jeunesse*, uma *Helène Briant* apaixonada e vibrante.



Rostand foi o rei da *tourné-Coquelin*. Tres peças suas fizeram o encanto da platéa: *Les Romanesques*, seductora futilidade lyrica, leve como um tecido de nevoas e espumas, graciosa como um bailado de sylphos, fugaz e ridente como um sonho; *Cyrano de Bergerac*, — peça heroica em que palpita um sopro largo de inspiração fecunda e creadora, poema vibrante em que o epico se confunde com o lyrico, apothéose da bravura e do amor, composição ardente em que parece reviver o genio de Aédo da *Legende des Siècles*; e, finalmente, *L'Aiglon*, — formidável estopada patriótica, dramalhão pesado, cheio de versos maravilhosos, porém infinitamente inferior, como peça theatral, ao *Cyrano*.

O papel de *Aiglon* é esmagador, — e convencional. Tão convencional, que Moreno, de ordinario tão sobria, tão correcta, tão moderada na dicção, foi obrigada, para o interpretar bem, a perder a sua encantadora simplicidade habitual, e a declamar-o furiosamente, de um modo fatigante.

De um modo fatigante para si mesma, e para o publico...

*L'Aiglon* é uma peça para ser lida. Alguns dos seus trechos são verdadeiros primores de inspiração e de forma; a "visão de Wagram", por exemplo, é uma pagina sublime. Mas, no palco, a peça é de um peso intoleravel. No palco, *L'Aiglon* só póde fazer um verdadeiro "sucesso" em França, — e comprehende-se bem porque: porque é uma "patriotada", e porque em França, actualmente, a figura de Napoleão está em moda, como está em moda o estudo de tudo quanto se refere á sua individualidade.



Ainda a proposito dos espectaculos de Coquelin, é preciso dedicar algumas linhas da *Chronica* ao "capitulo dos chapéos".

Quem inventou esta historia do "capitulo dos chapéos" foi Molière, n'uma scena do *Médecin malgré lui*...

A phrase ficou celebre: *Sganarelle* — Hippocrate dit... que nous nous couvrons tous les deux! — *Géronte* — Hippocrate dit cela? dans quel chapitre, s'il vous plait? — *Sganarelle* — Dans son chapitre... des chapeaux!..

Mas o que nós chamamos, no Rio, o "capitulo dos chapéos", não tem relação com essa passagem de Molière. Aqui, o "capitulo dos chapéos" é o eterno conflicto, que nos theatros se estabelece, entre as espectadoras que usam chapéos enormes e os espectadores que por causa desses chapéos não pódem ver o que em scena se passa...

A campanha tem sido inutil. As senhoras não querem abolir os chapéos. E creio que o dever dos espectadores, agora, — o seu dever de homens bem educados e galantes, — é callar o seu protesto, e obedecer á soberana vontade das damas: *ce que femme veut, Dieu le veut!*..

O. B.

## CANÇÃO

PARA O BISPO DE MARIANNA, *in memoriam*

III

Eis-Vos, Jesus, no Calvario,  
Eis-Vos, Senhor, no supplicio...  
E o Mundo, torvo e nefario,  
Revoluteia no vicio.

A onda de lama avoluma,  
Não tem vasante a maré,  
E rúe por terra na bruma  
A torre eburnea da Fé.

Se ainda Vos resta algum servo,  
Máu grado tantos desmaios,  
E' immenso o enxame protervo  
Que o inferno tem de lacaios.

As santas queixas da Magua  
E os bons affagos do Amor  
Não purificam tanta agua  
Do seu nefasto negror.

Oh! diante das turbas pasmas  
Os homens, de hirtas corcovas,  
São como ignotos phantasmas  
Bandos de horrendas covas.

Ou quando, em negras manobras,  
Preparam botes mais vis,  
São como um bando de cobras  
Expulsas dos seus covis.

E a Graça, divino harpejo,  
Que nessas almas resôa,  
E' o som morto de um realejo  
Nas vielas tocando á tóa.

(Oh! vibre o harpejo celeste,  
Senhor, no meu coração,  
E que essa hymnodia me empreste  
As notas desta canção !)

S. João da Cruz é o poeta,  
Que hauriu na dôr a poesia,  
E a setta que o fere é a setta  
Do Amor, que punge e extasia.

Oh! a alma que anceia a Vida  
Possuir, amando a Jesus,  
Tem de esperar, aguerrida,  
O Horto, o Pretorio, a Cruz.

Mas depois da lucta infrene,  
Voará, cheia de esperança,  
A's glorias do laus-perenne  
E da Bemaventurança.

Revoando, rouxinoleando,  
Celestiaes rouxinóes,  
Os santos soffrem cantando,  
Porque são mais do que heróes.

Emquanto os cobrem de chascos  
Tudo para elles são luzes,  
Que os santos galgam penhascos,  
Arfando ao peso das cruces.

Por trilhos embora alpestres,  
Ao raivar dos temporaes,  
Deixando as scismas terrestres,  
Sonham supernos ideaes.

Estruja a procella, estruja  
O tufão da inveja, ao longe...  
Não ouve o piar da coruja  
O ouvido asceta do monge.

Que brilho têm estes astros!  
Que azul esplende nos céos!  
Senhor, beijo os vossos Rastros,  
Ao som dos torpes labéos.

Creais na nossa alma em prece,  
Tantos aljofres e estrellas,  
Que tudo, tudo se esquece  
Só de sentil-as e vel-as.

E nestas sombrias noites,  
Toldadas de odios reveis,  
São as injurias açoites  
E as nossas almas broqueis.

Ventura, Senhor, ventura,  
Seguir-Vos de passo em passo,  
Porque a Rua da Amargura  
E' a via-lactea no espaço.

Neste asperrimo trajecto,  
O viajor, da Patria exul,  
Calca aos pés o pó abjecto  
E exalça a fronte no azul.

Nem ha mais suprema gloria  
Que igual a esta gloria seja,  
Poder cantar a victoria  
Ainda no ardor da peleja.

Tranquilla, a alma em transe exuíta,  
Universalmente em paz,  
E se o vulgo ignaro a insulta,  
Nem volve os olhos atraz.

E a Luz, que do alto illumina  
Os homens e as consciencias,  
Mostra além o escombro e a ruina  
Das negras maledicencias.

Mas do Odio o corvo agoirento,  
Cujo azeviche reluz,  
Faz com as azas mais vento,  
A vêr se apaga essa Luz...

Dos *Mysterios*.

PADRE JOSE' SEVERIANO DE REZENDE.

## A revolução franceza

A vida dos povos, como a dos individuos, consiste normalmente no equilibrio dos órgãos e funções correspondentes.

A saúde do homem e da sociedade se caracterizam assim por uma completa harmonia, por uma inteira unidade individual e collectiva.

Quando, porém, a unidade se rompe, a harmonia se altera, o homem adocece e a sociedade se revolta.

A molestia e a revolução se tornam pois effeitos connexos de uma mesma causa e se podem reciprocamente definir: a molestia, uma revolução do organismo individual, e a revolução, uma molestia do organismo social.

Em ambos os casos, o que determina a ruptura da unidade é a falta de coordenação da vida por um systema de concepções communs, que congraça todas as almas e guie cada uma dellas, sob o ascendente do amor universal, origem e fim da verdadeira felicidade physica, intellectual e moral.

Só assim obtem-se a calma, o bem estar, a saúde pessoal ou collectiva, que se oppõem aos desvarios das revoluções e aos ataques do meio cosmico, tornado então cada vez mais favoravel a organismos fortes pela sua unidade individual e collectiva.

Infelizmente essa unidade, sonhada pelos grandes homens do Passado e cuja existencia futura foi demonstrada pelo maior delles, jamais se realisou completamente.

Entretanto houve uma doutrina que tentou religar e regular todos os homens por uma mesma fé, fundada no Amor.

Foi o Catholicismo.

Esta grande synthese, aliada á organização feudal, que provinha do desmembramento do mundo romano, como aquella do polytheismo social do povo-rei sob a influencia da philosophia grega e do monotheismo judaico, conseguiu, num periodo de nove seculos e numa parte apenas da Terra, estabelecer a unidade humana, embora precaria e transitoria.

Em seu apogêo, no seculo XII, viu-se o admiravel spectaculo de nações politicamente independentes, a França, a Hespanha, a Italia, a Inglaterra e a Allemanha, constituirem uma só familia religiosa, a *Christandade*, todas espiritualmente congraçadas por uma fé commum, livremente aceita e praticada.

Foi esta civilização catholico-feudal que desenvolveu a cultura do principal motor da vida, o Amor.

Si a Grecia elaborou os mais admiraveis monumentos poeticos, scientificos e philosophicos, dando

á intelligencia um desenvolvimento excepcional, e Roma, conquistando o mundo e impondo-lhe os costumes pacificos, deu á actividade uma incomparavel expansão, foi a Idade-Média, que, por assim dizer, revelou o Amor; foi ella que cultivou no mais alto gráo as nossas principaes faculdades, as faculdades affectivas.

Estava assim a Humanidade conhecedora de todos os elementos capazes de serem emfim coordenados: o sentimento, a intelligencia e a actividade, singularmente preparados pelas tres civilizações successivas — a elaboração grega, a incorporação romana e a transição catholico-feudal.

A ultima preparação, como as outras, que a precedem, devia ser transitoria, pois, como as primeiras, se fundava no dogma das causas indemonstraveis, na Theologia; sua eliminação seria fatal desde que cessasse a oportunidade social.

Foi o que succedeu no seculo XIV.

Data dessa epoca o verdadeiro movimento revolucionario que continúa ainda e durará enquanto uma nova doutrina, inspirada pelo amor, mas não fundada no theologismo e na guerra e sim na sciencia e na industria, não realisar definitivamente a unidade do genero humano.

Nesta longa transição de seis seculos, a Revolução Occidental, comprehende tres phases caracteristicas: a phase espontanea, a protestante, e a deista.

A phase espontanea, abrangendo os seculos XIV e XV, é aquella em que o regimen medievo, normalmente caracterizado pela independencia do poder espirital e pelo predominio do governo local, se dissolve com a formação das igrejas nacionaes, subordinadas á autoridade temporal e a constituição das dictaduras centraes dominando os governos locais.

A phase protestante é o periodo em que o dogma catholico é atacado de um modo systematico. Lutero, Calvino e Socino criticam respectivamente a disciplina ecclesiastica, a jerarchia das funções religiosas e o proprio mysterio da Trindade. Todos negam a infalibilidade papal; repellem o dogma do purgatorio, o culto dos santos e a adoração da Virgem. O Occidente divide-se entre Catholicos e Protestantes como antes o Planeta entre o Catholicismo, no Occidente, e o Islamismo, no Oriente.

Este periodo revolucionario dura cento e oitenta annos; vai do principio do seculo XVI á segunda metade do reinado de Luiz XIV.

A phase deista principia então; occupa os ultimos annos do seculo XVII e converge ao inicio da grande crise do seculo XVIII, a Revolução Franceza.

Nesta ultima epoca, a doutrina critica, coordenada pela Reforma, estende a negação e a incredulidade a todas as concepções catholicas e reduz a fé a um deismo vago, a uma crença num Deus sem valor social e moral, um Deus a que se não presta verdadeiro culto nem se trata de servir, praticando um certo numero de preceitos que mantenham o cumprimento dos deveres, o exercicio da virtude.

Voltaire é a alma desse tempo; a sua celebre phrase—*Si Deus não existisse era preciso invental-o*—caracterisa perfeitamente o vago deísmo que então reinava.

Durante todas as phases do movimento de decomposição, a molestia social, reflectindo nos individuos, determina a molestia individual. O desequilibrio colectivo, produzindo a instabilidade cerebral, contribue para a multiplicação da doença sob todas as suas formas.

Segundo uma monographia de Fuster, professor de Clinica Medica em Montpellier, vê-se que as epidemias de forma catarrhal augmentaram progressivamente durante os varios periodos da Revolução Occidental.

No primeiro, seculos XIV e XV, houve 13 epidemias dessa especie; no segundo, seculo XVI e parte do XVII, 19, e no ultimo, que abrange a maior parte do seculo XVIII e se prolonga ainda depois da crise de 89, cerca de 59, até 1860.

A molestia tornou-se, portanto, a companheira perenne da Revolução.

A ruptura da unidade colectiva foi a origem da desorganisação individual.

Mas ao grande movimento de decomposição do regimen medievo, acompanhava o de recomposição de uma sociedade nova; ao lado da progressão negativa que destruía a civilisação da Idade-Média, estava a progressão positiva que construía os materiaes dos novos tempos.

Durante a era espontanea da Revolução, os estudos de astrologia e alchimia preparam materiaes para aperfeiçoamento da Astronomia e advento da Chimica; a Industria desenvolve-se com a invenção da Imprensa, as descobertas da America e da India; a Poesia cultiva as mais nobres aspirações do coração humano, produzindo os dous maravilhosos poemas: a *Divina Comedia* e a *Imitação de Christo*.

Na phase protestante, Galileu demonstra o movimento da Terra e lança as bases da Physica; Kepler e Newton fundam a geometria e a mecanica celestes; Bacon, Descartes e Leibnitz esboçam a systematisação dos conhecimentos scientificos e preludiam o advento de uma philosophia inteiramente racional, uma synthese puramente humana.

Cervantes, Shakspeare, Calderon, tornando a idealisação poetica cada vez mais terrestre e humana, dão ao mundo as mais sublimes creações do genio esthetico.

Continúa o progresso industrial com predominio do commercio sobre a industria fabril, que dominára na phase anterior, e desenvolvem-se especialmente as colonias hespanholas e inglezas.

Na terceira epoca, no periodo deista, a progressão positiva ou o movimento de construcção do novo regimen se destaca particularmente pela formação da Chimica, devida ao genio de Lavoisier; a preponderancia industrial dos banqueiros e a invenção das machinas.

Todo este periodo historico de destruição e renovação convergia ao advento de uma synthese

universal que realisasse em nome da Sciencia o que fizera o Catholicismo baseado na Theologia.

A Sciencia, porém, não estava completa; os estudos positivos dos phenomenos politicos e moraes eram apenas esboçados por Montesquieen e Condorcet, Diderot e Georges Leroy; Bichat ainda não havia fundado a Biologia; uma synthese real, inteiramente scientifica, era impossivel. Mas as aspirações sociaes cresciam dia a dia; a situação occidental, principalmente a franceza de que as outras dependiam, exigia uma transformação social.

Como realisa-a?

Das doutrinas reinantes só a Metaphysica, sem valor organico, capaz unicamente de destruir, podia dominar numa epoca em que a Sciencia era insufficiente e a Theologia estava desacreditada por ser o orgão do regimen cuja destruição se aspirava.

Foi, pois, a Metaphysica que tentou resolver o problema imposto pela situação, o qual não era outro sinão o que cinco seculos antes fôra provisoriamente resolvido pelo Catholicismo: *Estabelecer pelo Amor a paz universal mediante convicções unanimes, por todos livremente acceitas*.

A Revolução Franceza na sua phase caracteristica é o resultado dessa tentativa, admiravel resultado que resumiu espontaneamente os esforços regeneradores do Passado e preludiou o advento da regeneração systematica do Futuro.

Esta grande crise social assignala o termo ou melhor o desfecho do ultimo estadio da Revolução Moderna.

A morte de Colbert, o grande ministro de Luiz XIV, marca o inicio dessa idade que se distingue pela retrogradação cada vez mais accentuada das velhas instituções, symbolisadas na realeza franceza e ainda pelas mais legitimas e ousadas aspirações sociaes para um novo regimen, sentido e proclamado pelas classes populares, pelo que se chamava então *Terceiro Estado*.

A revogação do edito de Nantes, com que a sabedoria politica de Henrique IV instituiu a liberdade religiosa, foi o pacto infernal da tyrannia do rei com a intolerancia do clero, trabalhando juntos e auxiliados pela nobreza contra o movimento de emancipação que se accentuara de um modo decisivo pela institução do Protestantismo.

Então a existencia se tornára para as classes laboriosas um perenne martyrio.

O povo nada possuía que não fosse do rei, do nobre ou do padre; o imposto, a corveia e o dizimo eram o sorvedouro da sua actividade; a miseria lhe invadia o lar, si é que o tinha; era-lhe vedado occupar os cargos publicos; as suas crenças deviam ser as dos seus amos; não tinha liberdade de pensar nem se lhe permittia o direito de reunião ou discussão; a casa era invadida sob qualquer pretexto pelos agentes da dupla tyrannia do sceptro e do baculo; alma e corpo viviam sob o guante ferreo do mais intoleravel despotismo.

Mas esse povo, perseguido e ultrajado, era animado por um grande ardor social; elle sentia que, do antro de miserias em que se agitava, havia

de surgir o dia da redempção. Si os potentados da epoca asphyxiavam na atmosphera viciada das masmorras os que de leve tentavam contrariar-lhes o despotico jugo e condemnavam á morte as victimas dos seus odios implacaveis, cedo ou tarde todos se libertariam emfim dos horrores do carcere e das ignominias do patibulo.

Na massa geral dessas almas ardentes distinguam-se os propagandistas da reforma que todos anhelavam.

Eram os heroes das tres escolas philosophicas que resumem o movimento de emancipação do seculo XVIII, e são representados por Voltaire, Rousseau e Diderot.

Todos sentiam necessidade de uma reorganisação social, mas a todos faltava uma doutrina que pudesse guiar o governo dos povos como a Astronomia dirige os navios. Faltava uma nautica positiva para governar a nau do estado.

Entretanto, tres doutrinas eram familiares aos espiritos dirigentes da epoca:

- 1) a metaphysica materialista de Voltaire;
- 2) a metaphysica espiritualista de Rousseau;
- 3) a sciencia incompleta dos Encyclopedistas, condensados no seu typo mais eminente, o Aristoteles do seculo XVIII, o immortal Diderot.

As duas primeiras eram apenas reproducções litterarias das idéas philosophicas dos successores metaphysicos de Bacon e Descartes, então propagadas por dous escriptores famosos. Sabiam destruir as idéas antigas mas não tinham elementos para construir novas concepções organicas e duradouras.

A ultima, porém, tinha um caracter positivo; destruia para construir. Não provinha de concepções puramente ontologicas, mas se fundava, embora de modo incompleto, nos resultados adquiridos pela experiencia e pela razão.

As reformas que todas essas doutrinas pregavam resumiam-se nestes programmas fundamentaes que as caracterizam e distinguem.

A de Voltaire: *reorganisar com Rei mas sem Deus;*

A de Rousseau: *reorganisar com Deus mas sem Rei;*

A de Diderot: *reorganisar sem Deus nem Rei.*

Eram essas doutrinas, amalgamadas e incompletas, mas em todo caso necessarias e uteis, que deviam dirigir as aspirações sociaes do momento, que se tornara de todo insupportavel quando Luiz XVI subiu ao throno da França, em 1774.

A crise financeira do paiz, exaustivo pelas dissipações de Luiz XIV e Luiz XV, attingia ao maximo e se tornava o justo pretexto de uma transformação politica e social de que ella manifestava um dos symptomas caracteristicos.

Para que a transformação inadiavel se realisasse normalmente, fôra preciso que a Realeza a decretasse; incapaz de fazel-o, a Sociedade o faria, fazendo a Revolução.

Era o dilemma fatal que por egoismo e fraqueza o monarcha não comprehendeu ou não soube resolver, evitando as desgraças da patria e a sua ignominiosa morte.

Houve, entretanto, um momento em que a solução normal podia ser dada; foi no ministerio Turgot, o ultimo estadista notavel da dictadura real.

«Este virtuoso cidadão, diz um historiador da Grande Crise, se occupa constantemente de melhorar a sorte do povo; *emprehendeu só o que a revolução operou mais tarde*, a suppressão de todos os privilegios. Propoz libertar os campos da corveia, as provincias das alfandegas de fronteira, o commercio das alfandegas interiores, a industria dos seus obstaculos, e emfim mandar que a nobreza e o clero contribuissem com os impostos na mesma proporção que o terceiro estado. Este grande ministro, de quem Malesherbes dizia: *Tem a cabeça de Bacon e o coração de l'Hôpital*, queria, por meio das assembléas provinciaes, acostumar a nação á vida publica e preparal-a para a volta dos estados geraes. *Teria feito a revolução por ordem si pudesse se manter*. Mas sob o regimen dos privilegios particulares e do avassalamento geral, todos os projectos de bem publico eram impraticaveis. Turgot descontentou os cortezaos por seus melhoramentos; desagradou ao parlamento pela abolição das corveias, das juiaradias, das alfandegas interiores; alarmou o velho ministro (Maurepas) pelo ascendente que sua vida lhe dava sobre Luiz XVI. Este principe abandonou-o dizendo ao mesmo tempo que Turgot e elle eram os unicos que queriam o bem do povo...» (1)

A demissão de Turgot foi o preludio da Revolução.

Agora caberia ao povo usurpar as funções da realza, como até então a realza usurpára as liberdades do povo.

Os Estados Geraes reúnem-se a 5 de Maio de 1789. O terceiro estado, preponderante nesta assembléa, discute com as outras ordens sobre o processo de suas deliberações. Divergencias radicaes se estabelecem e dão lugar á intervenção do rei, protegendo os nobres e os padres. Então os representantes do povo, reunindo-se a parte, celebram o famoso juramento da sala do Jogo da Pella, e declaram-se em Assembléa Constituinte. Pouco depois, por convite do rei, todas as ordens estavam reunidas.

No entanto, consta que elle tenta suffocar qualquer movimento de revolta reunindo tropas em Versailles e Paris; propala-se até que, de accôrdo com a côrte, fará uma reacção.

Inflammada por estas noticias alarmantes, a população de Paris levanta-se e marcha contra a Bastilha. Camillo Desmoulins é o director do movimento.

«Cidadãos, exclama o joven e ardoroso patriota, não ha um momento a perder; a demissão de Necker é o rebate de um S. Bartholomeu dos pa-

MIGNET.—*Histoire de la Révolution française*, Introduction, pag. XII—XIII.

triotas! nesta mesma noite todos os batalhões suíços e os allemães sahirão do Campo de Marte, para nos degolar! Só nos resta um recurso: é appellar para as armas.»

A multidão enthusiasmada applaude freneticamente; e o orador arrebatado continúa propondo que todos tenham um distinctivo para serem reconhecidos e se defenderem. «Quereis, diz elle, o verde, côr da esperança, ou o vermelho, côr da ordem livre de Cincinnato?» — «O verde! o verde!», responde a multidão.

E o povo, exaltado pela palavra quente do intemerato libertador, caminha para a execravel prisão do Estado, bradando: *ás armas!; ás armas!; queremos a Bastilha!*

Foram tres dias de perenne exaltação popular; o grito de revolta echoava por toda a parte; até que emfim a fortaleza parisiense cae em poder dos revolucionarios.

Era o 14 de Julho de 1789.

Assignalava-se mais uma data gloriosa na historia da Humanidade.

*E' uma revolta?* perguntava o rei espantado, ao saber da celebre jornada; *Não, Senhor, é uma revolução*, lhe respondeu judiciosamente o duque de Liancourt.

Realmente a tomada da fortaleza parisiense assignala o inicio da crise suprema, pois a Bastilha era o emblema da realeza e a realeza o symbolo de todas as tyrannias politicas e religiosas que pezavam sobre a França e o Occidente.

A quéda da Bastilha era, portanto, a quéda da realeza.

Desde esse dia a monarchia absoluta estava morta.

A reforma que devia ser decretada pelo rei segundo o programma de Turgot, seria feita pela nação revoltada.

Iniciada a crise, estende-se durante vinte e seis annos e abrange tres phases: duas progressivas e uma retrograda.

A primeira comprehende o periodo preliminar, dominado pela Constituinte e Legislativa; começa com a tomada da Bastilha em 14 de Julho de 1789 e termina com a proclamação popular da Republica na celebre jornada de 10 de Agosto de 1792. A segunda, caracterizada pela Convenção e o ascendente politico de Danton, termina com a morte do grande convencional em 4 de Abril de 1793. A terceira é o periodo francamente retrogrado, assignalado pelo dominio successivo de Robespierre e Bonaparte; vai da morte de Danton á quéda de Bonaparte em 1815.

No primeiro periodo, a Constituinte, onde imperavam, ao lado dos verdadeiros patriotas, espiritos animados pelas mais torpes paixões, capazes das mais perfidas intrigas, como o demonstrou mais tarde a conducta de Mirabeau, tinha como doutrina dirigente a metaphysica demolidora dos sectarios de Voltaire e Rousseau, amalgamada ainda com os velhos preconceitos do regimen anti-

go. D'ahi muitas deliberações, que, honrando os seus auctores, não bastavam comtudo para satisfazerem as necessidades da situação.

Era preciso eliminar a realeza e proclamar a Republica.

Entretanto a assembléa preliminar da Revolução decretou, em dous annos, as mais importantes reformas. Tudo o que o grande Turgot sonhara foi realisado.

A Constituinte aboliu os direitos feudaes, e todos os privilegios. Extinguiu as justiças senhoriaes, os parlamentos e a tortura. Dividiu a França em departamentos, districtos e communes, eliminando assim toda a organização catholica, feudal e monarchica, em parochias, condados, ducados e provincias. Decretou a constituição civil do clero, cujos bens foram considerados thesouro da nação e serviram de garantia á emissão de quatrocentos milhões de *assignados*, emittidos para resgatar a divida publica, livrando a França da eminente bancarrota.

A' Constituinte, que encerrára seus trabalhos em 30 de Setembro de 1791 succedeu a Legislativa, cuja principal função era manter o regimen metaphysico da monarchia constitucional e representativa sob a sancção contradictoria do direito divino e da soberania do povo.

Nada menos exequível, especialmente num tal momento historico.

A lucta se declara entre o rei e o corpo legislativo, embora aquelle apparentasse uma fingida submissão á nova ordem politica, que de facto lhe annullara a auctoridade e o prestigio.

Emquanto os dogmas da liberdade, com mais ou menos retidão, eram firmados e codificados pelas duas assembléas, Luiz XVI conspirava contra a França, preparando uma invasão estrangeira para restituir-lhe o poder absoluto, com todo seu cortejo de tyrannias, que a Constituinte e a Legislativa tinham abolido.

E' elle que escreve ao imperador da Austria em 3 de Dezembro de 1791 esta confissão decisiva — *não conto mais, para reaver meu poder absoluto, sinão com uma guerra desgraçada para a França!*

Na sua campanha de traição á Patria e a Humanidade, é auxiliado pela ambiciosa e nefasta rainha, Maria Antonietta, que forneceu á coligação dos reis armados contra a França, os planos de campanha que os defensores da nação tinham patrioticamente organizado.

A declaração de Pilnitz, de 27 de Agosto de 1791, segundo a qual o Imperador da Austria e o rei da Prussia resolvem definitivamente atacar a França e restaurar a politica retrograda de Luiz XVI, agita cada vez mais o sentimento nacional, e o rei é obrigado a declarar a guerra a Austria em 20 de Abril de 1792.

A attitude, aparentemente patriotica, do chefe do Estado, não acalmou os animos cada vez mais convencidos das perfidias da côrte e indignada dos tramas que urdiam o rei, a nobreza e o clero.

E' nesta situação afflictiva que surge a figura extraordinaria de Danton, o vulto principal do

*Club dos Cordeliers* que já tinha concorrido com sua palavra, com seus feitos, á tomada da Bastilha, ás jornadas de 5 e 6 de Outubro e a evitar a fuga do rei em Varennes.

Comprehendendo, mais do que qualquer revolucionario, o momento historico que a patria atravessava, elle sentiu que era preciso abolir definitivamente a realza, instituir a Republica e bater a colligação dos reis.

Ao mesmo tempo Robespierre e Marat, um no *Club dos Jacobinos* e o outro no famoso jornal, *Amigo do Povo*, ambos instrumentos puramente destruidores, assacavam contra a realza moções violentissimas.

A situação era a mais desesperadora, quando o manifesto do duque de Brunswick, de 25 de Julho de 1792, veio acelerar a agitação, determinando o 10 de Agosto, a celebre jornada que inaugurou a Republica como o 14 de Julho inaugurára a Revolução.

Danton faz no 10 de Agosto o que Desmoulin fizera no 14 de Julho. A queda da Bastilha preludei a tomada das Tulnerias. «Depois do 20 de Junho, diz o ministro Garat, todos se inquietavam com o castello, cujo poder crescia a olhos vistos. Danton arranhou o 10 de Agosto e o castello foi fulminado. Ahi está a verdadeira moção e o verdadeiro decreto que crearam a Republica.» (2)

Com o 10 de Agosto a Revolução inicia a sua phase decisiva, o aureo periodo da verdadeira organização politico-social cuja aspiração é o caracter organico da Grande Crise.

E' a era admiravel da Convenção, dominada pela celebre Junta da Salvação Publica, dirigida pelo genio politico de Danton, que então, sempre coherente com os seus idéaes e as situações que se apresentavam, deixou de ser simplesmente demolidor do regimen antigo para ser tambem constructor da nova ordem.

Tornou-se o grande estadista da Revolução, cujos verdadeiros idéaes elle representa com dignidade e justiça.

E' então que a Convenção esboça o programma da regeneração humana.

Eliminada a realza e proclamada a Republica, a grande assembléa estabelece a liberdade espirital, a mais completa que a situação permittia, separando a Igreja do Estado e eliminando a Academia de Sciencias de Pariz. Ampliando todas as liberdades, que mais ou menos incompletamente tinham sido decretadas pela Constituinte e Legislativa, a Convenção imaginou, por assim dizer, uma religião nova.

Si o regimen se caracterisava por uma verdadeira Republica, onde o poder temporal era separado da auctoridade espirital, o dogma era constituido pela sciencia que a assembléa proclama, instituindo a Escola Polytechnica como depositaria do saber positivo.

Até o culto perdeu todos os caracteres theologicos e metaphysicos. Deus foi eliminado e substi-

tuido pela Razão, symbolo do poder da Humanidade, que desde então foi adorada no Pantheon pela veneração prestada aos seus mais gloriosos filhos.

A Revolução Franceza indicava assim, por um esforço supremo, a natureza da crise que significava, tentando ao mesmo tempo uma solução empirica.

Era o programma de Diderot que Danton espontaneamente realisava: *reorganisar sem Deus nem Rei*.

Os Dantonistas tornaram-se dignos orgãos praticos dos grandes genios da Encyclopedia; enquanto os Montanhezes e Girondinos declamavam metaphysicamente, desviados do seu officio reformador pelas doutrinas de Rousseau e Voltaire.

Abatidos os Girondinos pela energica e sabia attitude de Danton, restavam os Montanhezes de Robespierre, o declamador sanguinario, apostolo do *Contracto social*, livro pernicioso que considera dogma positivo a crença na divindade e julga que deve ser punido com a pena de morte quem for atheu.

Era inevitavel a luta entre os dous grupos convencionaes e, dado o predominio geral das idéas de Rousseau, cujo livro celebre se tornára, como diz Augusto Comte, mais conhecido que o Alcorão e a Biblia, os demagogos triumphariam.

Danton, que proclamava — *preferir ser guilhotinado do que guilhotinador* — é accusado como traidor e moderado perante o Tribunal revolucionario, e condemnado á morte pela influencia decisiva do cruel e covarde *Incorruptivel*, o sanguinario Robespierre.

O grande homem, que destruiu a realza, organisára a Republica e batera a Europa colligada contra a Revolução; o patriota extraordinario que acima da vida e até da propria gloria, collocava a Patria — *Pereça minha memoria*, dizia elle, *comtanto que a minha patria seja salva* — cahiu victima dos conductores crueis e despoticos da Revolução, que, com a tragedia de 16 de germinal do anno II, iniciava a sua phase final e retrograda, onde dominam as tyrantias de Robespierre e Bonaparte.

Na primeira, o *Terror* assume a sua mais dolorosa phase pelo fanatismo sanguinario do assassino de Danton.

O culto do *Ser-Supremo* é oficialmente instituido; e o conselho homicida do sophista do *Contracto Social* é fielmente executado pelo seu devotado discipulo, o fanatico Robespierre.

Mas em breve realisou-se a propheta de Danton, ao ser condemnado: «Eu arrasto Robespierre... Robespierre me segue.»

O 9 de Thermidor (27 de Julho de 1794), eliminando o asqueroso tyrano, assignala o principio de uma reacção, que continúa, no emtanto, o caracter retrogrado dos ultimos annos da Grande Crise.

As execuções terroristas proseguem e as armas francezas são sempre victoriosas.

No interior, o paiz agita-se ainda na guerra civil e lhe falta um director politico que dirija a si-

(2) *Mémoire sur la Révolution.*

tuação, no exterior, porém, Hoche e Bonaparte sustentam a Revolução e batem os reis coligados.

A dictadura militar impõe-se então; os chefes do exercito são os que têm força e prestígio para, eliminando os restos da tyrania retrograda de Robespierre, retomarem a obra constructora de Danton, que era impôr a paz á Europa e tornar fixas e duradouras as instituições republicanas as quaes tinham sido até então elaboradas, fortalecidas e realizadas pelos verdadeiros representantes da Revolução, symbolizados no magno estadista.

Infelizmente coube o governo ao mais incompetente, um aventureiro da Corsega, cujas ideas só tinham por motor a mais desenfreiada ambição.

Eliminando o Directorio, o Conselho dos Antigos, e o dos Quinhentos que substituíram a Convenção Nacional no governo da França, Napoleão Bonaparte instituiu a dictadura militar de caracter retrogrado transformando-a successivamente de consulado decennial em consulado perpetuo e monarchia imperial.

Empreendendo novas guerras por uma criminosa vaidade e sem utilidade social, levantou a Europa contra a França, exhausta de lutas internas e exteriores.

Realizando a *Concordata*, restabeleceu a união da Igreja e do Estado, instituindo o theologismo como doutrina official.

Voltaram os privilegios academicos abolidos pela Convenção; revogou-se o decreto da constituição civil do clero, que assim readquiria os antigos privilegios.

Emfim toda a obra da Revolução era politicamente destruida, embora o seu resultado social e moral não pudesse desaparecer.

Era um periodo francamente retrogrado mas tambem fatalmente destinado a perecer em poucos annos.

O bandido coroado é afinal destituido do poder, que um máo destino lhe havia confiado. Prisioneiro dos reis, expia em Santa Helena os seus crimes contra a Patria e a Humanidade; morre como o ultimo dos tyrannos quando podia ter sido o primeiro dos estadistas.

Estava historicamente extincta a Grande Crise. Mas a Revolução continua; governos mais ou menos retrogrados ou progressistas se succedem na direcção da França, reflectindo directa ou indirectamente sobre os varios paizes do Occidente.

A solução scientifica da questão social, que a Revolução tentou prematuramente resolver sem principios positivos, foi achada emfim e permite hoje realizar as transformações politicas sob o ascendente systematico da sciencia completada, systematisada e moralisada pelo genio universal de Augusto Comte, inspirado por um sublime amor.

A nossa patria teve a ventura de realizar approximadamente uma transformação politica dessa especie.

O Fundador da Republica Brasileira, Benjamin Constant, mais feliz do que Danton, pôde defender, sem medo de ser batido, os verdadeiros principios da politica moderna por que combateu, sem uma doutrina scientifica que o esclarecesse, o eminente estadista da Revolução.

O Brazil, mais do que qualquer outro paiz do mundo, é, de accordo com a sua organização politica, codificada na *Constituição Federal*, o mais fiel herdeiro dos regeneradores de 89 e 93.

A Constituinte Brasileira teve a gloria de realizar, sob a influencia directa e indirecta da synthese positiva, os principaes votos da immortal Convenção.

Infelizmente no Brazil como em França impera a retrogradação sob todas as suas formas. O dogma fundamental da Republica, proclamado pela Convenção Franceza e decretado pela Constituinte Brasileira, a primeira de todas as liberdades, a liberdade de consciencia, a liberdade espiritual, soffrem actualmente os mais desastrosos ataques apezar dos costumes e das leis. A perseguição aos monges catholicos e o despotismo sanitario representam dous typos caracteristicos da politica retrograda da França e do Brazil.

A obra da Revolução parece assim annullada, mas é uma simples apparencia. Os homens desaparecem e a Humanidade fica; é uma questão de tempo. Desde que surjam os verdadeiros successores politicos de Danton, a França enveredará pela senda gloriosa da Convenção, e, quando entre nós passar o poder aos dignos continuadores de Benjamin Constant, de José Bouifacio e Tiradentes, o Brazil tornará effectivos os decretos da Constituinte, condensados na mais liberal das Constituições do mundo.

A influencia da Revolução nos destinos da França e do Occidente, permanecerá sempre apezar de quesquer reacções retrogradadas, que só servem para fabricar tyrantias e revoltas, manter uma deploravel situação, vacillante entre o despotismo e as revoluções.

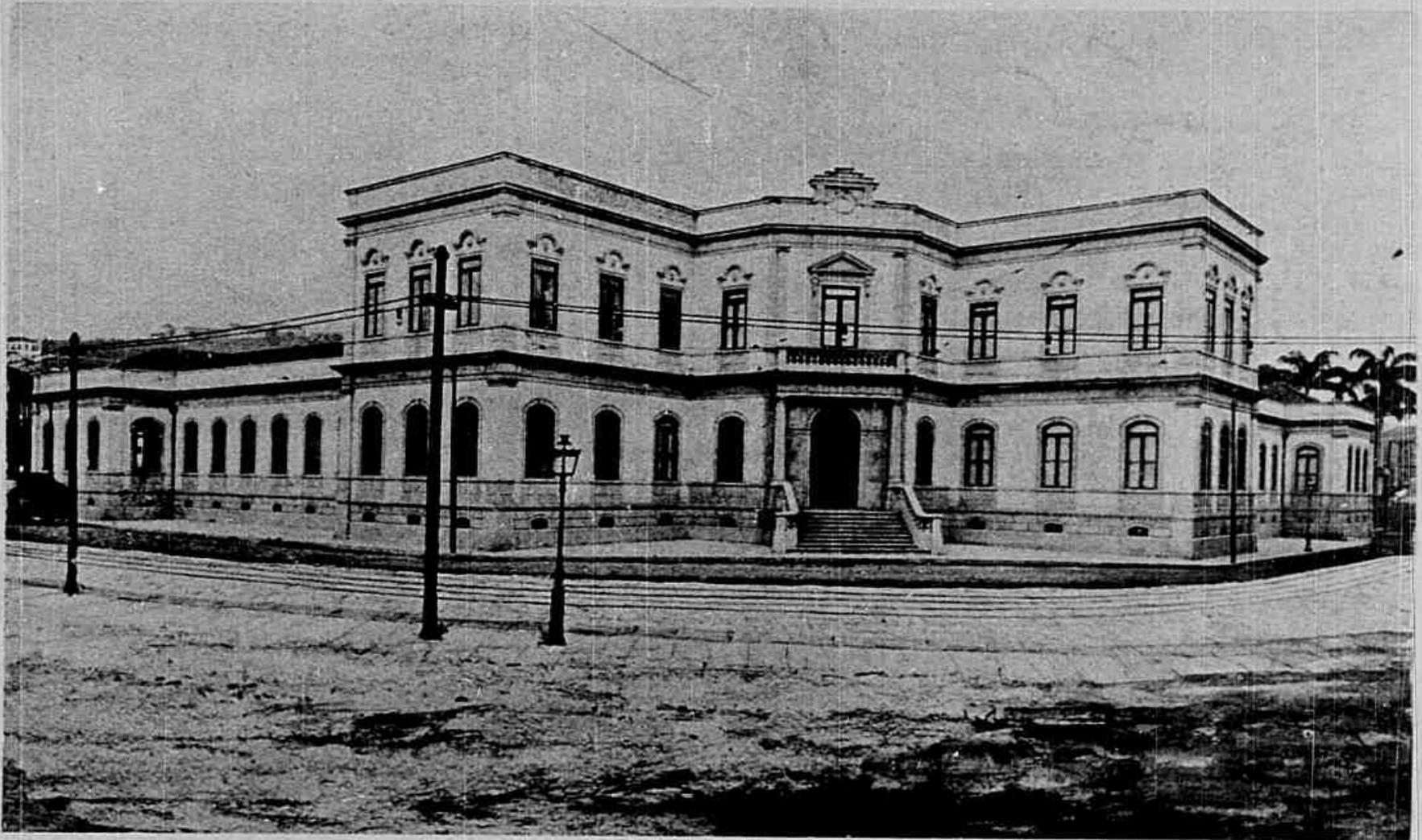
Até o triumpho definitivo, theorico e pratico das suas grandes aspirações, hoje systematisadas scientificamente pela sociologia positiva, a Revolução Franceza será glorificada como trazendo sempre vivo nas almas dignas, realmente animadas pela dedicação social, o admiravel esboço da regeneração humana, realisavel pelo advento de um sociedade republicana, fundada materialmente na Industria, illuminada pela Sciencia moralisada e congraçada pelo Amor universal.

E' esta sublime utopia dos eleitos de 89 e 93 que o Brazil commemora annualmente na data de 14 de Julho, anniversario glorioso dessa Revolução Franceza, cujo centenario a nossa patria celebrou do modo mais brilhante, instituindo a Republica.

Rio, Julho de 1905.

REIS CARVALHO.





SYLLOGÉO BRAZILEIRO

Séde das secções de Sciencias Medicas e Cirurgicas, Medicina Publica, Sciencias juridicas e sociaes e Sciencias anthropologicas.

### 3.º Congresso Scientifico Latino-Americano

**R**EUNE-SE a 6 de Agosto o 3.º Congresso Scientifico Latino-Americano.

O 1.º desses Congressos effectuou-se em Buenos-Ayres em 1898, o 2.º teve lugar em Montevideo em 1901 e o 3.º vae inaugurar-se na nossa capital, escolhida para sua séde, n'essa ultima data de accordo com o Governo.

Funcionará o Congresso de 6 a 16 de Agosto, dividido em dez secções, que trabalharão em locais diferentes.

As secções foram assim organisadas:

- 1.<sup>a</sup>—de mathematicas puras e applicadas;
- 2.<sup>a</sup>—de sciencias phisicas;
- 3.<sup>a</sup>—de sciencias naturaes;
- 4.<sup>a</sup>—de engenharia;
- 5.<sup>a</sup>—de sciencias medicas e cirurgicas;
- 6.<sup>a</sup>—de medicina publica;
- 7.<sup>a</sup>—de sciencias anthropologicas;
- 8.<sup>a</sup>—de sciencias juridicas e sociaes;
- 9.<sup>a</sup>—de sciencias pedagogicas;
- 10.<sup>a</sup>—de agronomia e zootechnia.

O edificio escolhido para a sessão inaugural do Congresso foi o Theatro S. Pedro de Alcantara, que está sendo brilhantemente preparado para esse fim.

As secções funcionarão: na Escola Polytechnica; no Palacete á Praia da Lapa; no Hospicio Nacional de

Alienados; na Sociedade Nacional d'Agricultura; no Pedagogium; tendo como succursaes o Gabinete Portuguez de Leitura, o Instituto de Hygiene, o Club Naval e o de Engenharia.

Fazem parte do Congresso todas as nações da America Latina, devendo ser represensadas, alem do Brasil, a Argentina, Bolivia, Chile, Columbia, Equador, Guatemala, Haiti, Mexico, Paraguay, Uruguay e Venezuela.

Todos os trabalhos até Abril foram dirigidos por uma commissão, composta dos seguintes cavalheiros: Marquez de Paranaguá, presidente, Conselheiro Correia e Dr. Piza e Almeida, Vice-Presidentes, Drs. Paula Freitas e Henrique Guedes de Mello, Secretarios; Drs. Villela dos Santos e Sampaio Correia, Supplentes; Dr. José Americo dos Santos, Thesoureiro, Dr. Alfredo Lisboa, Supplente.

Auxiliaram-na os membros das diversas secções, em numero de 30.

D'essa data em diante ficaram a cargo de uma commissão especial incumbida de organizar e executar o programma de todas as solemnidades.

D'essa commissão fazem parte os Drs.: Paula Freitas, Villela dos Santos, Sá Vianna, Barbosa Rodrigues e Carlos Seidl.

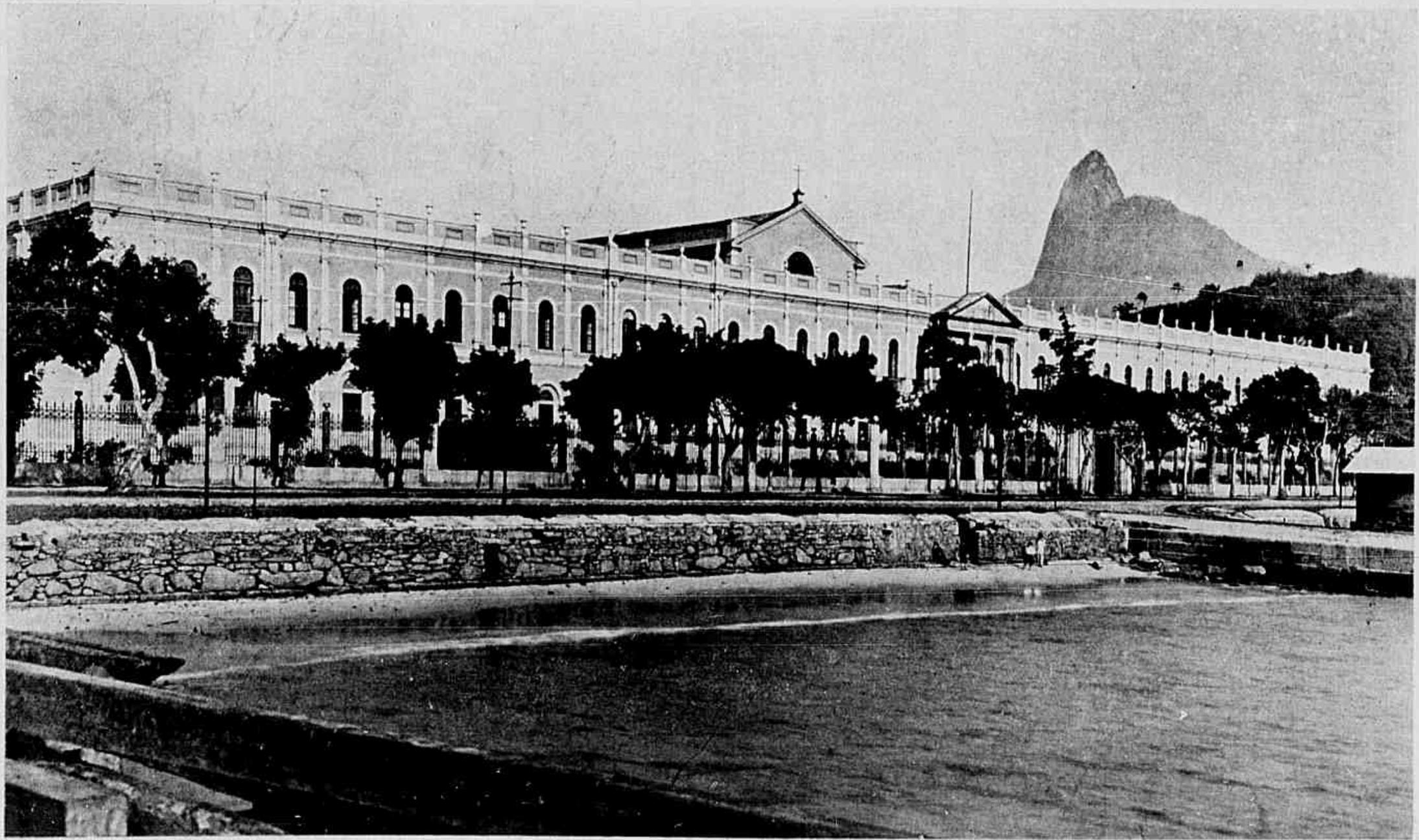
Inserimos hoje os retratos dos membros da Commissão directora e executiva, dos das secções e as photographias dos edificios, nos quaas deve o Congresso funcionar,

No numero seguinte daremos as da sessão solemne e banquete no Theatro S. Pedro de Alcantara e as que forem tiradas nas bellas excursões que vão ser proporcionadas aos Congressistas.



ESCOLA POLYTECHNICA

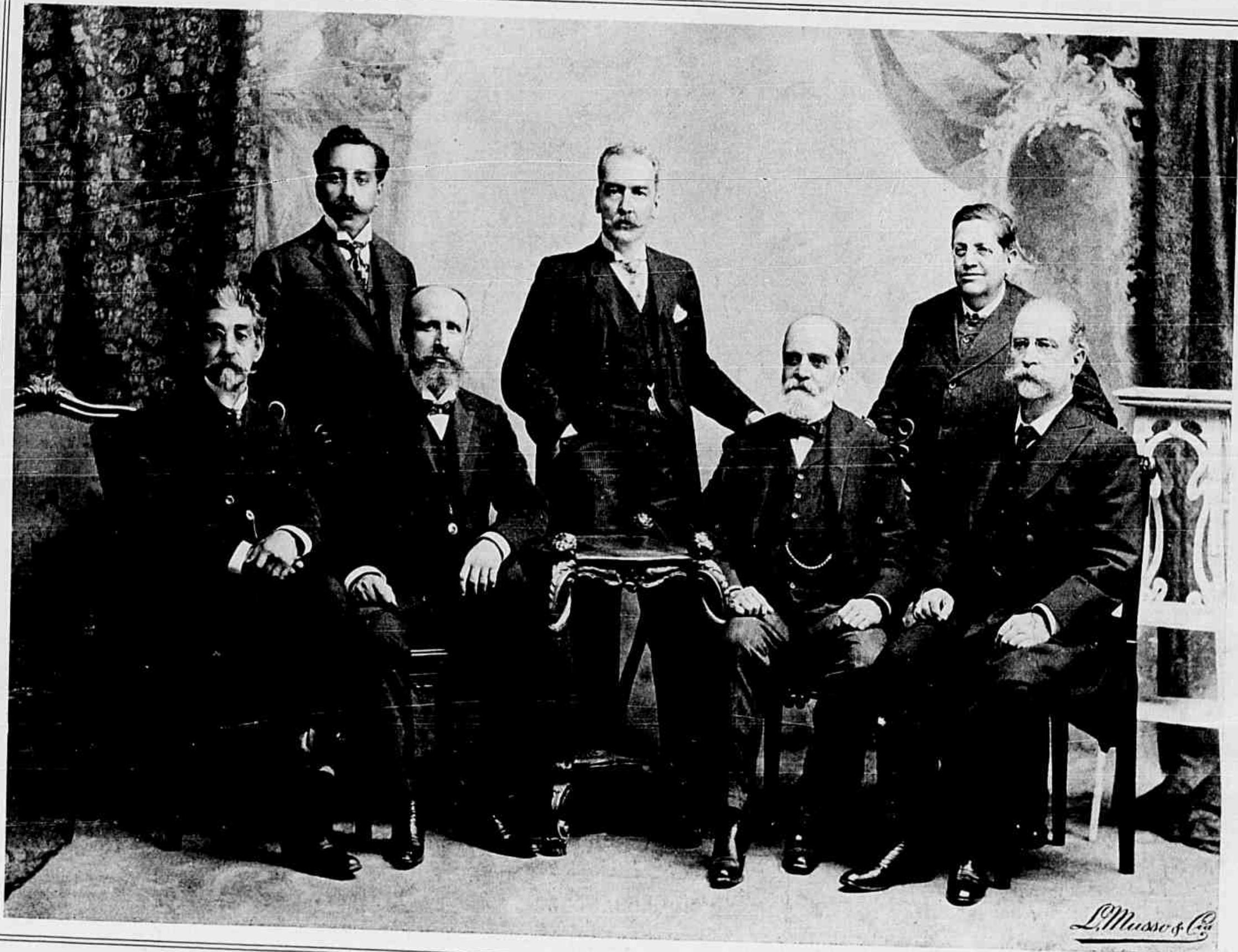
Séde das Secções de Mathematicas, Sciencias Physicas, Sciencias Naturaes e Engenharia.



HOSPICIO NACIONAL DE ALIENADOS

Sciencias Medicas e Cirurgicas e Medicina Publica

3.º CONGRESSO SCIENTIFICO LATINO-AMERICANO  
MEMBROS DA COMMISSÃO DIRECTORA



Dr. Sergio de Carvalho  
Dr. Barboza Rodrigues

Dr. Guedes de Mello

Dr. Villela dos Santos

Dr. A. de Paula Freitas

Dr. José Americo dos Santos

Dr. Alfredo Lisbôa

3.º CONGRESSO SCIENTIFICO LATINO-AMERICANO

PRÉSIDENTES E MEMBROS DAS SECÇÕES



Dr. Gustavo da Silveira

Dr. Carlos Seidl

Dr. Zeferino de Faria

Dr. Rocha Pombo

Dr. A. Cesar Diogo

Dr. Theodoro Magalhães

Dr. Carvalho Borges Junior

Dr. Oliveira Passos

Desenbargador Araujo Pitanga

Capitão de Mar e Guerra Alves Camara

Dr. Aguiar Moreira

Dr. Daniel de Almeida



CLUB NAVAL

Destinado á reunião do Congresso Pleno para as votações



PEDAGOGIUM

Séde da Secção de Sciencia Pedagogica

# FERCILIDADE

V

A João Luso

Seguindo vagarosamente, através da escuridão dos húmidos caminhos, atolando os pés em pôças, roçado pelos frios ramos, sempre a ouvir o monótono, estridente ou lugubre coaxar dos sapos, que haviam reaparecido com as águas, Matheus recolhia á cabana pensando nas palavras de *Avahy*.

O mulato falára convencido, confirmando com o testemunho do Estevão, homem sério.

Talvez fosse aquillo o segredo da fertilidade do seu sitio que lhe escapara involuntariamente no impensado chalar. Sim, porque *Fonte nova*, uma terriinha de nada, era a melhor de todas as situações d'aquelles lados — uma lavoura que fazia gosto — cafetal, roça de milho e de mandioca, a horta sempre viçosa, um pomar que era uma belleza e pastos que iam por ali afóra, sempre verdes, engordando, robustecendo o gado que ficava de fazer inveja — redondo, luzidio, um pello fino e lustroso que parecia seda.

Aquillo era coisa do tal estrume. Que o sangue é tudo, é verdade. A terra come, a terra bebe, é como um animal e se o sangue na gente dá força e saúde, na terra deve ser a mesma coisa.

Corujas passavam surdamente, morcegos cruzavam os ares negros com um rufo d'azas rapido e as arvores, batidas pelo vento, retorciam-se com estardalhaço. Os mattos fatfalhavam.

Um vulto ergueu-se no caminho, fugiu, desapareceu no meio das hervas. Algum animal. Aquella gente não cercava os pastos e era aquillo. Por isso andavam sempre em questões por causa de roças estragadas.

Quando apanhou a rampa do sitio, tropeçando nas pedras, escorregando nos sulcos cujas bordas molles esboroavam-se sob os seus pés, logo lhe voltou a furia contra a terra miserriima: «Porcaria! é só pedra e barro. Nem p'ra caminhá presta. E isso é que ha de dá... Aqui é que eu hei de levantá a cabeça. Tou arranjado».

Os cães ladraram, ouvindo bater a porteira. Elle passou e, sentindo os animaes, que desciam em tropel, rosnando, latindo, bradou: «Tá quieto! Ocês não conhece a gente?» E foi-se devagar, curvado, abordoando-se ao porrete que afundava na terra frouxa. Chegando á cabana fez lume; tirou o resto de dinheiro do bolso, contou-o e foi guardal-o na frincha da parede. Encheu o cachimbo, sentou-se e ficou pensando.

«A gente precisa exp'rimentá de tudo. Isso de sangue parece historia, mas a verdade é que *Avahy* vive botando dinheiro fóra. Não ha sitio como o d'elle. Tem gente, isso é, os fio ajuda, a muié trabalha, mas quando a terra é ruim não ha arado, não ha enxada, não ha fogo, não ha nada que salve.

Ali ha coisa, é mêmo essa historia do estrume. Só elle sabia, só elle tem aquella riqueza. Lá embaixo mêmo, o *coqueirá*, não vale a *Fonte nova*, e o má tá ali pertinho, espaiano bondade. Que é antonce? *Avahy* não é magico, nem Nosso Senhô fez milagre em casa d'elle. É mêmo. Elle achou o estrume, espaiou na terra e tá li. Isso mêmo d'elle dizê que a companhia quebrou, que não sabe onde é que se vende o sangue, já é esperteza d'elle, móde ninguém aproveitá. Pois eu hei de sabê, isso hei-de! Se não achá aqui, mando vê lá embaixo, vou eu mêmo, percuero e bóto isto que nem um paraiso. E hão de vê... Nem que seja só por capricho. O diabo é esse bandão de pedra que atrapaia tudo. Arado aqui não entra; mas a terra de cima, essa é bôa, péga bem, ha de dá. Amanhã mêmo eu vou cuidá de vê isso. Sangue de boi».

Fechou a casa, deitou-se deixando a candeia accessa. O vento levantou-se; a cabana rangia, desprendiam-se torrões de barro das paredes esfarelado-se no chão e a chuva cahiu jorrando grossa e forte, em bategas.

Cançado, d'olhos fechados, os braços por baixo da cabeça, o caboclo ainda pensava nas palavras do voluntario e surdamente, como a sonhar, murmurou: «Sangue de boi...»

Foi-se fazendo claro na sua visão como se um scenario luminoso se lhe desenrolasse no intimo. Eram as suas terras agrestes, as suas terras, brancas, esturradas, empedradas, que appareciam, calvas sem herva, tristes e nús como o areal das praias. Só os cabeços das rochas emergiam avultando na aridez alva.

Um sol forte queimava e elle seguia sem rumo, olhando a esterilidade, ao longo d'aquelle deserto silencioso quando, de repente, viu uma das barrancas mover-se, crescer, cavar-se dobrando-se, enrolando-se como uma vaga e derrubar-se na terra sem ruido, tingindo-a de vermelho e alastrar cobrindo todo um lado.

Outra barranca avolumou-se em muralha, inclinou-se concava e despejou-se de roldão espraian-do-se com a mesma côr, através do pomar, encrespando-se á volta dos troncos e descendo em levada purpurea.

Os aguações inchavam, subiam rubros, reluzindo e transbordavam alagando a terra areenta da roça de milho.

Os animaes corriam espavoridos deante da inundação; elle mesmo procurava refugio andando de um para outro lado, tonto, sentindo-se ameaçado por aquella estranha cheia e os seus pés apégavam-se á terra molle, embebida de visgo purpurino.

Era sangue, um diluvio de sangue que por ali descia avassalando a leira, sumindo as pedras, invadindo a cabana, enrubescendo os troncos que iam ficando como de coral.

A custo, trepando de socalco em socalco, elle conseguiu abrigar-se no outeirinho e viu a violenta explosão das sementeiras antigas. Todos os germens, que elle julgava perdidos, rebentavam, vinham a flux com tanta força, crescendo, desenvolvendo-se tão rapidamente que elle via os impetos das has-

tes, o desdobrar das folhas, o abotoar das flores, o desabrochar das pétalas, a formação do fructo e logo sazonado, logo amadurecido, vergando os galhos, cobrindo o chão.

De todos os cantos do ceu chegavam aves vorazes, da serra desciam atropellados, famintos rebanhos que logo se fartavam. Carros rodavam lentos, attestados de fructos, filas de homens estendiam-se pelos caminhos levando enormes cestos carregados e as arvores cada vez mais cheias. Elle sorria.

As proprias pedras vestiam-se de verduras finas e as verduras floriam.

Era o sangue fertilisante que fortalecia o terreno, tornando-o, de sáfaro, fecundo. Era o sangue que se espalhava alagadoramente, espadanando, defluindo em enxurrada, transformando a miseria em prosperidade, dando á charneca a exuberancia maravilhosa das terras que os santos abençoavam e que, da noite para o dia, todas se cobriam de cearas ferteis.

O caboclo rebolcou-se aneiado—a abundancia parecia suffocal-o e, vendo tão forte aquella terra, que sempre lhe parecera inerte, entrou a receiar a fartura, temendo a asoerbadia riqueza, recuando deante do prodigioso viço, de tanta raiz que resaltava em colleios, alastrava em vergões, tanta folha que se abria, tantas ramagens alargadas, tantos troncos que engrossavam, inchavam, subiam aos arrancos, num crescer fantastico, fechando abobadas frondosas, tão densas que, em baixo, tudo era sombra abafada.

As altas hervagens envolveram-no. Fugia e, de todas as partes abrothavam renovos, em todos os cantos pullulavam plantas logo enfolhadas, logo frondentes.

Faltava-lhe o ar e a vida vegetativa era tão intensa, tão desconforme, era tão desregrado o affluxo floral, a germinação de tal maneira possante que a terra crepitava, estalava rebentando á passagem dos brotos e havia um murmúrio perenne feito só com o abrir dos botões na estupenda florescencia daquella genese formidavel.

O caboclo arquejava agoniado, debatia-se lançando os braços afflictamente, a apartar as verdes ondas da fertilidade, a fugir da concepção grandiosa, apavorado.

E escorregava em flores, cambaleava na terra lubrica, encharcada de sangue, os olhos desmedidamente abertos, correndo, a tropeçar em toros, a embaraçar-se em cipoaes, a prender-se em ramarias, sem ar, asphyxiado.

Procurava uma aberta por onde se evadissee, uma clareira onde achasse salvação, ar, luz, ceu—tudo era denso. As flores tomavam formas estranhas, os ramos estendiam-se, alongavam-se, fechavam-se. Mais um momento e seria victima da fecundidade.

Debateu-se e, desesperadamente, gritou, rouco, já sem forças, opprimido, sentindo-se subjogado pela monstruosidade. Os cães ladraram fóra, junto á cabana. Elle accordou sobresaltado, sentou-se attonito, cançado, relanceando o olhar pelo interior

onde a luz da candeia tremulava livida. Passou a mão pela fronte banhada em suor:

«Éta! sonho damnado... Nossa Senhora! Que afflicção!» E sorrindo alliviado: «Tá no que deu a conversa d'Avahy.»

Levantou-se, foi beber agua e poz-se a passeiar pela casa agitado, cheio ainda do maravilhoso horror, pensando na grandeza tragica d'aquella floresta de flores e de fructos, nascida do sangue que rolava em caudaes. «Que coisa!» Sentou-se, accendeu o cachimbo e, puxando lentas fumaças, ficou a pensar.

Lá fóra a noite ia chuvosa, atravessada de ventos. A agua engrossava rolando, com fragor, pelos vallos, levando o melhor da terra, escalavrando-a, enfraquecendo-a. Gotteiras estalidavam monotona-mente no chão negro da cabana e a agua luzia, escorria em veios que passavam por baixo da porta fragil sempre a bater. A manhã encontrou-o de pé, alquebrado.

Todo o dia, irresoluto, começando um serviço e logo o deixando por outro ou distrahindo-se, em abandonada, esquecida inercia, Matheus pensou no sonho, ora com pavor, ora com deslumbramento. Sahia á porta, lançava o olhar pela terra humida lembrando-se do que vira.

Os animaes, como se advinhassem o bom tempo, alegravam-se. Effectivamente, para a tarde, nuvens douradas empavezaram o ceu, os nimbus foram desapparecendo, grandes trechos de azul, entre rasgões de sumulus, annunciavam o esplendor e as cigarras cantaram como precursoras do sol. A' noite as estrellas brilharam limpidas na serenidade do ceu de todo varrido e puro; um ar leve circulava; a agua do bicame, que as chuvas haviam engrossado, cantava alegremente no rego que levava á horta.

O caboclo sentia-se enfraquecido. Avisinhava-se do giráo, ficava hesitante e retrocedia á sala, insomne, preocupado. Não podia parar—uma irritada ancia levava-o de um para outro lugar.

Constrangido aperto esmagava-lhe o coração, sentia entaves no peito, angustia, faltava-lhe o ar, a cabeça estonteada enchia-se-lhe d'um continuado, soturno sussurro como se elle tivesse uma concha ao ouvido, echoando. Por vezes saltavam-lhe aos olhos discos de fogo, anneis iriantes que subiam, rolavam, perdiam-se nos fundos de treva. Fumava sem cessar—já a lingua lhe ardia, um saibo acre enchia-lhe a bocca secca e, sob a pelle, que escaldava, o sangue, nas arterias turgidas, nas veias fartas latejava.

Abriu largamente a porta, escancarou a janella—o ar puro entrou em fresca lufada, varreu o interior dissolvendo o fumo que abrumava o ambiente. Mariposas penetraram rodeando a chamma da candeia e os cães, gosando a delicia da noite, sob a suave luz das estrellas vivas, iam e vinham vagarosos.

Lentos, longos, profundos mugidos denunciavam os velhos bois deitados nas hervas raras do curral. Matheus, sentado no limiar da cabana, imóvel, pensava no sonho, Tinha por vezes, instantaneamente, a impressão da grandeza que vira, o

espectaculo mirifico da arrebenção floral—ouvia estalos crebros e logo dirigia o olhar assombrado para o ponto de onde partiam, esperando ver a terra fender-se, abrir-se, lançar do seio para o pleno ar os brótos, mas o silencio voltava e o terreiro permanecia na sua miseria—liso, despovoado, esteril. Uma idéa assaltou-lhe o espirito, tão estranha que elle levantou os olhos, assombrado, relanceou-os pela sala como a procura do demonio funesto que a inspirara. Ficou tolhido, immobilizado no espanto. Baixou, de novo, a cabeça. A idéa tornou importuna, rondando-o—elle sentia-a em torno.

De repente, pondo-se de pé, metteu os dedos na gaforinha e recomeçou a andar, sempre cabisbaixo, alheado.

A idéa invadia-o, penetrava-o terebrantemente, ia-se-lhe afundando no cerebro, dilatava-se como se lançasse raizes, assenhoreando-se de todo o pensamento, avassallando a consciencia. Elle ainda reagiu com um arrancado suspiro. «Uai!» Estacou attonito e, como se a si mesmo temesse, poz-se a mirar-se: «Gente, que é que eu tenho?»

Sentia-se impellido por uma força mysteriosa. As pernas tremiam-lhe, correu-lhe um frio arrepio pelo corpo, eriçaram-se-lhe os cabellos, os olhos ficaram enormes, estagnados, sem brilho.

Voltou-se: só via sombras que fluctuavam, vultos fluidicos errando em lentas, ondeantes evoluções.

Um rictus deformou-lhe a face, distenderam-se-lhe retesadamente os nervos num esforço intenso e, rilhando os dentes, foi-se, de cabeça alta, direito á porta. O ar frio da noite fel-o cambaleiar. Parou e quieto, firme, inflexivel ali esteve, d'olhos-na treva, sem dar pelos cães que se reuniam festejando-o.

Desceu ao terreiro, hirto, com estranhas crispacões que lhe contrahiam, repuxavam as faces, fremitos por todo o corpo. Subito, tornando á cabana, foi direito á cosinha, tomou um rolo de cordas, apanhou o machado e regressou á noite negra. Os cães olhavam-no abanando com as caudas; elle seguiu, os podengos acompanharam-no.

Foi-se, como um espectro, em rúmo ao curral. Subiu ligeiramente a ingreme, abarrocada ladeira, mergulhou os pés nas humidas hervas macias da planura, entrou no cercado.

Um dos bois ruminava deitado logo á entrada. Lesto, desenrolando a corda, passou um laço á volta dos chifres do animal que se levantou manso e docil como se fosse descer para o jugo e seguiu-o vagaroso, ainda ruminando. Os cães voltaram silenciosos ladeando o caboclo.

No terreiro Matheus passou a corda pelo moirão, deu volta e poz-se a puxar—o animal caminhava; chegou ao grosso madeiro e, ao empuxão da corda retesada, baixou a cabeça, tocando o poste com o focinho.

Rapido, levantando o machado a mãos ambas, desfechou o golpe. Um mugido atroou doloridamente o silencio e com o desesperado arranco do animal a corda resvalou no moirão e elle poz-se a saltar, sacudindo a cabeça, atirando couces, escarvando a terra, a mugir, luctando para livrar-se da

prisão que o retinha. Os cães recuaram, a principio, mas animando-se acompanharam os movimentos do moribundo, aos saltos, latindo. Um, mais ousado, investiu, atirou-se-lhe ás pernas, mordeu-o, outros arremetteram raivosos. O animal sangrava, esvalhia-se, com o cogote aberto em talho fundo.

Outra machadada apanhou-lhe o flanco, outra foi-lhe a cerviz, outra ao ventre. Houve um baque. O animal escabrejava com um chapinhar sinistro no sangue copioso que alagava a terra coalhando-se em postas. D'um talho cerceo Matheus cortou a corda, desenrolou-a do moirão e levando-a de rastos correu, de novo, ao curral.

Outro boi foi laçado. Esse, porem, como se presentisse a morte, reluctou firmando-se nas patas, mugindo. «Éh! Cõu! Cou! Vámo!» incitava o caboclo aos puxões. Tirou-o, o animal partiu a correr e, na rampa quasi o levou arrastado, no furor da fuga; elle resistia agachado, resvalando; rapido, para sustentar o bruto, passou a corda á volta d'um tronco d'arvore e firmando um dos pés, puxou attrahindo a victima que avançava de cabeça baixa, com um soturno gemer.

Brandiu o machado. As folhas farfalharam e o animal, apenas ferido de raspão, partiu d'arrancada, mas virou de repente contido pela corda. O caboclo avançou e, pondo-se-lhe na frente, a todo o poder dos braços, embebeu-lhe o machado entre os chifres largos.

Um berro surdo, rouco, dorido, rolou sinistro e tonto, bambo, tropego o boi ainda volteou, ainda arrancou, mas frouxo tombou sobre os joelhos, rolou de flanco. Matheus acercou-se-lhe do corpo, abriu-lhe a ilharga, fendeu-lhe o ventre, atirando golpes allucinados como um lenhador que rachasse um tronco.

Sentia sob os pés a sangueira quente, ouvia o bufar agourado do moribundo e golpeava e fendia encarniçado contra aquella vida que resistia a brutalidade do ferro agudo. O ceu abria-se em luz, a madrugada límpida coloria o horisonte; a paizagem emergia da noite.

No terreiro os cães resonavam em torno do corpo do boi tombado sobre a coalha de sangue, rondavam-no procurando um ponto por onde começasse a devorar.

A fome acirrou-os, tornara-os ferozes; a immensa carniça excitava-os. Os mais avidos lambiam os coagulos.

As aves chegavam dos mattos e, sentindo o cheiro do sangue, logo se encaminhavam para o terreiro, mas os cães investiam com latidos freneticos, mostrando os dentes, defendendo a presa.

Matheus entrou pelo curral e, á luz da manhã, ainda baça, ennevoada, descobriu o ultimo boi que escarvava, farejava a terra, bufando, mugindo surdamente.

Atirou-se sobre elle, o machado erguido, mas o animal escapou ao golpe e, a correr, passou ao campo, mergulhou no sapesal, desceu á barroca, perdeu-se nas hervas altas.

O caboclo esfalfado, coberto de sangue, poz-se a bradar. Foi até á beira da grotta, olhou, mas, sem perda de tempo, retrocedeu.

A cabeça ardia-lhe como abrazada em chamas, os olhos saltavam-lhe das orbitas—todo elle era purpura. Passou pelo boi que matára no pomar, nem o viu; desceu ao terreiro. Os cães já haviam começado a devorar e encarniçavam-se atolando-se na fatura. A' distancia, em circulo, as aves esperavam, bicando a terra manchada, esgaravatando, espalhando as manchas de sangue. De quando em quando um dos cães investia e era uma debanda-da ruidosa.

Matheus sorria estranhamente. Sentou-se no limiar da cabana, curvou-se e, com a cabeça sobre os joelhos, ficou immovel, como adormecido.

Clareava, com a alegria festiva do canto dos passarinhos.

De repente, levantando a cabeça e vendo, no ceu, as cores da madrugada, o caboclo poz-se de pé, deslumbrado: o ceu estava todo em sangue. —Era a inundação que vinha de Deus fertilisar a terra, combater a esterilidade. Não eram as negras nuvens d'agua, eram as mesmas veias celestias que rebentavam em hemorragia e vinham vasar-se nos campos, nas grotas, nos vallos seccos dando-lhes a maravilhosa fecundidade que dispensa a cultura e só requer espaço para crear e reproduzir.

Olhou desvairado—tudo crescia explosivamente. A baixada reverdecia florida, estendendo-se perdidamente até as linhas douradas, ensanguentadas do ceu. As arvores cresciam tocando com as frondes robustas as nuvens que transcorriam e, de todos os lados, subia a vegetação luxuriante fechando-se em cerradissima abobada, escurecendo, abafando.

Era a grande matta, a selva exúbere que vinha avançando.

Lembrou-se do sonho, quiz fugir, mas sentia-se abafado, os olhos não viam senão sombras, faltava-lhe o ar.

Sem forças, desequilibrado, tonto, vacillou, foi d'encontro á parede, mas, num arrojo, espavorido, deitou a correr, fugindo através da allucinação, seguido dos cães que ladravam. Quando o Luiz, que estava ao alpendre, com dois carreiros, viu-o passar esfalfado, roto, coberto de sangue, teve uma exclamação pasmada:

—Gente! que é aquillo!? Tio Matheus todo ensanguentado... Os homens ficaram tolhidos, mas, animando-se, decidindo-se, deitaram a correr, alcançaram o caboclo exausto que tropeçava: «Que é isto, tio Matheus? Que foi que aconteceu a vamcê? Que sangue é esse, tio Matheus?»

Elle cambaleou entre os braços dos homens, regongando, d'olhos semi-cerrados, a boeca aberta, a arquejar. Levaram-no para o alpendre, molle, pendido, flaccido. Estenderam-no no comprido banco e elle, sem dar accordo, arfava com uma respiração apressada. Examinaram-no. Cada qual fazia a conjectura mais tragica, mas, como não achassem ferimentos, não sabendo explicar a origem d'aquelle sangue, só interrompiam o silencio com exclamações.

Correndo a noticia acudiu gente das proximidades e, em torno do caboclo, pesadamente adormecido, resolveram chegar ao sitio, ver o que houvera e foram, armados.

Logo deante da cabana descobriram o primeiro boi que as aves cercavam ás bicadas, gallinhas, patos, perús, toda a creação do sitio.

O burrico olhava como se sentisse a morte do velho companheiro, mas, dando pelos homens, trotou para os mattos. Subiram—lá estava no pomar a outra victima. Os homens olhavam-se, resmungavam, sem achar explicação para aquella matança inutil, quando um creoulo, saltando da barranca onde andara a examinar a terra, disse:

—Ocês qué vê? Ocês qué vê o que foi? Todos cercaram-no. Ocês não se alembra da conversa de *Avahy*, na venda, no domingo passado? A historia do estrume de sangue de boi? Todos affirmaram. Pois foi isso.

—Home, querem vê que foi!?

—Foi isso... sou capaz de jurá!

—Foi mêmo. Ainda ficaram, um momento, olhando, com pena, o corpo do animal mutilado. Por fim, satisfeitos, desceram commentando, uns indignados, outros a rir, a carnificina cruel.

—Véio damnado de ambicioso! Nossa Senhora! Luiz, que esperava, com curiosidade, a volta dos exploradores, mal os viu, perguntou:

—Então, gente?

—Foi elle mêmo. Matou os boi...

—Os bois!?

—Vamcê não se alembra da conversa de *Avahy*, no domingo passado? a historia do sangue de boi p'ra estrumá a terra?

—Ah! sim... Foi por isso?

—Ora! O véio ouviu e quiz logo ficá rico d'uma hora p'ra outra. Entraram e, deante do caboclo, que dormia profundamente, todos se puzeram a rir, commentando a sua desmarcada ambição. Luiz, depois de um pensativo silencio, disse:

—Gente, deixa o coitado. Isso é doença...

—Quá doença! Isso o que é é ganancia. E o grupo dissolveu-se, a rir. Ainda um mulato disse de longe aos companheiros:

—Hoje é dia grande. Quem quizé carne fresca é só i lá em cima cortá um pedaço.

—Véio damnado!

—Nossa Senhora!

—E o engraçado é que elle fez o estrago e ferrou no somno direito.

—Uai! e ocê acha pouco dois boi p'r'um home só? Deu na fraqueza. Riram e espalharam-se, cada qual por uma trilha, a seu rumo.

Luiz coçava a cabeça preocupado, pensando em despertar Matheus, receioso de que elle lhe morresse em casa. Sacudiu-o, chamou-o de balde, deu d'hombros e foi-se para o negocio. «Respirava, estava vivo... que accordasse quando quizesse.»

Longe, na estrada luminosa, resoava a bozina annunciando o peixe fresco e, estendido no banco, o caboclo dormia immovel, a barba dura, empastada de sangue, coberto de moscas como uma carniça.

FIM

COELHO NETTO.

# Ceramica prehistorica

## VASOS SILVADORES DO PERÚ



Vaso em forma de Aryballos

OS estudiosos da arte antiga, os investigadores da civilização prehistorica, esses que se comprazem no laborioso e paciente mister de desvendar os diferentes estadios da evolução cultural do homem, a partir da idade paleolithica, consagram sem discrepancia, como opinião incontroversa, que os melhores elementos de analyse, os subsidios mais preciosos, os recursos mais efficientes lhes são prodigalizados pela arte ceramica.

Reagindo contra a acção ruinosa do tempo, permanecendo incolumes aos ultrajes de numerosos factores de destruição, os productos dessa arte admiravel, *que guarda eternamente o pensamento do artista* (1) atravessaram todas as idades, testemunharam as maiores convulsões por que ha passado a crosta mal solidificada da terra, chegando até nós, no seio das cavernas, dos dolmens, das mais antigas necropoles, como attestados inapreciaveis do genio, da actividade dos antigos, em tocante homenagem á memoria dos mortos.

Quasi todas as reliquias desse passado remoto sem excluir as grandiosas construcções erigidas pela concepção genial dos architectos do Egypto, de Nive, de Athenas, de Babylonia, em plena florescencia de sua cultura esthetica, reduziram-se a tristes e solitarias ruínas, mero simulacro de seu antigo fastigio, de seu extincto esplendor.

Entretanto, os humildes vasos de terra, simples, sem decoraçào, cosidos ao sol, saídos das mãos dos primitivos habitantes do globo, que coexistiram com os grandes mammiferos quaternarios, disputando-lhes o rude abrigo das cavernas, ali estão, em sua modestia apparente, offerecendo campo vasto e fecundo ás deducções dos sabios, como principaes fundamentos da sciencia archeologica.

(1) Ch. Wiener (Pérou et Bolivie).

Os antiquarios mais eminentes são accordes em accentuar a alta antiguidade da ceramica, divergindo, no entanto, quanto á sua phase inicial. Gabriel Mortillet, entre outros, prefixou-a na epoca robenhausiana, correspondente ao periodo da pedra polida (2) ou neolithico e alguns archeologos de igual notoriedade a identificam com o periodo paleolithico, apoiados nas descobertas procedentes das grutas d'Engis e de Spy, na Belgica, opinião que partilhamos, em face das explorações de Marcel de Sévres, N. Christol, Joly, Dupont e as do abbade Giovanni Spano nas camadas do solo que circumda os *nuraghi* da Sardenha.

Nos tempos proto-historicos e, com especialisação, no decurso do periodo historico, a ceramica adquire rapido ascendente, as formas se multiplicam, a pasta torna-se mais cuidada, a arte ornamental, adstricta á impressào dos dedos sobre a argilla ainda molle, ao uso do *colombino*, á applicação das linhas recta e curva, dos losangos, dos dentes de lobo etc., evolue até á decoraçào symbolica dos vasos athenienses, graças á descoberta do torno do oleiro, conhecido dos chinezes, desde os tempos mais remotos, usado no Egypto no seculo XIX antes de Christo, como se vê nas pinturas das paredes dos hypogeos de Thebas e citado por Homero no Canto VIII da Illiada.

A ceramica, derivada em sua expressào litteral do termo *Keramos*, *que é a expressào grega da louça*, allusiva ao corno dos animaes, materia e forma originaria dos vasos de beber ou procedente de *Ceramus*, pretense inventor da louça, adquirio tão elevada importancia que em Athenas existio um quarteirão chamado *Ceramico*, considerado por Ziegler (4) a primeira escola do gosto, o sanctuario primitivo onde a forma abstracta incessantemente elaborada, estudada aos olhos de um povo curioso e livre, se revelara aos primeiros architectos.

Os gregos nutriam, em realidade, verdadeiro sentimento de admiração pelos ceramistas, cunharam medalhas em sua honra, conferiram-lhes distincções excepcionaes, transmitiram seus nomes á posteri-



Vaso lustrado, monocromo, de argilla negra, semelhante ao representado na lumina XXXV do atlas das "antiguedades Peruanas" de Tschudi y Rivero—Capacidade 1 litro—altura dos vasos communicantes 0, m 141, e 0, m 127—largura 0, m 220

(2) Musée Préhistorique. Gabriel & Adrien Mortillet.

(3) Edouard Garnier. (Histoire de la Ceramique).

(4) Etudes Ceramiques. Y. Ziegler.

dade, pela voz de poetas e historiadores. Os vasos por elles fabricados, além de seu destino domestico, religioso, funerario, eram dados como premios aos vencedores nos exercicios publicos, a exemplo dessas custosas amphoras panatheneicas, decoradas com a figura de Minerva e distribuidas por occasião dos jogos peculiares á festa annual dos Panatheneos.



Vaso monocromo, lustrado, com decoração em alto e baixo relevo, pasta de argilla commum, misturada com graphito—altura dos vasos communicantes 0, m 305 e 0, m 270, largura 0, m 272, capacidade 2, l 6

Ao tempo do imperio da Macedonia, até o dominio de Alexandre, eram de uso quasi exclusivo os vasos de barro, como testemunha Atheneu; mas a invasão na Grecia das riquezas da Asia, determinou o seu abandono, sendo preferidos, como diz Millingen, os vasos de ouro, prata ou de materias ainda mais preciosas (5).

Alexandre Brogniart, o inolvidavel director da fabrica de Sévres, escreveu que os productos ceramicos, multiplicando-se, prestaram quasi os mesmos serviços nos tempos da obscuridade como o tem feito a imprensa nos tempos da luz. Em verdade, na pintura dos vasos athenienses, encontram-se representações de divindades, guerras, scenas amorosas, factos mythologicos, assumptos Dyonisiacos, acontecimentos da vida civil, cerimoniaes funebres, tudo finalmente que caracterisava os differentes aspectos da vida social, communicada á posteridade como o faria a palavra escripta e, porventura, de modo mais impressionante.

Em Roma, mereceram os ceramistas identicas homenagens; Numa estabelece um collegio para a comunidade dos oleiros, Plinio faz a apologia da

arte e, por exprimir o seu valor, cita o vaso adquirido pelo Imperador Vitellius por 200 sestercios e menciona entre as preciosidades do espolio de Aristoteles 70 pratos de argilla.

Seria alongar demasiado a digressão a que nos arrastaram os attractivos do assumpto, que começou a nos impressionar, desde que deparamos as riquezas ceramicas do Museu Nacional do Rio de Janeiro, si pretendessemos esboçar as curiosidades da ceramica do *Egypto*, da Grecia, da Etruria, e de outros paizes antigos, cuja historia foi, em parte, reconstituída á custa dos specimens dessa arte magestosa que tambem contou na America prehistorica esmerados e finos cultores.

A confirmação desse asserto resalta da Ceramica dos *Mounds builders*, dos *Cliff Dwellers*, dos *paraderos*, dos preciosos specimens extrahidos das grutas de Maracá, dos aterros funerarios do Amazonas, das *huacas* do Perú, dentre os quaes os curiosos *vasos silvadores* de que se occuparam d'Orbigny, Castelnau, Tschudi y Rivero, Longepèrier, Hamy, Nadaillac, a par de outros archeologos, e constituem uma das maiores curiosidades das collecções americanas do nosso Museu e de diversas instituições congeneres.

O extraordinario americanista Alexandre Humboldt, só equiparavel por seu espirito de observador arguto, erudito e meticoloso a Alcide d'Orbigny, escreveu em uma das suas melhores produções que no momento da invasão hespanhola os povos americanos mais adiantados eram os habitantes das montanhas.

« Dans la partie équinoxiale de l'Amérique ouí des savanes sont suspendus au dessus de la région des nuages, on a trouvée des peuples policés qu'au sein des Cordillères; leurs premiers progrès dans les arts y étaient aussi anciens que la forme bizarre des gouvernements qui ne favorisaient pas la liberté individuelle. » (6)

Aos antigos habitantes do grande e poderoso imperio dos Incas, que, emergindo do valle de Cuzco, sob a égide de sua divindade tutelar, o sol, estendia-se, no dominio de Huayna Capac, á distancia equivalente a mais de quarenta grãos geographicos, coube, sem duvida, a preeminencia assignalada pelo sabio investigador, mercê de sua alta cultura e da culminação a que attingiram as artes, as industrias, inclusive a ceramica.

Os productos dessa natureza procedentes do Perú e que chegaram aos nossos dias no seio das *huacas* ou *enterramientos* estremam-se dos mais specimens de toda a America pela natureza da pasta, pela multiplicidade das formas, pelos processos de decoração, sendo, aliás, fabricados, com exclusão de qualquer meio mecanico, pois até lhes era desconhecido o torno do oleiro:

La ceramica peruana, (diz Sentenach y Cabañas,) es notable, tanto pela finura de los barros como por el esmero de su trabajo, moldeada casi siempre, pulimentada y perfectamente cocida, resiste á la accion de los siglos, llegando hasta nos

(5) J. V. Millingen — (Peintures antiques et inédites des vases grecs.)

(6) Vue des Cordillères. Alex. Humboldt.

otros las más veces como acabados de elaborar. (7)

Os principaes museus do mundo, especialmente o Museu Archeologico de Madrid, guardam religiosamente essas preciosidades prehistoricas, possuindo a instituição scientifica a que alludimos uma collecção de 600 vasos, offerecidos á Hespanha, em 1788, pelo bispo de Trujillo e descriptos modernamente pelo Dr. de la Rada, actual director da secção Archeologica daquelle Museu.

Dentre as collecções particulares mais conhecidas avulta a do Dr. José M. de Macedo, que, durante 20 annos de excursões no littoral do Perú, reuniu tres mil specimens de vasos ceramicos, levados á Paris ante a ameaça da invasão chilena, e que devidamente catalogados, fôram expostos á rua Lafitte.

O Museu do Rio de Janeiro conta entre os seus artefactos archeologicos, dos quaes os mais completos são precisamente os que se referem á ceramica prehistorica, grande numero de vasos peruanos monocromos e polycromos, sendo que alguns foram reproduzidos na conhecida obra de Wiener, «Pérou et Bolivie» como tendo pertencido ao ex-imperador do Brazil.

Do que deprehendemos de observações proprias, apoiado no criterio dos archeologos que mais detidamente têm perlustrado a materia, os vasos peruanos são constituídos de argilla commum, máo grado a affirmativa de Wiener, quanto a ter encontrado nelles kaolim, devendo-se attender a que a diversidade de coloração, dependente, em geral, do gráo de cosimento, da finura da pasta e de sua homogeneidade, provem, na maioria dos casos, da addição á argilla de pó de carvão, cinza ou graphito.

Além desses materiaes, os oleiros peruanos reuniam á pasta, palha finamente desfiada, pratica muito vulgar entre os egypcios, ao tempo dos Pharaós, como se vê do Capitulo V do Exodo, conchas, mica e em alguns vasos de Trujillo, de que procede a valiosa collecção do Museu Archeologico de Madrid, foi encontrado ouro de lavagem.

A composição da pasta desses productos ceramicos e os meios de as analysar têm attrahido a attenção dos antiquarios, mórmente depois do Congresso dos Americanistas realizado n'aquella Capital, em 1881, salientando-se, na actualidade, dentre os que mais se devotam a esse trabalho, M. Bamps, representante do governo belga no referido certamen scientifico e M. Wilhelm Prinz, secretario da «Sociedade Belga de Microscopia».

Postergado o processo chimico, até então em voga, entendeu M. Prinz identificar as pastas ceramicas com as rochas, adoptando, em consequencia, para a respectiva analyse, a pratica seguida pelos lithologistas, isto é reduzir-as a lâminas finissimas, levando-as ao campo do microscopio, e d'ahi a affirmação de que a louça peruana é a melhor confeccionada da America precolombiana.

A essas qualidades excepcionaes accresce a semelhança entre esses specimens e os productos

congeneres dos povos mais adiantados da Europa, no periodo anterior á historia escripta. O classico Longpérier applicou o termo de *Aryballos* a uma serie de vasos de fundo conico e de azas lateraes, descobertos por Angrand em Juculhy, ao noroeste de Cuzco, offerecidos pelo mesmo archeologo, em 1850, ao Museu do Louvre e hoje pertencentes ao Museu do Trocadéro.

O eminente ethnologo Dr. E. T. Hamy (8) diz que os *Aryballos* do Perú, (de que é representante o vaso pertencente ao nosso Museu e incluido no presente artigo na estampa 1.) lembram os vasos antigos da Italia e accrescenta que as analogias são mais frisantes quando se faz a comparação com alguns de origem Corinthia, descobertos em Cervetri, a antiga Cœre, cidade da Etruria e com as peças de stylo geometrico da Attica.

Os *aryballos*, de que se trata e que já haviam sido figurados, a proposito desse confronto, nas obras de Castelnau, Alcide d'Orbigny, pertencem, como o *Lecythus*, á classe dos vasos para perfume, da ceramica atheniense e, segundo a descripção de Edouard Garnier, em tudo accorde com os exemplares das collecções do Museu, eram vasos destinados a conter oleo para os exercícos do gymnasio e, conforme sua antiguidade, ou são absolutamente esfericos, com o gargalo estreito, terminado por um largo rebordo horizontal ou têm, algumas vezes, o corpo ovoide e o pescoço terminado por uma abertura semelhante á dos *lecythi*, procedentes da Attica.

Julgamos, portanto, de mais estricta exactidão comparar os referidos vasos peruanos, dos quaes



Composição da pasta e decoraçáo identicas as do 2º vaso—  
altura dos vasos communicantes  
o,m 157 e o,m 129—largura o,m 173—capacidade o,l 370

possue o nosso Museu dous specimens perfeitamente eguaes ás gravuras insertas na obra de Castelnau e na de Wiener, com a nota de terem sido encontrados em Quenco, ás amphoras egypcias de fundo conico e providas de azas proprias para suspensáo, idéa que foi adoptada no estudo e classificaçáo da ceramica antiga do Museu de Sévres, filiada ao genero das louças molles, fôscas de Brogniart.

(7) America Precolombina. Sentenach y Cabañas.

(8) Galérie americaine du Musée d'ethnographie du Trocadéro.

Essa e outras analogias têm permitido hypotheses arrojadas sobre migrações precolombianas e procedencia dos povos indigenas da America, algumas das quaes se acham condensada nas obra classica de Frei Gregorio Garcia «Origen de los indios», quando seria mais curial aceitar com Tylor (9) que esse phenomeno da civilisação resulta, de uma parte, da semelhança geral da natureza humana e, de outra, da semelhança das circunstancias proprias da vida.



Vaso identico ao anterior—altura dos vasos communicantes o, m 163—largura o, 224—capacidade o, l 820

Os oleiros contemporaneos dos incas representavam na variedade innumeravel de seus vasos a flora a fauna de seu paiz, os diferentes typos anthropologicos, diversas scenas de sua vida social e politica, perpetuando por esse meio quer o valor de suas riquezas naturaes, quer os caracteristicos de sua civilisação.

O Dr. de la Rada observa que é com razão que se diz poder-se estudar a zoologia e a botânica do Perú nas formas dos vasos antigos e é tão exacta essa affirmativa que M. André, em presença da collecção de vasos peruanos pertencentes a Ch. Wiener, poudé determinar scientificamente os fructos que elles representavam, assim como as aves, e os quadrupedes foram classificados por M. Onstalet, então naturalista ajudante do Museu de Paris.

As representações humanas, são em numero consideravel, comprehendendo todo ou parte do corpo, havendo grande perfeição nos que representam cabeças, á parte o exagero nas proporções do nariz e das orelhas, conforme a plastica peruana, sendo de notar que o artista não excluiu as deformidades ocasionadas por diferentes molestias.

Nessas representações figuram guerreiros, civis, padres, augurios ou advinhos, musicos, caçadores, pescadores etc., scenas religiosas, actos offensivos do pudor e até affecções morbidas, podendo servir de exemplo, nesse ultimo caso, um vaso reproduzindo uma perna inchada com os caracteres symptomaticos da elephantiasis, como existe no Museu Archeologico de Madrid, molestia que o Dr. de la Rada teve ensejo de estudar em certas zonas do Perú e que lhe parece ocasionada pelo uso constante do milho como principal alimento.

(9) La Civilisation Primitive. (Edward Tylor).

Na «Exposição Historico-Americana» promovida pela Hespanha e realisada em sua Capital, no anno de 1892, com o concurso da maioria das Republicas da America, figuraram diversos vasos peruanos representando deformidades pathologicas e entre essas assignala o relatorio da Commissão norte-americana uma produzida por um lupus e caracterizado pela destruição de uma das narinas, do septo do nariz e do labio superior.

«Tour of these objects from Chimbote and one from Trujillo represent Indian women with the alce and septur of the nose and some times the upper lip obliterated by a disease which a Spanish physicien assure me can be clearly diagnosed os lupus. Another represents a woman with the feet eaten away». (1)

Os vassallos dos poderosos e discricionarios incas utilisavam tambem a argilla na factura de instrumentos de musica, flautas (*pincullú*) que serviam, como disse Ferdinand Dénis, citado por Garnier, para acompanhar os seus cantos nacionaes, tão repassados de melancolia que foram designados sob a denominação de *Jaravis*, tristes, ou *haravis* conforme a graphiade Tschudi e Rivero, (2) ao transcrever tres desses cantos monotonos.

De todas as demonstrações dessa arte maravilhosa nenhuma, porem, revela maior clarividencia, mais fina intuição artistica do que os *vasos silvadores*, cuja construcção baseava-se na lei dos vasos communicantes e que modernamente assumem tão alto valor nas colleções de antiquidades.



Vaso 6º silvador semelhante ao anterior quanto a pasta e a decoração—Representa uma coruja

Dos vasos sagrados descobertos nas sepulturas do antigo Perú e nos quaes eram collocadas as provisões de chicha, coça, milho etc., conforme a cerimonia das pompas funebres decorrente da crença na immortalidade da alma e em sua resurreição, eram realmente esses os mais interessantes e não ha escriptor ou archeologo americano que os não descreva com especial cuidado.

(1) Re sorts of the United St'ates Commission — pg. 261. (2v Antiquidades peruanas) pg. 135.

Os vasos silvadores, como se vê das estampas 2, 3, 4 e 5, representando specimens existentes no Museu Nacional, que os possui em maior numero, são constituídos por dous vasos que se tornam communicantes por um conducto intermedio e têm apenas uma abertura mais ou menos ampla que dá passagem á agua, sendo a outra extremidade munida de um pequeno orificio por onde escapa—o ar. Esta ultima parte é encimada por figura de animal ou de homem, quando qualquer dessas representações não abrange todo o vaso e a disposição deste é tão engenhosa que desde que se lhe introduza um pouco d'agua pela abertura livre, com o movimento da direita para a esquerda e vice-versa, o ar, escapando-se pela contra-abertura livre, produz sons melodosos e chega a imitar o canto, o grito dos animaes e a propria voz humana.

Charles Wiener, descrevendo os nove vasos silvadores figurados em seu notavel trabalho (Pérou et Bolivie) diz que o indigena peruano se esforçava por dar a faculdade da palavra aos seres de argilla que modelou, soube ensinar a seu macaco e a seu papagaio a gritar, o seu homem que bebe a dar gritos de satisfação.

«Il sait faire pleurer sa statue, enuncia o conhecido americanista, e de facto alguns *vasos silvadores* choram.

Conhecendo a extrema porosidade da argilla, o ceramista tornou mais fina, mais delicada a parede do vaso, ao nivel do canto do globo ocular, de sorte que, cheio completamente o vaso, a agua exsuda atravez desse ponto, cahe lentamente sob a forma de lagrimas e estas deslisam pela face.

Os vasos *silvadores* que reproduzimos como representações de quatro animaes diferentes, o gato, o papagaio, o macaco e um passarinho—cuja especie se não distingue, tem as mesmas particularidades de seus similares, verificadas em repetidas experiencias, que mais radicaram em nosso espirito o culto que nos impõe a civilização dos antigos filhos do sol, dos habitantes do grande imperio de Manco Capac.

De par com outros thezouros archeologicos, elles demonstam a importancia inegalavel da ceramica como restructora de um passado que precedeu aos tempos historicos e como guia seguro para os investigadores abnegados a cujas locubrações se deve a attestação da alta antiguidade da America.

DOMINGOS SERGIO DE CARVALHO.

Professor do Museu Nacional



## CIUME POSTHUMO



—É curioso!... Esta flôr geme nos meus dedos.

Disse-nos Raul, ao termo d'uma noite, na sua predilecta salêta da frontaria, correndo os dedos pelas finas escamas de uma sempre-viva, colhida nessa manhã, que fôra de Finados, em uma cova esquecida.

Tinhamos accendido luz no tripede velario de bronze, uma preciosidade pompeiana que elle, por originalidade do seu ineditismo de artista educado e fidalgo, conservava como unico meio de alumiar esse riquissimo, miúdo bazar de raridades. E como o ar pesasse, carregado e feio lá fôra, abrimos as duas estreitas vidraças de cedro esculpido.

Foi preciso, porem, descer as cortinas de gaze negra, *gonachadas* bizarramente pela fantasia de Giacomelli n'uma exquisita theoria de passarinhos tropicaes e ramos de lilazes, para desviar o ultraje da curiosidade burgueza a esse mysterioso interior de afortunado senhor, mancebo e iniciado, que consummia o ouro capitalisado de avengos celebres n'uma deliciosa existencia de *Mago*, sem convivio que lhe pudesse prejudicar as subtilizas e exotismos da sua nevrose.

Estirado na ottomana polychroma, uma cigarrilha no labio, Raul continuava, preguiçoso, a amaciar caricias sobre a corola pluripetala, como um antigo pagem, elegante e loiro, deveria ameigar a cabecita emplumada do falcão realengo, por saber dos beijos que a princesinha herdeira lhe dera no transbordo d'alegria, á volta da caçada venturosa.

—E' curioso isto! Esta flôr queixa-se ou segreda-me o quer que seja.

Fanny, uma felina rapariga cultivada pela existencia dissipadora de dez annos d'Europa, nossa companheira na restricta, ignorada *elite* de Raul, que exemplarisava ao seu sexo a independencia espiritual da mulher sem as preoccupações sensua-lisantes da feminilidade, tomou a sempre-viva para, por si propria, constatar a observação. A flôr, porem, insensibilisou-se.

Fanny persistiu, colmou-a de ternuras, aranhou os finos dedos fusilados por suas escamas jaldes, arrebitou-as, feriu-as com a lancêta polida das unhas roseas, e ella sempre muda, n'uma lethargia profunda, nulla sob as lindas garras febris da nervosa ruiva!

Eu, por meu turno, fiz tambem a experiencia; mas, em mim, a incredulidade destruia a necessaria perscrutação do phenomeno. Não colhi melhor resultado.

Raul apoderou-se della outra vez e outra vez a crassulacêa gemeu, balbuciou o ruge-ruge de suas petalas, tal se produzido fosse pelo attrito d'uma delgada lasquilha de malacachêta. Dir-se-ia, ao ouvir-a, articulando sons, n'uma inexpressão dolorosa, inintelligente de boca fruste...

Encolhi os hombros:

—E' a nossa fantasia que trabalha neste isoterismo floreo...

—Que seja!—concluiu Raul.

Ergueu-se, foi deposital-a n'um vaso ampulado de Hien-fong, ostentoso entre objectos artisticos d'Oriente, sobre a caixa d'um contador medievo, com pregaria e fechos de velha prata em recorte italiano. E para não perder a oportunidade d'um agradavel thema de palestra, elle volveu á ottomana.

—Eu acredito na metempsychosis—disse, gravemente.—Talvez não saibam...

—Então, esta sempre-viva...

—Póde ser a alma d'alguem...

—Que te houvesse silenciosa, obscuramente amado, em vida... A tua Ophelias...

Ironisou Fanny.

Raul, porém, affirmou:

—É sério. Póde bem ser dessa Maria Eugenia, de quem já lhes falei. O que vocês não sabem é que eu a amei sinceramente e, se não fosse o temor de uma acção indigna dos brios de cavalleiro, talvez mesmo da minha nevrose de *Mysterio*, eu a teria esposado! Maria Eugenia possuia a tentação classica das Heloissas, o tom e a pallidez cerosa das soffredoras do Amor, monjas apparamentadas de noivas que mariposam, n'uma ronda ciliciosa de suspiros e volatas, em derredor da enluarda amorphophalla dos sonhos... Ella era dessas morbidas: exterioridade promettedora de meiguices raras na plastica nocturnisante das Visões. Dois obstaculos assediavam a sua lindeza de cysne lohengrinesco, impedindo-me a resolução —uma parentela rude e a sua vulgarissima educação de menina romantica. Temendo esses dois abysmos, um guardado por Monsieur Prudhomme e outro



por Mimi-Suspiro, recuei, fugindo da infecção amorosa, porque, em verdade, Maria Eugenia era uma mulher seductoramente empolgante, desafiava o instinto, acabaria por matar-me...

—E por causa das duvidas você matou-a.

Raul respondeu-me:

—Não. Quem a matou foi a sentimentalidade, por engorgitamento... Ora bem; morta a pobre rapariga, vai isso para dois annos, se tanto!... e não tendo seus parentes recursos para lhe darem um tumulo de preço, provavelmente o seu lindo corpo ficou apodrecendo n'aquella terra, que eu irreverentemente pisei e aonde colhi a flor que nos preocupou...

—De mais, continuou elle, uma vez na India (foi em Agra) sendo eu convidado por um Khôdja, que me distinguia com preciosos favores de sympathia, para um almoço em sua vivenda, realisamos a nossa festa de amisade no jardim, junto do tumulo de sua primeira e unica mulher.

«Ao terminar o repasto, accesos os narghilehs e aos deliciosos goles do fumegante Moka, o Khôdja Abou Omer-Soleiman Dâoud arrancou um jasmim nascido n'aquelle amado canteiro tumular e me iniciou n'um extraordinario goso olfativo com transcendentalismos psicicos.

«Mandou-me colher, por minhas proprias mãos, outro jasmim do mesmo canteiro e disse-me que inhalasse o seu perfume. Obedeci.

«Bem — observou o Khôdja — agora, cheire este que tenho entre os dedos...»

«Realmente, o olor do que elle tinha em mão era como avelludado, semelhante a uma caricia consoladora e lenta de resignada, ou semelhante ao halito quente de uma boca de soluços a dizer a primeira palavra de perdão. Trocamos as flores; a que passou para mim, perdeu a singularidade do seu perfume, confundindo-se com os demais jasmims da sua especie, e a que cedi ao Khôdja ganhára o exhalo suavissimo e caracteristico do primeiro. Admirei-me, mas a prova era flagrante.



«Abon Omer-Soleiman Dâoud fez-me uma prelecção erudita a respeito e prometeu-me, no pro-

seguimento da nossa amisade, desvendar outros mysterios do *Ktab*...

Nessa jubilosa manhã de almoço, aprendi, nas terras ferteis da India maravilhosa, que as flores não só recebem as propriedades organicas dos corpos que lhes estrumam a terra, e que suas raizes selectam consoante ás necessidade de suas especies, como recebem, tambem, o fluido vital e consciente que os conduziu pela existencia humana...



«Foi por este motivo que eu trouxe da sepultura de minha amante, no *Père-Lachaise*, aquelle ramusculo de myosotis, que conservo no Hien-fong... Ha momentos em que, a deshoras, durante o extasis das minhas meditações de leitura, eu o vejo revicejar como as rosas de Jericoh, e eu o comprehendo, porque lhes sinto os cuidados, as meiguices, da minha amorosa Yvonne... da minha pequerrucha, morena marseleza...»

Raul calou-se, pasmado para Fanny. No scintillar das pupillas della esfuziavam clarões d'uma im-

pressão espectral; a face pallida tornára-se-lhe terrosa.

— Reparem!... — ella exclamou — Aquella sempre-viva move-se na borda do vaso...

Fixamos o olhar na ampula. Sem duvida, a flôr inclinára-se demasiado para o lado opposto ao do ramusculo de myosotis, sem duvida... Mas, durante o tempo que a notamos, a sua immobilidade foi completa. E, com a minha incredulidade de materialista falsificado, procurei explicar o caso por uma influencia do calor, entrei logo nas demonstrações da Physica com notavel tibieza de conhecimentos tarrafados em bibliothécas d'algibeira, e d'um elementarismo quasi pó, tão insignificante que eu mesmo não despegava o olhar do Hien-fong, menos curioso que impressionado.

E fui notando que, pouco a pouco, a crassulacéa mais se inclinára, apenas equilibrada pelo mergulho do pequenino hastil, e, com a lentidão d'um fumo tenuissimo que se desprende, arredava-se, de vagar, do contacto d'aquelle ramo a que o estreito cano da porcellana chinesa a cingia. Lento e lento o bello corymbo falde vergou-se no bordo. Não havia a mais leve viração. Era evidente que a flôr

tinha movimento. Attendi-a. E vi, por vezes, um arrepio encrespar suas escamas, fazel-a estremecer. Depois, notei bem ditinctamente que ella se debruçava dolorida e desenganada, e mais pendia, sempre a mais, sempre vagarosa, e a mais e a mais té deslocar-se de todo, mal segura pelo incurvamento imbelle do pendiculo. Por fim, tremeu de leve, e em silencio — quédia de-lagrima que a angustia róla — despenhou-se do contador n'uma molleza dolente de criança a morrer.

Raul, rapido, levou a mão ao peito; empallidecera, o olhar ficára-lhe barbaro, d'espanto, e em movimento brusco de defeza voltou-se na ottomana, como se acompanhasse a sombra caminheira de um duende que tivesse passado por suas costas, altiva, inalteravel, fria, lenta, branca e vingadora.

— Que fôra?... — inquirimos assustados, n'um estrepido confuso de idéas.

E elle, a procurar sorrir-nos:

— Eu não lhes dizia acreditar na metempsychosis?... A alma de Maria Eugenia andou por aqui. Eu vi.

GONZAGA DUQUE.



SUPREMA ADORAÇÃO

A Mario Barretto

I

Suppões que te esqueci e julgas que me esqueces  
Afogado no pranto a paixão, que reanimas  
Em seguida, a ceifar sonhando ao Goso as messes,  
Sem que do excelso amôr o seio desoprimes...

Soffro tanto por ti quanto por mim padeces,  
E, pleno d'essa dor que se extravasa em rimas,  
Desmancha o coração em soluços e preces,  
Fructifica do Ideal as arvores opimas,

Busco o verso immortal das grandes epopéas  
Attonito a correr florestas encantadas,  
Seguido em procissão por demonios e déas,

A cantar-te atravez de noites e alvoradas,  
Escutando em meu craneo o rumor das idéas,  
E em meu pulso do sangue as céleres pancadas...

II

Como te hei de esquecer se levo a toda a parte  
E em toda a parte sinto a febre que me accende  
No cerebro, o desejo immenso de prestar-te  
A extrema adoração que a Deus no ceu se rende?

Como te hei de esquecer se não posso arrancar-te  
Da alma, e, cheio de ti, oh noiva amada! attende:  
De estrophes levantei um regio templo de Arte,  
Onde em delubros de ouro, o nosso amor splende...

Como te hei de esquecer? E as grandes juras tantas  
E eternas que te fiz, durante algumas horas,  
De ajoelhado viver a te beijar as plantas?!

Como te hei de esquecer se eu te amo e tu me adoras?  
Se rio quando ris? se canto quando cantas?  
Se, em lagrymas, te bebo as lagrymas que choras?

## TYPOS E SYMBOLOS

### O SENHOR DO LAR

E' a ti que me dirijo, bom Burguez, amigo da tua casa e do teu socego, creatura retrahida e pacifica, para quem essas quatro paredes representam o baluarte inexpugnavel do Lar, garantido no Codigo e abençoado por Deus, e o que dentro dellas se passa alguma coisa de sagrado, defendido dos olhos dos transeuntes por cerrados systemas de cortinas e dos ouvidos da visinhança pelo cuidado que pões em nunca altear a voz, nunca mandar o teu entusiasmo, ou a tua ternura, ou a tua colera além do passeio estreito da tua rua; é a ti que lamento, homem concentrado e cauteloso, sempre aterrado com as ameaças do escandalo, sempre preocupado em attentar, reprimir, abafar as risadas e os gemidos da tua intimidade e tão perseguido pelo susto de que um indiscreto possa enfiar uma olhadella pelo postigo do teu sotam, ou um bisbolhoteiro possa commentar em rodas de má lingua as ramagens exóticas do teu chambre ou a abatida lividez das tuas melancholias, que nunca atravessas um corredor ou varas, apressado, para o quintal, sem reparar se te estarão espiando, se alguém, á coca, tenta surprehender algum momento menos trivial da tua existencia; é de ti que sorrio, esposo e pae amantissimo e exemplar, cheio de orgulho quando chamas teus á mulher e aos filhos, cheio de precauções quando a mulher vae á janella mostrar a quem passa as meiguices do seu semblante honesto ou os filhos vão ao portão exhibir os calções enxovalhados da terra do jardim, os bibes lambuzados de gulozeimas — homem todo reservas e todo zelos, homem do teu canto, homem do teu ninho, homem da tua tranquillidade e do teu mysterio...

Com effeito, és duma angelica ingenuidade, com esse principio de lar fechado a todos os curiosos e esse systema de vida couraçada e artilhada contra todos os importunos. Tenho pena de ti, porque és bom e tudo aquillo de bom e não de mau o fazes; mas sorrio regaladamente á tua custa, pela cega que me produz a inutilidade das tuas cautelas, dos teus escrupulos, das tuas bellicosas prevenções. Coitado! Bem poderias erguer á altura duma torre o teu primeiro andar; conservar as portas e janellas trancadas noite e dia; atapetar toda a casa e prescrever a toda a familia o chinello de corda; instituir no recesso augusto a que já por um cioso exclusivismo de fera retrahida chamas a tua toca, aquelle voto dos antigos monges silenciarios... Podias erguer-te ás nuvens ou descer á profundidade das cisternas; reprimir o mais ligeiro frouxo de hilaridade e abster-te de fazer chiár na testa candida da esposa ou na bochecha rosada dos pequenos os beijos do teu labio já tão comedidamente amoroso; mandar os criados por signaes e recalcar para as profundas do peito a commoção entrecortada do soluço... Podias usar de todas essas precauções e de

muitas outras ainda, que o pavor da alheia observação e do alheio commentario te suggerisse. Porque, pobre de ti, o que de fóra se não enxergaria e para cá das tuas paredes em momento nenhum transpiraria, alguém o iria sempre devassar lá dentro, todos os dias, a hora certa, com a mais desceremoniosa das liberdades e a mais segura das pontualidades; alguém zombaria das tuas trancas dobradas e do exagero forçado até a mania, das tuas combinações de sigillo; e, sem pés de lã, sem os cuidados de quem espreita, sem as astucias de quem entra onde não deve, lá iria, fatal e naturalmente, metter o nariz profanador nos escaninhos do teu sacrario, introduzir todas as maldades e todas as impurezas do mundo nesse templo onde, por vontade tua, nem o proprio sol penetraria, se não fosse tão necessario á vida e á alegria dos teus.

Esse alguém, esse profanador, esse vandalo, e um forte rapazola em cujo labio mal aponta o buço e em cujos olhos se espelha toda a esperteza e toda a manha duma carreira social em que ser esperto e manhoso representa uma imprescindivel condição de triumpho. Peñas que perde tempo em apuros de vestuario e se dá ao trabalho de concertar maneiras para te visitar? Não, meu velho; é na mais commoda e resumida das *toilettes* que elle se atreve a franquear o teu portão de ferro, sem receio de que a campainha o denuncie como um intruso e um desaforado; a rodear o teu jardim, atirando sopapos ás rosas e arrancando para regalo do seu nariz mettediço alguma folha de aroma forte e agreste; a enfiar pela porta da cosinha o rosto deslavado, que ás vezes leva uma ponta de cigarro ao canto da bocca e sempre uma rebelde mécha de cabellos a adejar sobre a testa. E como se annuncia? Pede licença, como qualquer de nós? Bate as palmas, timidamente? Murmura, ao menos, com alguma reserva, o nome da tua cosinheira? Qual, meu velho! Com um desplante e uma arrogancia pimpona que nem o teu maior credor, dentro do ultimo palmo da tua propriedade; ousaria assumir; como um conquistador que chega ao centro dos seus dominios; como um rei que manda a vassallagem por-se a postos, para elle passar, soberbamente; como um desposta, como um senhor. E quanto dos labios lhe sae, nesse momento affrontoso em que ganha as lages da tua cosinha, é uma palavra secca, atrevida, soberana:

— Caixeiro!

Resmungo e entra. Leva o lapis atraz da orelha, uma caderneta na mão. Se lhe dão os bons dias, responde por favor; a tua cosinheira detesta-o em silencio, elle despreza-a francamente. Já á copeira, não; a copeira é mulata, enleva-se na face rosada do meliante, nos seus fortes braços arregaçados, no fulgor patusco dos seus olhos, em toda a sua alentada pessoa que respira mocidade e parece vender saude. A' copeira, porque o admira e baixa os olhos reboludos á sua passagem, corre-lhe a mão pelo queixo, diz-lhe coisas perturbadoras. Depois, abre a caderneta, lambe a ponta do lapis, prepara-se para escrevinhar; a cosinheira, com vontade de lhe saltar ao topete, vae encommendando o feijão e o

arroz de que tu precisas naquelle dia; e o bandido, enquanto rabisca, relambendo o lapis a cada genero, namora a tua mulata, espia pelo corredor que vae dar á tua sala de visitas e eis se não quando, apparece tua sogra, a quem elle logo indica o palpite do *Jornal do Brasil* e a quem invariavelmente vende dez tostões de bicho.

Comprehendes agora, innocente e cega creatura? Rompendo pela tua habitação como christão por terra de mouros, dum só relance o malvado toma conta do que nella se passou na vespera, fica sabendo, mais ou menos, quanto nella agora se faz, se pensa e se sente. Surprehe no rosto de tua esposa a primeira impressão do dia, colhe palavras soltas a que a sua imaginação de finorio completa o sentido e a intenção, quando não escuta os segredos que confias aos teus, por traz das venezianas traçoeriras; descortina o teu interior, assenhoreia-se das tuas intimidades; perturba e desencabeça as tuas servas, provocando os odios duma, á outra despertando o amor; e introduz-te na familia o vicio do jogo tão intensa e nefastamente, que não é só tua sogra a sonhar com o elephante, o avestruz e a cobra, tambem teus filhos, as tenras e innocentes creanças que ainda não sabem ler e mal sabem fallar, já sabem dizer que dá o *buló*, a *caba* e o *zagalé*!

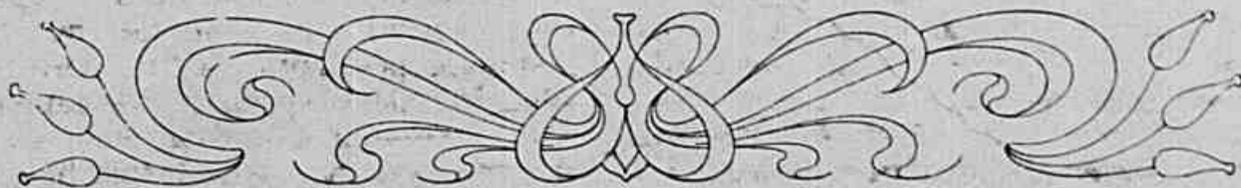
E responde tu agora, anda, tu que és tão escrupuloso e tão energico: acaso podes evitar esse flagello em figura de gente, esse raio destruidor dos bons costumes, da austeridade, da virtude do teu lar? acaso podes recusar-lhe o accesso á morada augusta, para cujas portas te não parecem sufficientes todas as fechaduras e varões e em cujas janellas ciosamente porias cortinas dobradas, se não fora o perigo de roubares á familia todo o ar e toda a luz? Podes lhe ordenar que fique lá fóra, nos fundos do jardim, á espera dessa encommenda que é o seu pretexto de invasor? podes, no sagrado direito que te assiste de defender com unhas e dentes o teu baluarte de honestidade e de pudor, castigar-o, pela sua arrogancia, as suas impertinencias, a sua mexeriquice e a sua libertinagem?

Não podes; elle é incombatiavel, inevitavel; duma vez que em tua casa houve doença e os

medicos e boticarios te esgottaram as economias, atrazaste-te na venda duas semanas—e elle possui esse segredo da tua adversidade; amanhã, para o mez que vem, talvez novamente deixes de satisfazer a nota do sabbado, imperiosa e formidavel—e novamente precisarás da sua generosidade. Tem-te nas unhas, o monstro! Além disso, temel-o pela sua lingua; quando o vês sahir do seu jardim e entrar no jardim do visinho, acodem-te sempre as coisas torpes e perigosas que elle poderá ir contar, as novidades que poderá levar dessa curta estadia entre as tuas paredes. Sim, elle sabe tudo; quando a tua esposa lhe apparece com os olhos avermelhados, logo fareja os desgostos e lutas do vosso amor nem sempre comprehendido pelo accordo perfeito dos vossos corações; as creanças, com a sua tagarellice inconsciente, revelam-lhe ás vezes numa phrase, capitulos inteiros da vossa retrahida existencia; a copeira que o ama, segreda-lhe tudo o mais que se passa, se diz, se goza, se soffre nos teus penates; e eil-o habilitado a espalhar a tua vida por ahi fóra, a critical-a, a commental-a, ao sabor das suas birras e sympathias dum momento, conforme as impressões que leva na rude cachimonia de caixeiro e de tyrano. E tu, ao final das contas, que tens a fazer? Corre!-o a pontapés? Não, só te resta a fazer o que na verdade fazes: supportal-o, atural-o e, não pela tua, mas pela bocca da tua familia e dos teus servos, sorrir-lhe e encher-lhe a vaidade de adulações.

Com effeito, meu velho, pesando tão fortemente nas tuas finanças e governando com tal despotismo os teus pensamentos, é elle que manda em tua casa, e dirige tudo, e dispõe de tudo; o seu lapis rombudo escreve o teu destino na sordida caderneta que é tambem a tua historia; nas suas mãos, está a tua tranquillidade e o teu credito, todo o melindroso systema da tua felicidade; pode envenenar-te, pode roubar-te, pode arruinar-te, pode infamar-te. E tu, que podes fazer contra elle? Asolutamente nada. Ora já vês, meu velho, que é elle, e não tu, o verdadeiro senhor do lar.

JOÃO LUSO.



## ESTYLOS EM ARCHITECTURA

## IV

## ESTYLO ROMANO

"... Mas os povos tinham já repellido a sequidão moral de uma doutrina (protestantismo) cujas diversas seitas só concordavam em rejeitar as melhores instituições do Catholicismo—o purgatorio, o culto dos santos e sobretudo a adoração da Virgem, verdadeira Deusa dos corações meridionaes."

(Augusto Comte—*Politica Positiva*—tomo III—pags. 548.)

A grande dominadora da antiguidade pagã, o berço de génias artistas creadores dessas obras primas, escriptorio sagrado das épocas medievas, reliquias primorosas do passado, a formosa Italia, templo das bellas artes, patria da harmonia; tem por capital o cerebro effervescente do mundo estheticó—Roma—, centro da civilisação da Edade-Media, coração do Catholicismo, antiga capital do mundo civilisado, orgulho desse passado guerreiro de Cesar e de Trajano, gloriosa dos reinados de Augusto e Setimo Severo, após uma época de despotismo e crueldade, orgia e libertinagem de Caligula e de Nero, de Agrippina e Lucrecia.

E foi ali, nessa Roma, nessa cidade eterna, antiga metropole do mundo artistico e politico, e, ainda hoje, metropole do mundo catholico, morada do Papa e do Rei, abrigando o Vaticano e o Quirinal; e foi ali nessa Roma cortada pelo Tibre, nessa velha Urbs, cidade por excellencia, sacrario das artes e onde se encontrão as mais raras estampas e os mais bellos quadros, as obras de arte dos mais inspirados pintores, esculptores e architectos; e foi ali, na grande capital do reino unido, gloria de toda a humanidade, centro da raça latina, que surgio esse estylo soberbo e grandioso, termino das artes gregas e inicio do renascimento—o *estylo romano*—, attestado em toda a sua pujança e grandeza nesses bellos e sumptuosos monumentos, desde o *Portico dos Deuses* até as *Columnatas de Paros*; desde os *arcos de triumpho de Setimo Severo, Constantino, e do Colloseum*, até o *Palatino* e o *Capitolio*; e os templos do Renascimento de Bramante e Miguel Angelo, verdadeiros monumentos artisticos, abrigando, sob as abobadas e arcadas, a meiga e doce Virgem do Catholicismo, essa encantadora *Madona*—“Virgine Madre, Figlia del tuo Figlio.”

\* \* \*

A base do estylo romano é a *arcada e abobada*, é o predominio da *linha curva* substituindo a *linha recta* do estylo grego, o gracioso substituindo o monotono, o sentimento do movimento succedendo o da quietude a aridez da symetria pelo assymetrico artistico, o arco esbelto correndo de uma aléa a outra, em vez da architrave pousada directamente so-

bre a *columna*; e emfim, a immobilidade solemne da *architectura architravada*, substituindo a immobilidade scientificamente severa da *arcada e da abobada*.

A *linha recta*, segundo Pythagoras, é o symbolo do indefinido, porque representa o traçado monotono, identico e sempre igual, em todo o desenvolvimento intermino; a *linha curva*, porém, representa, em opposição, o determinado e o relativo, tendendo constantemente para a origem, affastando-se a principio para reunir-se logo após, divergindo no começo para convergir mais adiante.

No templo italo-grego de *Pestum* e na *Acrapole* a *linha recta* produz a impressão do sublime; no *Pantheon de Agrippa* e nas *Termas de Caracalla* a *linha curva* produz a impressão do grandioso.

Quem estudar o estylo romano em suas minucias e detalhes, verificará claramente a tendencia manifesta desse povo legislador, administrador e conquistador por excellencia, para a *architectura curvelinea* do arco e da abobada, da volta e do circulo, de preferencia aos alinhamentos rectos.

Os Romanos conciliaram a utilidade com a arte, a belleza e elegancia dos monumentos com as vantagens praticas das producções artisticas.

Comparando a *architectura grega* com a romana, a divergencia surge immediatamente, embora, a primeira vista, a semelhança nos traços geraes de ambas illudam o observador.

O estylo romano baseia-se em sentido diametralmente opposto ao grego; a construcção visa a satisfacção de uma necessidade, a arte coadjuva a sciencia, o artista trabalha com o tecnico, o material auxilia o ideal e vice-versa.

Os architectos gregos não differencavam constructores de artistas, a construcção era a arte, ao passo que para os romanos a forma artistica era independente da construcção; assim, para elles, a severidade architectonica do conjuncto imprimindo ao edificio a idéa da ordem, da magestade e do decoro, satisfazia por completo as condições e exigencias da construcção.

O architecto grego preocupava-se demasiadamente com a belleza da obra, esquecendo as demais exigencias architectonicas, porque para elle a obra nasce da arte; o architecto romano, contrariamente, liberta a arte do predomínio na construcção, e esta surge então imponente e com as verdadeiras características dos monumentos architectonicos por excellencia, isto é, a solidez e a estabilidade.

Em uma palavra, o architecto grego é mais artista do que engenheiro, ao passo que o architecto romano é mais engenheiro do que artista; assim os architectos gregos da Sicilia e da Magna Grecia foram, por assim dizer, exquisitos e delicados artistas, enquanto que os romanos demonstraram sempre excellentes aptidões technicas e conhecimentos profundos de engenharia. Em relação a arte propriamente dita, os romanos nada tinham de original, elles possuíam elementos seleccionados do que a arte colhia de melhor nos outros povos, demonstrando assim tendencias artisticas manifestamente ecleticas, mas de um ecletismo *sui-generis*.

Estabelecidos no centro da Italia, tendo ao norte a Etruria e ao sul a população grega, os Romanos combinaram a architectura propria com os elementos reunidos daquella e desta, escolhendo o melhor e mais aproveitavel de uma e outra; o que resalta immediatamente num estudo rapido do estylo romano.

A combinação da volta etrusca com a architrave grega, produz incontinentemente o contrasenso da platibanda apoiada sobre o arco; porém essa construção exquisita e excepcional, vem mais uma vez evidenciar a tendencia manifesta do architecto romano para o exclusivismo na arte, creando uma maneira de fazer especial, um estylo pessoal a todo o transe.

Os architectos romanos empregavão a construção architravada no exterior dos templos, e, a despeito das tradições religiosas, adoptavam indistinctamente a platibanda e o arco nos amphitheatros, thermas e portas triumphaes; monumentos estes representativos do mais completo e legitimo desenvolvimento do estylo romano.

O architecto romano não era artista nato, na acepção mais ampla da palavra; d'ahi a constante preocupação do destaque pelo grandioso e riqueza do conjuncto em detrimento da elegancia, gracioso e belleza da construção; abandonando por completo a preocupação com a escolha das variadas formas de ornamentação adequadas ao estylo, em proveito da grandeza das muralhas de alvenaria e estabilidade da construção, esforçando-se comtudo para conciliar a elegancia com a solidez, e considerando-se em extremo satisfeito uma vez conseguido esse desideratum.

O escopo principal do architecto romano era o effeito exterior, o desejo de impressionar agradável e satisfactoriamente o contemplador; e, ou porque o publico não estivesse, por educação e por indole, familiarisado com o culto do bello; ou porque o grandioso e opulento do todo o fascinasse, o certo é que o architecto romano conseguia sempre o resultado almejado.

A superposição em serie de columnatas e arcadas nas edificações, constituindo um motivo grandioso admiravelmente desenvolvido, impressionando favoravelmente, conseguia a approvação expontanea do publico; d'ahi o titulo de grande constructor consagrado ao architecto romano, o que incontestavelmente é uma verdade.

O estylo romano surgindo definitivamente no fim da phase republicana, affirmou-se sobre o imperio, abrangendo nesse espaço de tempo quatro seculos divididos em tres grandes períodos:

O primeiro periodo comprehende Augusto e Antonino, do fim do primeiro seculo antes da era christã até o fim do primeiro seculo depois da era christã; nesta época a arte romana ainda incipiente, alcançou rapido e progressivo aperfeiçoamento.

No segundo periodo, comprehendendo todo o segundo seculo a arte romana depois de alcançar o maximo apogeu, começou a declinar sensivelmente.

O terceiro e ultimo periodo, iniciado na época da decadencia, atravessou o terceiro e quarto seculos.

A construção de arcarias predominante por esse tempo nas edificações, decahindo logo após facilitou o reaparecimento da architrave, em luta aberta no dominio da construção.

\* \* \*

A raça *pelasgica* ou *cyclopica* é inteiramente pre-historica, talvez mesmo seja um dos povos mais primitivos da humanidade.

A palavra *cyclopica* vem da mythologia e é originaria de *cyclopes* pretense e imaginario filho de Neptuno e Amphitrite, e quer dizer — *um só olho*.

Os cyclopes ou pelasgicos erão da raça dos gigantes, ferreiros de Neptuno, com os quaes este deus conseguiu construir monumentos gigantescos compostos de enormes blocos de pedras e materias excessivamente pesados, representando esforços extraordinarios e colossaes.

Modernamente admite-se que os pelasgicos dividiam-se em occidentaes e orientaes; aquelles originarios da Italia — Etruria — em 1600 antes da era christã, e estes originarios da Grecia — Peloponeso, — em 1900 tambem antes da era christã.

Os primeiros monumentos construidos pelos pelasgicos foram incontestavelmente as muralhas da Acropole de Tyrentho em Argolide no norte do Peloponeso, fortaleza colossal elevada no extremo da cidade e destinada a sua defeza e segurança, como se deduz claramente da origem do proprio nome; assim — Acropole — que quer dizer — fortaleza — é originario das palavras gregas: *arcos*-extremo e *pole*-cidade.

A muralha da Acropole tinha de espessura cerca de oito metros e comportava quatro divisões, com duas galerias ogivales no centro, medindo cada uma metro e meio de largura e construida apenas com quatro grandes pedras. O conjuncto da construção composto de blocos colossaes de pedras toscas, obedecia as condições impostas nos arranjos de *opus incertus*.

Os pelasgicos construíram muitos outros monumentos, entre os quaes destacão-se as muralhas de Mycenae, construção incontestavelmente gigantesca e notavel.

A raça pelasgica occidental, invadindo a Italia e acampando na Etruria e na Toscana, foi incontestavelmente a ascendente nata dos Romanos. Nessas localidades existem ainda hoje vestigios da passagem dessa civilização, attestada nos vasos e muros etruscos-pelasgicos.

Excedendo a todos os outros povos invariaveis em incremento e progresso, elles construíram na Etruria pela primeira vez abobadas com aduelas cuneiformes, incontestavelmente de grande vantagem pratica, abrindo nova era para a arte de construir e estabilidade dos massios.

Alguns historiadores admitem essas construções originarias da transplantação e adaptação do arco de Carthago, porém essa hypothese é de todo inadmissivel; não só pela impossibilidade absoluta da existencia dos pelasgicos naquella localidade, o que a

historia de todo contesta; como tambem pela falta de elementos e aptidões em Carthago para levar a effeito, naquella época, essa especie de construcção.

A abobada originaria, mais simples, construida pelos pelasgicos, foi a de arco de berço cylindrico, com duas faces curvas — o dorso e o extra-dorso —; surgindo em seguida a abobada espherica composta de aduelas de pedra talhadas para zimborio com todas as arestas curvas.

Estas construcções exigião incontestavelmente conhecimentos previos de geometria para os traçados das normaes, tangentes e, etc.; e, por ali conclue-se que a architectura etrusca-pelasgica nessa época já possuia desenvolvimento assaz importante e delicado.

Os romanos apaixonaram-se demasiadamente por essa especie de construcções, adoptando indistinctamente em todas as obras as arcadas e as abobadas, desde os amphitheatros até os circos destinados aos jogos dos gladiadores; construcções estas de origem incontestavelmente pelasgica e que os romanos, seus descendentes, ampliaram, melhorando o estylo e dimensões, e dellas fazendo uso extraordinario.

O estylo romano, considerado englobadamente no todo e em suas partes, apresenta duas bases, uma etrusca e outra grega; aquella fornecendo o arco e a columna toscana; esta offertando a bella columna dorica, e a da ordem composita adoptada durante a época do extremado luxo nas decorações.

E dessa raça e desse estylo surgiram os bellos monumentos e as obras gigantescas espalhadas pelo velho e novo mundo; gloria do passado, admiração do presente e assombro dos posteros.

\* \* \*

As ordens *toscana*, *dorico romano* e *composita*, bem assim o *arco* e a *abobada*, as *archi-voltas* e as *archadas*; constituem os principaes elementos nas construcções do estylo romano.

Os Romanos aproveitando todos os melhoramentos reaes e uteis da architectura grega, crearam ordens novas e inventaram a construcção curvelinea.

A *ordem toscana*, evidentemente derivada do dorico primitivo, é de origem puramente latina e teve por berço a Etruria e por ponto de partida o —poste simples—; d'ahi passou pelas modificações exigidas pelos melhoramentos naturaes oriundos do progresso da arte de construir, attingindo finalmente o aperfeiçoamento completo na cidade de Valterra na Toscana.

A applicação mais antiga da columna toscana foi no templo romano de Jano e posteriormente em varios edificios de Valterra, Cora e Villetta na Toscana, e modernamente em grande numero de monumentos de Florença.

O toscano, com o mesmo cunho de robustez e força do dorico, tem na columna o fuste baixo e grosso, possuindo além de um capitel elegante e harmonico uma base proporcionada, elevando-se as vezes a columna sob singello pedestal, de accordo

com o gosto do architecto e typo geral da ornamentação do edificio.

A base do pedestal, nesta ordem, tem meio modulo e o dado tres e dois terços, sendo a base dividida em duas partes eguaes; uma dellas com o *plintho* e a outra com o *tóro* e *filete*.

O cunho de simplicidade e força que caracterizam a ordem toscana, naturalmente a destinam a ornamentação de edificios de aspecto correspondente a esse cunho; taes como: tribunaes, alfandegas, arsenaes e etc.

O *dorico romano* ou *mutular*, originario da modificação do *dorico denticular*, é de criação exclusivamente romana e com applicação pratica nas arcadas de volta inteira; elle apresenta comtudo algumas differenças do typo primitivo, caracterizadas principalmente nos *mutulos* ou *lacrimaes* do entablamento substituindo os *denticulos*, no *colarete* em lugar dos *filetes* do dorico grego e finalmente no *tóro* do capitel adornado com *ovanos*.

Na cornija da columna dorico romano, o *safito* é caprichosamente lavrado e elegantemente disposto em fórmulas variadas, contribuindo grandemente para a ornamentação, aspecto gracioso e agradável do conjuncto.

A columna dorica reune ao cunho de robustez da toscana, um caracter de virilidade e elegancia que lhe são particulares; por isso os antigos a reservavam para a decoração dos monumentos destinados a perpetuar a memoria dos seus heroes e semi-deuses.

A *ordem composita* de origem romana, é o resultado da combinação das ordens jonica e corinthia, tendo o capitel composto das folhagens desta ordem e das volutas daquella; d'ahi o nome porque é conhecida.

Esta ordem foi adoptada pela primeira vez no *Arco de Triumpho* erigido em honra ao imperador *Tito* logo após a tomada de Jerusalem; pouco differindo das formas e dimensões da ordem corinthia, possuindo sómente no capitel, a mais, hastes folheadas em curvatura em vez de volutas, e o entablamento bastante singelo não apresenta modilhões e carrancas, sobresahindo especialmente o perfil dado ao friso.

A adoptação desta ordem é identica da corinthia, predominando, porém, nos edificios de caracter severo, incontestavelmente antagonico com a delicadeza da ordem corinthia.

O *arco* e a *abobada* invenções romanas, vieram incontestavelmente complicar o problema da construcção introduzindo nelle a incognita das resistencias lateraes destinadas a annullar a impulsão.

Com effeito o arco composto de uma serie de *aduelas* de pedra em formato de cunha, justapostas e reunidas de accordo com a curvatura symetrica do circulo; tenderia facilmente a desagregar, se o arco no conjuncto e cada um dos gomos isoladamente, não estivessem seguros e apertados pela acção do *fecho*. A pressão resultante e que age de modo continuo, decompõe-se racionalmente em duas forças operando sobre os *pés direitos* e tendendo a

affastal-os da vertical. Esta força denominada *impulsão* desviará incontestavelmente os pés direitos se os *encontros* não offerecerem sufficiente resistencia, e nesta hypothese o arco baixará junto ao fecho separando as aduellas, e o conjuncto da construcção ruiará apenas retirado o *cimbre*.

Este complicado problema foi resolvido brillantemente pelo architecto romano, vencendo de modo perfeito e seguro as difficuldades completamente novas que então se apresentavam, demonstradas praticamente nos arrojados aqueductos espalhados profusamente em todos os recantos da terra, onde o estylo romano fez epoca e dominou.

Do emprego do arco e da abobada, resultou a adopção pelos Romanos de novos principios de construcção, assim o ajustamento perfeito e geometrico já não basta nem satisfaz, tornando-se por isso insufficiente, e d'ahi surgiu a necessidade imprescindivel e inadiavel das pressões lateraes se exercerem de encontro a corpos sufficientemente resistentes e homogeneos.

A parede romana, em vez da primitiva composta de pedras sobrepostas em fiadas irregulares adherindo em virtude do proprio pezo, é antes formada por uma caixa exterior de granito ou de tijolo cheia com pedras miudas e toscas ligadas por argamassa de boa pega; obtem-se assim um todo resistente, um monolitho artificial quasi homogeneo, e capaz de resistir sem jogar as maiores pressões lateraes e dotado de exágerada grossura excedendo quasi sempre aos limites maximos naturaes.

A abobada e arco assim construidos constituem, por assim dizer, um todo solido e forte de concreto, uma contextura uniforme e homogenea offerecendo enorme resistencia, muito embora não possua a menor elasticidade.

O architecto romano seguro da resistencia e estabilidade dessa natureza de construcção, procedia com toda a confiança e tranquillidade a retirada do cimbre, uma vez terminada e secca a abobada, certo de que a obra executada por esse processo offerecia extraordinaria rijeza e fortaleza e consequentemente durabilidade quasi eterna. Por essa razão a mão dos Barbaros, estragou sim mas não conseguiu aniquillar os soberbos aqueductos que transportavam as aguas para o abastecimento da velha Urbs; por essa razão a ponte de Gard em França ainda hoje está de pé zombando da acção do tempo e da maldade dos homens.

Esta superioridade caracteristica da construcção romana, sua duração quasi indefinida, o cunho de grandeza que imprimiam em todas as obras architectonicas; patenteam e evidenciam o genio conquistador daquelle povo e a organização social da epoca. O trabalho era feito pelo escravo ou captivo, este apenas custava o alimento; sa'ario só venia o architecto que dirigia á construcção e os artistas que tinham a seu cargo a parte decorativa della, a quem forçoso se tornava ter uma educação artistica especial. A multiplicidade dos braços venia as difficuldades as mais arduas e suppria a falta das machinas tão potentes, perfeitas e doces que hoje empregamos.

Na falta de escravos, as legiões romanas largavam as armas para empunhar os alviões e as trolias, e punham ao serviço do architecto os seus melhores braços robustos e os seus habitos de disciplina e obdiencia sem restricções, que tão necessarios são quando se pretende levar a cabo uma construcção grandiosa, como todas as que aquelle grande povo nos legou.

O *arco simples pleno ou de volta inteira*, é originario do estylo romano e marca o inicio das construcções curvilineas adop'adas nas portas de triumpho; dahi nasceu á *arcada* constituída por series de arcos apoiados sobre pilares ou columnas.

Quando as arcadas são assentes sobre pilares, em geral estes são divididos em doze partes eguaes; duas são para o *sócco*, uma para a *imposta* e as restantes para o pé direito, sendo o raio do arco egual a quatro destas partes e a altura total, desde o fecho do arco até o terreno, de dois metros.

As arcadas sustentadas por columnas apoiam-se directamente no capitel, dispensando o pedestal, servindo uma só columna ou columnas conjugadas de suporte ás pernas dos dois arcos contiguos, e para exaggerar a apparencia de força que deve ostentar costumam dar seis diametros de altura á columna contada do nivel do terreno até o abaco.

A altura do fecho acima do terreno é egual ao dobro da abertura do arco ou seu diametro, tornando-se por consequencia bastante amplo, folgado e ventilado o espaço destinado a circulação.

A elegancia que as arcadas representam, o abrigo que offerecem contra a canicula e a chuva, sem vedar a livre entrada do ar e luz, torna o seu emprego obrigatorio em certa ordem de construcções. Nos theatros, por exemplo, devem existir exteriormente arcadas cobertas e dispostas de modo a facilitar a circulação das carruagens que procurando a porta principal do saguão ou vestibulo, possam penetrar por um dos lances lateraes e sahir folgadoamente pelo outro.

Nos conventos tambem o *claustró* com suas arcadas constitue uma parte indispensavel da architectura religiosa; ahi, porém, os extensos corredores com os tectos em *luneta recta*, em *berço*, cruzam-se transversalmente com outros tantos lances longitudinaes abobadados, resultando na intersecção das coberturas em cada cruzamento, um tecto constituído pela abobada denominada — *chapéo de clerigo*.

Os claustróes eram quasi sempre destinados pelos cenobitas para passeio ou retiro de penitencias, ou ponto de reunião e palestras, sempre que o máu tempo não permittia procurar o ar livre dos pateos e jardins.

*Porticos* são simples ou series de portas nobres cujas hobreiras constituídas por pilares ou columnas, sustentão as impostas do cornijamento. Quando a imposta e o cornijamento termina em platibanda ou verga recta, o portico denomina-se *portal*; quando, porém, termina em arco, chama-se *arcada*, e bem assim o contorno ou moldura que acompanha o arco, denomina-se — *archivolta* — desse mesmo arco.

Os porticos romanos primitivos eram de platibanda em series tambem denominadas — *inter-columnas*.

*nios* ou *columnatas* —; os porticos modernos, porém, são de arcadas e compreendem duas classes: arcadas sem pedestal e arcadas com pedestal, e quer uns, quer outros ornamentados com archivoltas.

Sempre que as arcadas abrangiam mais de um pavimento, elles construíam pedestaes e as archivoltas que em geral acompanhavam essas construções compunham-se de *tympanos* e *impostas*, compreendendo o portico, os pés direitos, os *nymphos* e os encontros.

Os porticos romanos com arcadas desenvolvem-se em geral em torno dos edificios, nos perystilos e nos vestibulos; e interiormente nas gares, hospitaes, plataformas, mosteiros, estações de linhas ferreas e etc.

Além desses, os romanos construiram no tempo da decadencia uma especie de porticos abobadados denominados — *cryptas* — occultos em parte nos subterraneos dos castellos e em partes aereos; destinados a refugio em occasião de perigo e de ponto de reunião para conciliabulos.

Entre os porticos e os *alpendres* existe uma certa analogia; assim o portico desenvolve-se em toda a extensão das fachadas em serie de arcadas conjugadas, ou limita-se a uma só archivolta e neste caso é o portico simples ou alpendre propriamente dito.

A architectura romana desenvolveu-se extraordinariamente no sul da Italia, e entre as muitas cidades ricas de edificações e ornamentos de estylo, destacava-se — Herculanium, Pompéa e Stabia. No reinado de Nero estas cidades foram destruidas por erupção violentissima do Vesuvio; as duas primeiras proximas de Napoles, uma junta a praia e a outra sobre a columna do Vesuvio e Stabia tambem banhada pela praia.

Herculanium hoje Rosina e Stabia actual Castellamare foram inundadas pelas lavas; Pompéa, porém, ficou completamente soterrada pelas cinzas.

Em Herculanium alguns habitantes fugiram a tempo, evitando assim medonho fracasso; Pompéa, porém soterrada instantanea e bruscamente desapareceu com toda a população.

Nas excavações procedidas nesta ultima cidade, descobriram-se maravilhas de arte, principalmente em construções muraes e pinturas a fresco, além da característica dos calçamentos e divisões de casas.

As cinzas e as lavas do Vesuvio fizeram desaparecer do dia para a noite grande numero de ri-

quezas e bellezas do estylo romano, especialmente nos edificios publicos e privados, attestados frizantes do adiantamento e progresso da epoca.

Todas essas construcções características do estylo romano desde o alpendre, passando pela arcada e as abobadas até os zimbórios e lunetas rectas em berço; assignalaram a origem e o apogeu da architectura especial desse povo guerreiro, conquistador da Grande-Grecia, adestrado nas guerras punicas e lutas civis intestinas; desse povo de heroes, arautos da civilização greco-romana, conquistadores da raça latina da idade média; industriaes e artistas, architectos, pintores, musicos e esculptores, operarios e soldados; raça forte e sã, energica e bôa; dominadora do paganismo, creadora da Religião do Rabbi e propagadora desse catholicismo triumphante no seculo XIII sob a protecção da formosa judia esposa do carpinteiro José.

\* \* \*

As cinzas e as lavas do Vesuvio fizeram assim desaparecer do dia para a noite grande numero de riquezas e bellezas do estylo romano, especialmente nas edificações publicas e privadas, attestados do adiantamento e progresso da época.

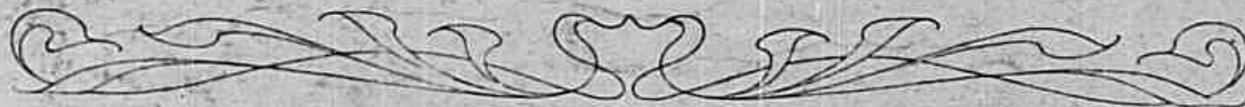
As pinturas a fresco, os estuques, trabalhos diversos a gesso em relevo e a côres, e toda a serie de decorações muraes inclusive os frizos, paralelos e esquadrias; são outras tantas maravilhas actualmente salvas dos escombros pelas excavações pacientes e systematicas.

E aqui, ali e além novas bellezas surgem, em cada canto e em varios pontos outros aspectos e outros scenarios, encantando sempre, deslumbrando constantemente o contemplador, que em passeio artistico percorre a extensa zona dessas grandezas em ruinas,

Do vale das tres cidades submergidas, destaca-se ao longe o Vesuvio illuminando com os clarões rubros e alaranjados da cratera, os fragmentos de columnas, arcadas, porticos e abobadas; destacando no claro escuro das fulgurações intermitentes, as sombras desmedidamente augmentadas desses destroços gigantescos do grandioso estylo romano.

A. LIMA CAMPOS

(Continua)



## RIO E VALLE DE S. FRANCISCO



CAMPO PRATICO DE VITICULTURA NO JOAZEIRO

**E**STE nome—rio S. Francisco—possue uma rara energia suggestiva; é por si só uma evocação. Ao pronuncial-o, nós, os da Bahia, passamos consecutivamente por duas emoções tão intensas quanto oppostas; habitamos uma após outra, duas paragens tão distantes entre si, tão extremadas pelo contraste dos aspectos e da temperatura, como se nos transportassemos, sem embargos de tempo e espaço, do equador ao polo.

O primeiro desses repentinos movimentos d'alma é um assomo de vasto orgulho repassado de confiança, o orgulho da posse de um thesouro quasi intacto, que nos tranquillisa em face do mysterioso amanhan, garantindo-nos contra as suas vicissitudes como uma reserva inesgotavel capaz de nutrir todo o povo do presente e o povo mais avido e innumeraavel do futuro.

Ensoberbece e deslumbra-nos ao mesmo tempo esse gigante de cerca de tres mil kilometros e vinte braças, que tantos são os seus principaes tributarios, mosqueado de trezentas e trinta e quatro ilhas, a estirar-se por um valle de cuja area já se intentou formar uma provincia, que seria maior do que qualquer dos actuaes Estados do Ceará, Pernambuco, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul.

A admiração indefectivel do estrangeiro que se perlustra vem, de vez em quando, reforçar este sentimento bahiano e tornar mais viva e mais bella a pintura da paizagem ideal que situamos para aquellas bandas. Parece que as suas aguas e quedas têm como poucos espectaculos o poder de exaltar o nivel da imaginação, fazendo-a trasbordar e crystallizar em flores de optimismo.

Os sabios, engenheiros, naturalistas, que o vão explorar e estudar não se forram á magoa d'aquelle pedaço da natureza: os seus relatorios e memorias illuminam-se aqui e alli de reflexos poeticos; na linguagem technica, indifferente, das descripções scientificas ha sempre uma phrase, uma palavra, uma exclamação onde fica vibrando a alma do observador. Alguns se têm mesmo elevado ao tom prophetic, alliciando o desejo das gentes para aquella Terra Promettida. «Este rio, disse um d'elles (o engenheiro Burton) não é um rio santo; o seu futuro, porém, será mais honroso que o passado do Ganges e do Indú.» Vaticinava outro desde o

começo do seculo passado (Dr. J. V. do Couto): «Eras virão em que os povos correrão em chusmas sobre estas ribanceiras; estes altos barrancos cortados a prumo tão formosamente fingindo caes, serão um dia decorados de fructiferos jardins; numerosas povoações branquejarão por estes ribeiros; vozes alegres retubarão onde hoje só reina o silencio...»

Bem podemos aqui dispensar a palavra dos poetas, para quem toda grandeza é fulminante do primeiro e simples relance, sem outra razão que o ser a grandeza. Satisfaz-nos o testemunho sobrio, raciocinado, em prosa chan e leal, dos profissioaes. Estes, se chegam ao entusiasmo é com me-



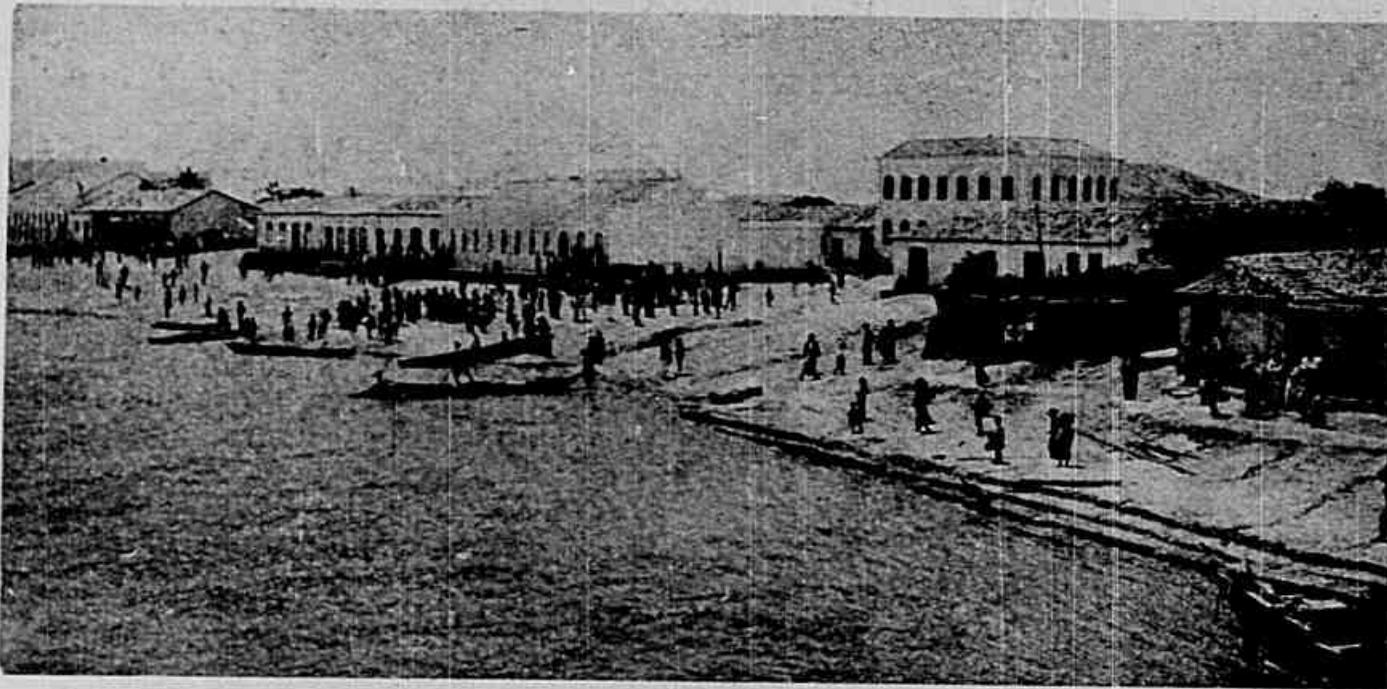
REMANSO

thodo; se o formulam é como uma synthese e não como uma these. «O valle, escreveu ainda Burton,

e o alto Geraes secco, que o limitam por ambos os lados, contém todos os elementos de prosperidade requeridos por um imperio. E tal é a capacidade d'aquillo, que «póde alimentar vinte milhões

Krauss, E. Liais e varios profissionaes brasileiros ainda póde ser desenvolvida no sentido da navegação a vapor e do commercio. Attentemos para os indicios e especimens da riqueza mineral suspeitada e entrevista desde

os fins do seculo XVI, confirmada scientificamente pelas investigações de Spix e Martins, dos Halfeld e Orville Derby, reconhecida no ouro do Gentio, do rio das Eguas e do rio das Ondas, na lavra diamantina d'entre Miradouro e Chique-Chique, na prata da serra do Assuruá e da serra do Batata, no salitre e sal gemma de Pilão Arca do. Pensemos na uberidade d'aquelles razos «que não cansam ou se esterilizam, porque são todos os annos fertili-



REMANSO

de almas», isto é, toda a população propavel do Brasil muitos annos depois de externado o conceito de Burton. Outro depoimento por igual entusiastico é o de André Rebouças. O territorio avassallado pelo S. Franciscô apparece-lhe «dotado de todos os elementos para o desenvolvimento de uma riqueza e prosperidade que deixará no olvido a dos valles do Mississipe e Missouri.» O Dr. Paranhos Montenegro, auctor d'*A Provincia e a Navegação do Rio São Francisco*, a que muitas informações deve este artigo, fez do seu trabalho uma serie de factos de tal veridicidade e eloquencia que por si só justificaria a confiança em que se embebem os alicerces de tantos castellos.

Mas o facto relevante, causa do nosso orgulho de possuidores, é que d'essa colossal torrente nada menos de mil e trezentos kilometros banham territorio bahiano, cabendo-nos quasi dous terços do seu curso navegavel, que é contado de Pirapora até as visinhanças da cachoeira de Paulo Affonso. São cerca de novecentos kilometros de franca navegabilidade, desde que ella nos entra pelas barrancas de Carinhanha, arrecadando as aguas de importantes tributarios, espaiando-se na cidade da Barra com oito mil e quinhentos palmos de largura, fertilizando ilhas, ribas e planicies infiltradas de esteiros e ypueiras, enriquecida mais a potencia de viação do Estado com uns seiscentos kilometros navegaveis dos afluentes tambem bahianos.

Sobre isso consideremos a amplitude da região por onde se distribue essa rêde fluvial, que segundo os calculos de Fernando Halfeld, Burton, Carlos

zados» por cheias periodicas; no vigor das terras de Rio Preto e Campo Largo, onde a canna dá soca para mais de vinte annos; na benignidade do planalto da Ribeira e do clima da Barra, aptos até á producção das fructas européas; na capacidade ce-realifera de todas aquellas ilhas e varzeas; na pujança florestal do rio Corrente. Verifiquemos mais a sua fecundidade especial na criação de toda especie de gado, a tal ponto que «uma fazenda bem montada, com grande porção de gado, tendo bons vaqueiros e fabricas, resiste ás maiores *sangrias*», em-



MATRIZ DO REMANSO

quanto na zona do rio Preto irrivalisavel na criação do gado cavallar «apanham-se annualmente tantos potros quantos são as eguas que tem a fazenda.» Calculemos finalmente a producção da pesca de surubius e outros generos, realisavel nas ypueiras e

aguas correntes, pelo que attesta o Dr. Montenegro só em relação ao rio Branco, onde em certas quadras do anno «é tal a abundancia de peixes que impedem até a passagem.»

Se tudo isso consideramos, então essa Bahia ideal que entrevemos tão afastada dos nossos dias como uma cidade biblica, uma Chanaan edificada sobre as simples bases da fé, passa a mostrar-nos no horizonte sertanejo, por cima das catingas e dos alcantis das serras, as torres e as flechas douradas dos seus palacios. Desde logo desaparece qualquer exagero que, de espirito menos disposto, hajamos attrahido ás expressões o Rheno, o Nilo, e Mediterraneo Brasileiro e outras, com que se tem designado os dominios territoriaes do S. Francisco.

A's suas margens houve quem situasse já o utopico *El-Dorado*. Não era certamente nenhum architecto de lendas ou metaphoras, mas algum conhecedor das nossas origens historicas. Foi de facto *El-Dorado* o que por alli andaram buscando em afoitas *entradas*, nem sempre vans, os emissarios dos primeiros governadores da colonia, os transviados do segredo de Roberio Dias, e com muito mais audacia e exito os bandeirantes paulistas do seculo XVII, cujas rancharias, quando não atinavam com as fulgurantes *itaberabas*, matrizes do ouro, do diamante, das esmeraldas e saphiras, descobriam, como descobriram, a equivalente fatura das fazendas de gado.

Se a historia é a mestra da vida, será uma lição heroica, de supremos incentivos e infallivel triumpho, a que nos ensina o passado obscuro do S. Francisco. Mostra-nos ella a grande bacia oriental como o eixo de um movimento civilizador de resultados reaes, ainda que mal percebidos, tão mal que só agora vão entrando no inventario dos factos devidamente authenticados. E' a que não escapou á formosa synthese em que o Dr. João Ribeiro (*Historia do Brazil*) traçando as directrizes da nossa expansão geographica colonial, formúla os principios relativos ao povoamento do solo. Um desses principios é que «excluido o mar, caminho de todas as civilisações, o grande caminho da civilisação brasileira é o Rio de S. Francisco; é nas suas cabeceiras que paira a primeira bandeira de Glimmer e d'ahi se expande e ondula o impulso das minas; é no seu curso medio e inferior que se expande e propaga o impulso da criação, os dous maximos factores do povoamento. As suas ondulações extremas desde S. Paulo (ligado a Minas) até o Piauihy (ligado a Pernambuco) abraçam o que hoje se poderia chamar o *Brazil brasileiro*.» Disso faz tambem o engenheiro Euclides da Cunha, no estudo forte d'*Os Sertões*, uma larga demonstração, visando a collocar alli o berço da raça pastoril,

fragueira e energica dos jagunços, constituída á mercê do isolamento em que se acharam no valle de S. Francisco os exploradores do sul e os indigenas do norte. «Abrindo aos exploradores duas entradas unicas, á nascente e á foz, levando os homens do sul ao encontro dos homens do norte, o grande rio erigia-se desde o principio com a



CIDADE DA BARRA

feição de um unificador ethnico, longo traço de união entre as duas sociedades que se não conheciam...» «A terra, do mesmo passo exuberante e accessivel, compensava-lhes a moragem desfeita das minas cobiçadas. A sua estrutura geologica original creando conformações topographicas em que as serranias, ultimos esporões e contrafortes da cordilheira maritima, têm a attenuante dos taboleiros vastos; a sua flora complexa e variavel, em que se entrelaçam florestas sem a vastidão e o trançado impenetravel das do littoral, com o «Mimoso» das planuras e o «Agreste» das chapadas alteiadas, desafogadas, todas, salteadamente, nos vastos claros das catingas; a sua conformação hydrographica especial de afluentes que se ajustam, quasi symetricos, para o occidente e o oriente ligando-a, de um lado á costa, de outro ao centro dos planaltos—foram laços preciosos para a fusão desses elementos esparsos, attraíndo-os, entrelaçando-os.»

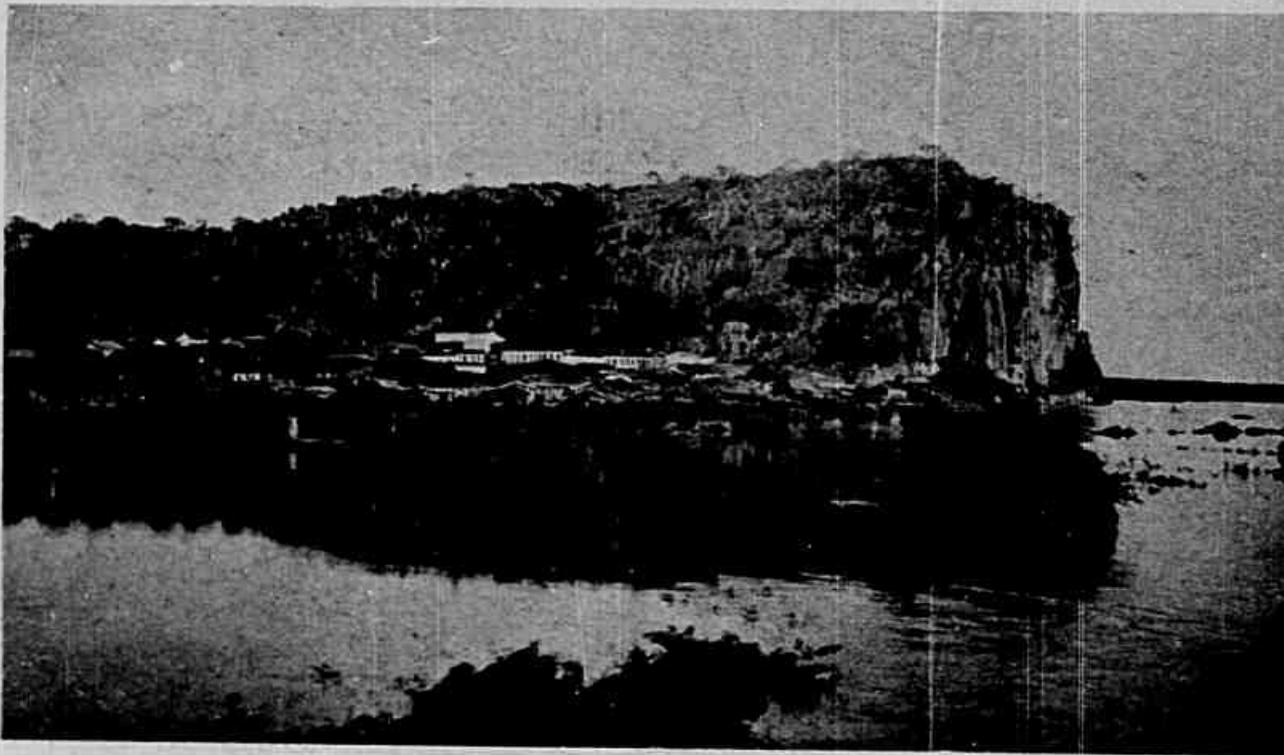
Tal é a função historica do rio e valle de S. Francisco, estrada por onde marcharam á conquista dos vellocinos, que foram as fazendas de criação, Domingos Affonso, o grão-senhor de Sobrado, e os seus poderosos emulos, cujas quatrocentas fazendas de gado, na epoca de Rocha Pitta alimentavam, diz o historiador da *America Portuguesa*, não só a Bahia «mas todos os povos das Minas do Sul, que sem esta abundancia não floresceriam na sua opulencia.»

Rolando atravez de quatro seculos de historia, a caudalosa torrente do S. Francisco muito tempo gastou até que se impuzesse á nossa estimativa. O seu murmuro chegava surdo aos ouvidos da população do littoral, de mais a mais engolfada nas luctas de resistencia contra os conquistadores francezes e hollandezes ou atarefada com as missões jesuíticas e as expedições de guerra ao gentio. Succedeu entretanto que essas *entradas*, missões e guerrilhas,

foram-nos desvendando ao mesmo passo os mysterios d'aquelle reino encoberto.

Desse conhecimento parcial avançamos, ultrapassando logo as raias da credulidade. Uma flora ma-

d'alli em difficeis e dispendiosas jornadas até Joazeiro, um barco de ferro, o *Presidente Dantas*, que, armado, executou em dezembro do dito anno a primeira experiencia de navegação a vapor até a cidade de Januaria. Esse foi ainda o movel do serviço de transportes que veiu mais tarde a estabelecer-se com os vapores da «Viação do Brazil», e da empreza, para nossos hom-bros herculea, do prolongamento da estrada de ferro Bahia ao S. Francisco. Durou 40 annos este esforço inter-mittente, consummido ora em trabalhos de engenharia, ora em campanhas de peditorio junto aos poderes do Imperio. Tal era, porém, a suggestão, a fascinação exercida pelos thesouros vislumbrados no extenso valle que, porfiando, levamos afinal os trilhos e o silvo da locomotiva aos areas do Joazeiro, em 1895.



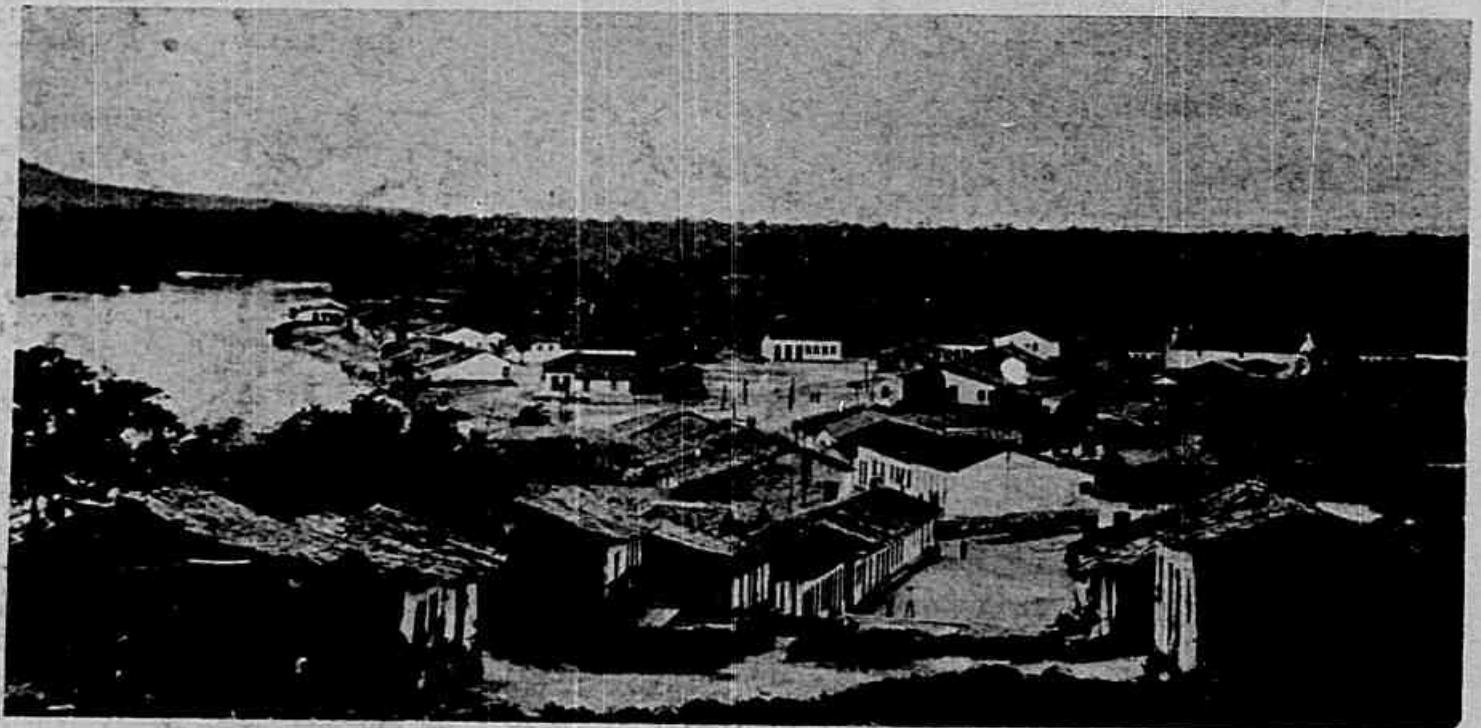
MORRO DO BOM JESUS DA LAPA

ravilhosa de ouro, prata e pedraria preciosa cobriu as chapadas e planicies de ambas as margens da caudal. Por todos os sitios do immenso valle havia serras luminosas, como a *itaberaba* de Bom Jesus da Lapa. Nações selvagens, hordas de tapuyas davam-se a um luxo de nababos, compondo-se com laminas de ouro. Exageros foram esses que desafiaram a critica de Jabotão. E' sem duvida, que para este rio ser um dos mais celebrados, não só do Brasil, mas de outras partes do mundo, não lhe eram necessarias ficções poeticas, porque nas suas proprias e naturaes particularidades tem bastante materia para ser notado.

Tantas e tão insistentes maravilhas accumuladas na vastidão d'aquella zona acabaram por asoberbar o espirito dos mais incredulos. D'ahi para cá suspeitamos sempre a poderosa fermentação de vida e sementeira economica que se fazia, quasi em segredo, nas praias do famoso mediterraneo e nos regaços das suas montanhas.

E foi essa a causa da violencia que fizemos sobre os nossos habitos quietistas, resolvendo um dia, em 1872, transpor pela via-ferra de Alagoinhas e

ciar-se com a ligação da capital ao alto sertão. Entre outros era o Dr. Catão Guerreiro de Castro um organ legitimo dessas presumpções de esperanças, quando em favor da construcção da via ferrea escrevia na relação dos *Seis mezes de viagem*: «Eu diria ainda que a riqueza maior do S. Francisco cresce á proporção que elle vae descendo e se enriquecendo com as fazendas de Carinhanha, com as mattas do Corrente, com a riqueza univer-



SANTA MARIA DA VICTORIA

sal do Rio Preto e do Rio Grande da Villa da Barra, de sorte que a riqueza desse vendedor é tão feliz que (oh! grande favor da Providencia!) augmenta á proporção que se approxima do consumi-

douro do Joazeiro, d'onde, com mais oitenta leguas de planície estará na Bahia, sua alfandega natural.»

Inspirava-se igualmente nessa convicção de uma futura idade de ouro bahiano (assim pelo menos a entendemos) a attitude de espiritos superiores como Zacharias, Saraiva e Fernandes da Cunha, combatendo no senado a idéa da criação da provincia do S. Francisco, idéa valentemente soffregada na imprensa pelo Dr. Paranhos Montenegro que aliás mirava a remediar a deploravel situação administrativa e judicial dos povos ribeirinhos. Tres vezes surgiu o projecto, em 1830, 1850 e 1873, mas sempre adiado, obstruido e por fim ardentemente impugnado.

E' que a projectada provincia deveria constituir-se pelo desmembramentó de um territorio com cerca de dez mil leguas quadradas, para o qual só a Bahia abriria mão de 6.400, todo o seu antigo sertão de Rodellas. Esse sacrificio era superior ás forças d'aquelles preclaros homens, um dos quaes, o senador Fernando da Cunha, declarou abertamente que votando contra o projecto, votava «contra o aniquilamento de sua provincia.»

O mesmo espirito regional que o tinha por infenso aos seus calculos de vagas aspirações explodia não ha muito, em 1896, pela imprensa, no Instituto Historico, nas camaras do Estado, por vehementes protestos perante o congresso nacional, apenas lembrou ao senador João Barbalho propor

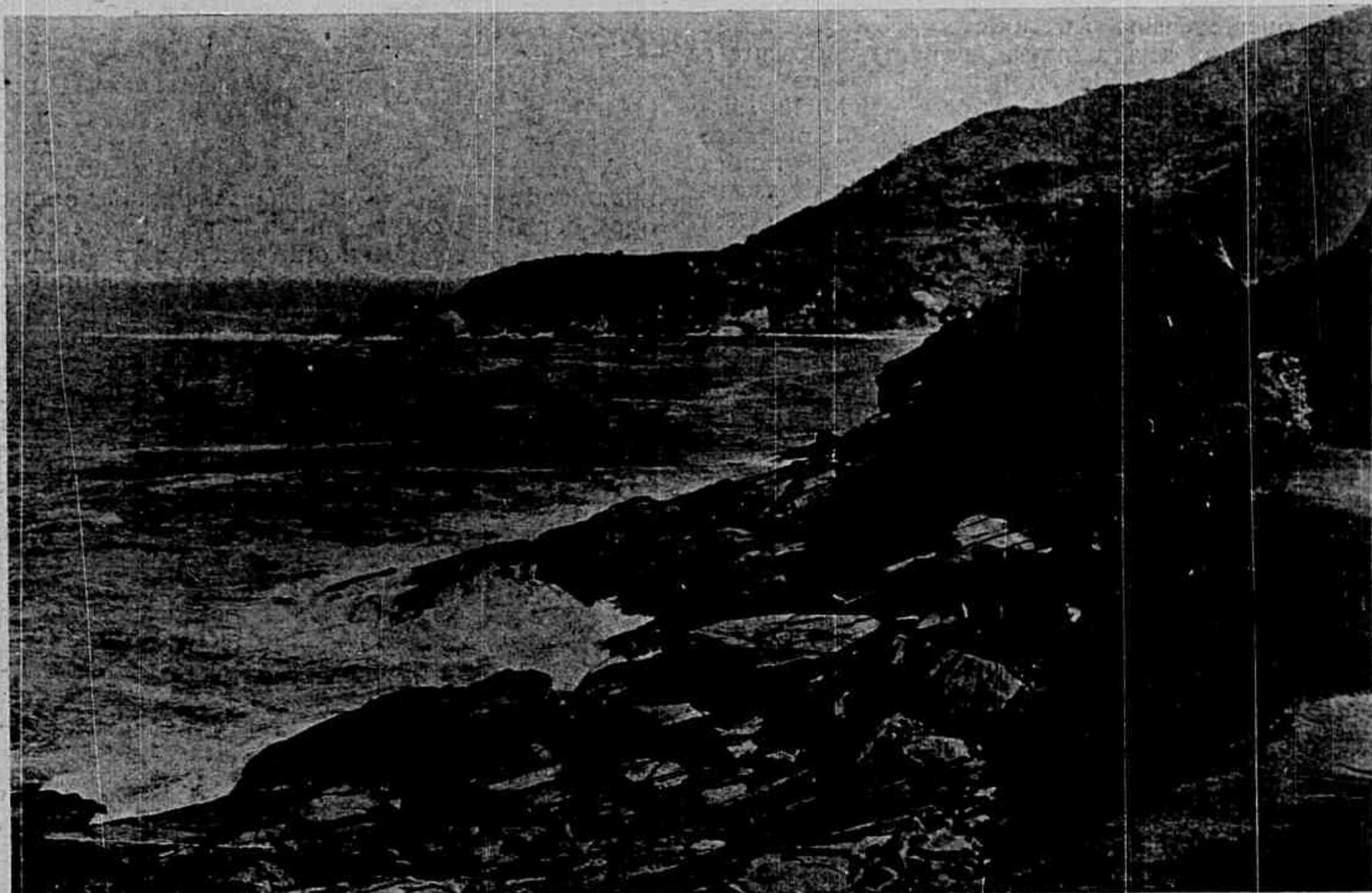
a desannexação da zôna marginal esquerda do rio S. Francisco para unil-a, á guiza de restituição, ao territorio de Pernambuco. O projecto, realmente todo ao revez dos testemunhos historicos e do direito constitucional da Republica, teve a sorte que merecia.

E o S. Francisco proseguiu e continúa a rolar as suas ondas, desde Carinhanha até o Pau da Historia, por entre terras bahianas. Continuamos tambem a contemplal-o. E' uma das poucas visões a que não resiste a timidez do nosso pensamento, muito mais affeito, na verdade, aos cuidados de uma existencia cauta em sua mediocridade, que susceptivel das antecipações ousadas em que se introduza, em qualquer dose, o levêdo perigoso da utopia.

Mas o S. Francisco é um rio magico: pega-nos a vertigem das suas corredeiras, estimula-nos com a audacia dos seus saltos e eis-nos em plena idealidade a sonhar na grande era economica, de revolução agricola, industrialismo e expansão commercial.

Em todo o caso, a certeza de que alli está, para qualquer tempo, aquelle enorme reservatorio de forças naturaes, que em dadas condições se hão de transformar em riqueza, traz nos preciosos momentos de optimismo, e consolação para muita miseria. Quando outros nos faltarem, será o valle de São Francisco um fiador idoneo dos nossos destinos.

XAVIER MARQUES.



PRAIA DA GAVEA

## PSYCHOLOGIA D'UMA EPOCHA

## TOBIAS BARRETTO

(Pagina de um estudo consagrado á memoria  
do genial sergipano)

*Du, Menezes, hast in dem Deutschthum geschaut  
Den Genius, der dich zur Unsterblichkeit führt.*

PAULINA MOSER.

N O momento em que se apagou o espirito de MARTINS JUNIOR, superiormente culto e aristocraticamente educado nas grandes e profundas verdades da Natureza, eu consagrei-lhe umas phrases ungidadas da saudade infinita que a sua ausencia eterna deixara no meu coração sensível e cheio de dedicação pelo glorioso amigo. Precediam aquellas linhas repassadas de tristeza as verdades que para aqui ora traslado, occupando-me da personalidade forte e magnifica de TOBIAS BARRETTO. Os homens, disse eu, são os vehiculos de todas as transformações sociaes; ou sejam os grandes espiritos os operadores unicos d'esta revolução, como quer e ensina o tresloucado aristocratismo de NIETZSCHE, ou seja a massa anonyma e obscura a zymosis fecunda onde fermentam todos os palpitanes problemas relativos ao desenvolvimento historico dos povos, segundo a opinião democratica de TOLSTOI, a verdade é que a todos os grandes acontecimentos, assignalados por um grau de ascensão e de progresso, está sempre ligada a indefessa actividade do espirito humano.

Para possuirmos uma noção justa de uma epocha qualquer, com todas as suas duvidas e suas incertezas, com todos os seus sonhos e suas utopias, devemos buscar a luz esclarecedora e o criterio seguro no vulto dos grandes homens que foram os seus iniciadores, n'esta «élite de homens superiores», segundo a expressão de G. LE BON, que constitue, propriamente, o elemento vital de um povo: devemos procurar surprender em seus cerebros o reverbero nitido e scintillante de todas as especies de causas que encresparam a superficie mansa e desengrugada d'aquelle determinado momento historico.

Do mesmo modo, se necessitarmos uma apreciação exacta sobre uma individualidade forte e suggestiva nada mais facil que procurarmos vel-a em acção, conhecer o scenario onde se ensaiaram as suas energias mais viris e se exercitaram livremente as suas mais nobres preocupações.

O estudo do ambiente social com todos os seus complexos e multifarios elementos constituintes ministra-nos, em que pese a HENNEQUIN, senão um criterio infallivel pelo menos uma base mais ou menos estavel para a reconstituição do perfil de um

homem que tenha recebido o seu influxo poderoso.

Para que a figura de TOBIAS BARRETTO ainda mais se destaque n'um relevo luminoso e triumphal é necessario lancemos um golpe de vista sobre as idéas do seculo e da humanidade em que o seu espirito sadio e forte se abeberou, sobre a atmospheria mental, em summa, em que elle respirou a longos e tonificantes haustos.

Não se lê impunemente os livros de SCHERER, de SAINTE-BEUVE ou de TAINE. E' verdade que cada um d'aquelles mestres procura definir e accentuar uma individualidade com o auxilio de processos especiaes.

Se um prefere estudar e conhecer um grande homem pelos seus dictos, pelos seus pequenos e insignificantes incidentes da vida diaria; se outro prefere alicerçar o seu ponto de vista no estudo do meio creado pelos primeiros amigos entre os quaes se formou e se desenvolveu o seu espirito, o seu character; se est'outro prefere ver no grande homem o resultado da acção poderosa do meio social que lhe molda o pensamento e lhe imprime uma direcção determinada nos vãos da *psyché*; se, repito, cada um tem seu methodo peculiar, reçuma todavia de seus processos uma idéa geral:—o estudo do individuo jungido sempre ao meio em que elle viveu, aquecido por aquella «*temperatura moral*» de que nos fala TAINE, e não como um producto isolado, esporadico, apparecido archigonicamente, sem determinações historicas no seio das sociedades.

\* \*

A grande revolução operada na vida mental da humanidade por E. KANT, na Allemanha e mais logo por A. COMTE, em França, foi o escolho firme e inabalavel de encontro ao qual se quebraram impotentes as pretensões dos supernaturalistas que acreditavam ver pairando serenamente por sobre a magestosa harmonia dos mundos principios immateriaes e entidades incorporeas e hypersensíveis.

COMTE, seguindo as piugadas do egregio pensador allemão que já tinha, de vez, banido o absoluto dos dominios da *philosophia*—resultado, aliás, que não era mais do que uma conclusão inevitavel, dadas as premissas segurissimas estabelecidas por BACON e DESCARTES e sustentadas por LOCKE, SPINOZA, LEIBNITZ, etc.—COMTE, repito, hierarchizando as sciencias segundo a ordem de complexidade crescente e generalidade decrescente e estabelecendo a lei dos tres estados para a interpretação scientifica dos phenomenos sociologicos vibrou o golpe fulminante nas ideações estereis do metaphysicismo, rasgando um campo vastissimo que devera, mais tarde, ser largamente arroteado pelos mais preclaros pensadores da Humanidade.

As sciencias da natureza que então viviam cruelmente ajujadas nas angusturas de theorias acanhadas, impellidas pelos espiritos vigorosos de MOLESCHOTT, BUECHNER, VOGT, sentiam-se livres

das pês que lhes entravavam os vãos arrebatados e altaneiros. Uma seiva nova e revigorante haurida na experiencia e na observação—matrizes fecundas d'onde se originaram as prodigiosas construcções scientificas d'este derradeiro quartel de seculo—circulava impetuosa e ardente renovando e revivendo as cêpas apodrecidas do conhecimento humano e injectando-lhes nos vasos depletos um sangue novo e forte.

Dado este grande impulso pelo inclyto pensador francez e ajudado pelo genio assombroso de H. SPENCER, o gigante do pensamento britannico, facil é prever que perpectivas soberbas, inundadas d'uma luz extranha e desconhecida se descortinaram ás vistas pasmas dos sabios e dos estudiosos. Era o brilhante periodo de renascimento em que todos podiam repetir as palavras de RENAN, ao deixar o Seminario, em 1848: «A sciencia é uma religião».

A Biologia viu com espanto alargarem-se desmesuradamente os seus dominios. As leis fundamentais cinzeladas por LAMARCK, HUXLEY, DARWIN, WALLACE, para a explicação do desenvolvimento dos seres desde as mais infimas e rudimentares manifestações da vida até a sua floração mais seivosa e exuberante—o homem, que desde esse momento deixou de ser um *punctum stans* no meio da mobilidade universal, encontraram applicações magistraes nas mãos cyclicas de E. HAECKEL.

A' luz intensissima escorrida dos methodos da Biologia refundidos pelo egregio professor de Jena e a que elle emprestara o fulgor diamantino de seu genio illuminaram-se todos os outros departamentos do saber humano.

A Historia, constituída definitivamente em sciencia com methodos e processos de investigação peculiares, vasara-se em moldes novos: as idéas expendidas por VICO, BOSSUET, HERDER, KANT, CONDORCET e revigoradas pelas profundas e laboriosissimas generalizações de GUIZOT, BUCKLE, COMTE, LITTRÉ encontravam um terreno propicio ao seu desenvolvimento completo. As pacientes pesquisas sobre as mythologias, religiões, linguas, etc. devido aos esforços de um MAX MUELLER, de um SCHLEICHER, eram o florão que rematava a magestosa construcção historica. O determinismo social tornara-se o subrogado do acaso cego e inconsciente que até então se acreditara presidir, a seu talante, a marcha da humanidade.

A Psychologia renovada por SPENCER e desenvolvida extraordinariamente pelos estudos de BAIN, STUART MILL, constituiram-se em sciencia livre e independente pela observação aturada dos phenomenos psycho-physiologicos, não deixando ensanchas a um agente hypersensível destinado á explicação da actividade cerebral em sua tripla manifestação affectiva, mental e volitiva.

O direito, nas mãos de JHERING e HERMANN POST assumia uma feição nova graças aos processos da Biologia, que lhe imprimiam um caracter mais scientifico que as defeituosas interpretações de SAVIGNY e PUCHTA e ainda mais que as caducas e esfarrapadas doutrinas do direito natural.

A Arte não poude furtar-se á renovação geral que tudo empolgava: soffreu, igualmente, o influxo benéfico dos methodos novos: TAINE, illuminado pelo espirito de STENDHAL, reconstrue a esthetica sobre novas bases sujeitando-a ao movimento geral que aproxima as sciencias moraes das sciencias naturaes.

\*  
\*  
\*

Era uma verdadeira Renascença scientifica.

Uma lufada poderosa de renovação e destruição perpassava por sobre toda a vasta congerie do saber humano, varrendo impiedosamente os fantasmas metaphysicos e as entidades abstractas que eram forçadas, como a sombra ao sol victorioso, a ceder o passo a soberania das leis naturaes.

O velho continente sentia em suas veias o estuar impetuoso das novas idéas que seduziam todos os cerebros e arrebatavam em sua caudal immensa todos os espiritos avidos de luz e soffregos da verdade.

E o Brazil? O Brazil recebia um pallido e sobressaltado reflexo d'este fóco immenso de luz.

Era a epocha de escuridão e de ignorancia em que os nossos cerebros viviam atufados nos nevoiros dubios e trevosos das abstracções metaphysicas, em que os nossos sacerdotes da justiça, para me servir da expressão de HERMANN POST, manuseavam o Corpus Juris, com o mesmo escrupulo fradesco com que a confraria dos religiosos a sua Biblia Sagrada irrefutavel.

Tempo em que os nossos homens que representavam a culminancia do saber brasileiro, ajudados de uma educação escolastica e saturados das distincções subtis do racionalismo viam na liberdade um principio immutável e superior regendo os destinos do homem em sua passagem ephemera pelo planeta, na moral um imperativo estampado indelevelmente em sua fronte augusta, na harmonia universal dos mundos em seu galopar vertiginoso atravez das solidões infinitas do espaço as mãos cyclicas e hyperpotentes de um Zeus supremo e inatingível, e no direito um principio eterno e absoluto pairando por sobre as sociedades com as suas grandes azas espalmadas e dirigindo-lhes os destinos mercê de decretos providenciaes, sempre immutavel atravez da mobilidade universal, constantemente fixo no meio do *fieri* descommunal das ideas e dos sentimentos, inalteravel a despeito das profundas e successivas transformações politico-sociaes.

Elles não viram avermelhar-se o horizonte para as bandas da Germania brumosa e nevoenta; não supportaram o brilho offuscante que irradiava das cabeças luminosas de SAVIGNY e PUCHTA; não tiveram conhecimento da applicação dos methodos da sciencia da vida ao phenomeno juridico por JHERING e POST. Elles não viram que o lago manso e sereno sobre que boiavam preguiçosamente, como candidas nymphéas, as suas doutrinas antiquadas e obsoletas, começava a encrespar-se raivoso ao so-

pro violento das novas correntes mentaes que haviam de mais tarde avassallar o mundo.

Fazia-se sentir palpitante a necessidade de varrer-se do firmamento azul e purissimo do que, por um euphemismo irrisorio, se chamava a nossa philosophia ou direito natural, as sombras vãs e impalpaveis que offuscavam o fulgor deslumbrante dos verdadeiros astros. Tornava-se necessario uma reacção formidavel contra este estado estreito e decrepito de nossos pontos de vista; tornava-se imprescindivel o surdir de um vulto que, empunhando victoriosamente o vexillo convulso das novas idéas, soubesse imprimir no coração da mocidade o amor dos valorosos commettimentos e dos grandes ideaes; tornava-se indispensavel que alguém subisse ás grimpas luminosas do saber a despertar as aguias adormidas e mostrar-lhes que o nosso firmamento começava a tingir-se tambem da luz dos arrebóes projectada dos confins da ennevoada Allemanha.

Foi TOBIAS BARRETTO quem, brandindo furiosamente a clava de luctador e esborcellando os vestustos idolos consagrados pela rotineira sciencia official da Academia Pernambucana, projectou para o pensamento brasileiro aquelle clarão resplendente que refulgia com scintillações astraes na Allemanha e na França, na Inglaterra e na Italia.

Foi elle quem nos desvendou a transformação prodigiosa por que passava o Direito, emmalhado até então nas tramas da farandulagem esteril do metaphysicismo e ligado d'ora em diante á cadeia immane da evolução universal.

O encanto de sua palavra robusta e eloquente, o ardor com que evangelizava os seus principios e

as suas convicções e, ao mesmo tempo, a soffreguidão de perspectivas novas e desconhecidas e o desejo de perlustrar mundos ignorados e mysteriosos faziam vibrar freneticamente o coração dos moços que suspeitavam a existencia d'esse Far-West cuja vista lhes fôra sempre occulta pelas densas nuvens pejadas de preconceitos e prejuizos e que se sentiam todavia attrahidos pelos encantos velados á sua curiosidade irrequieta.

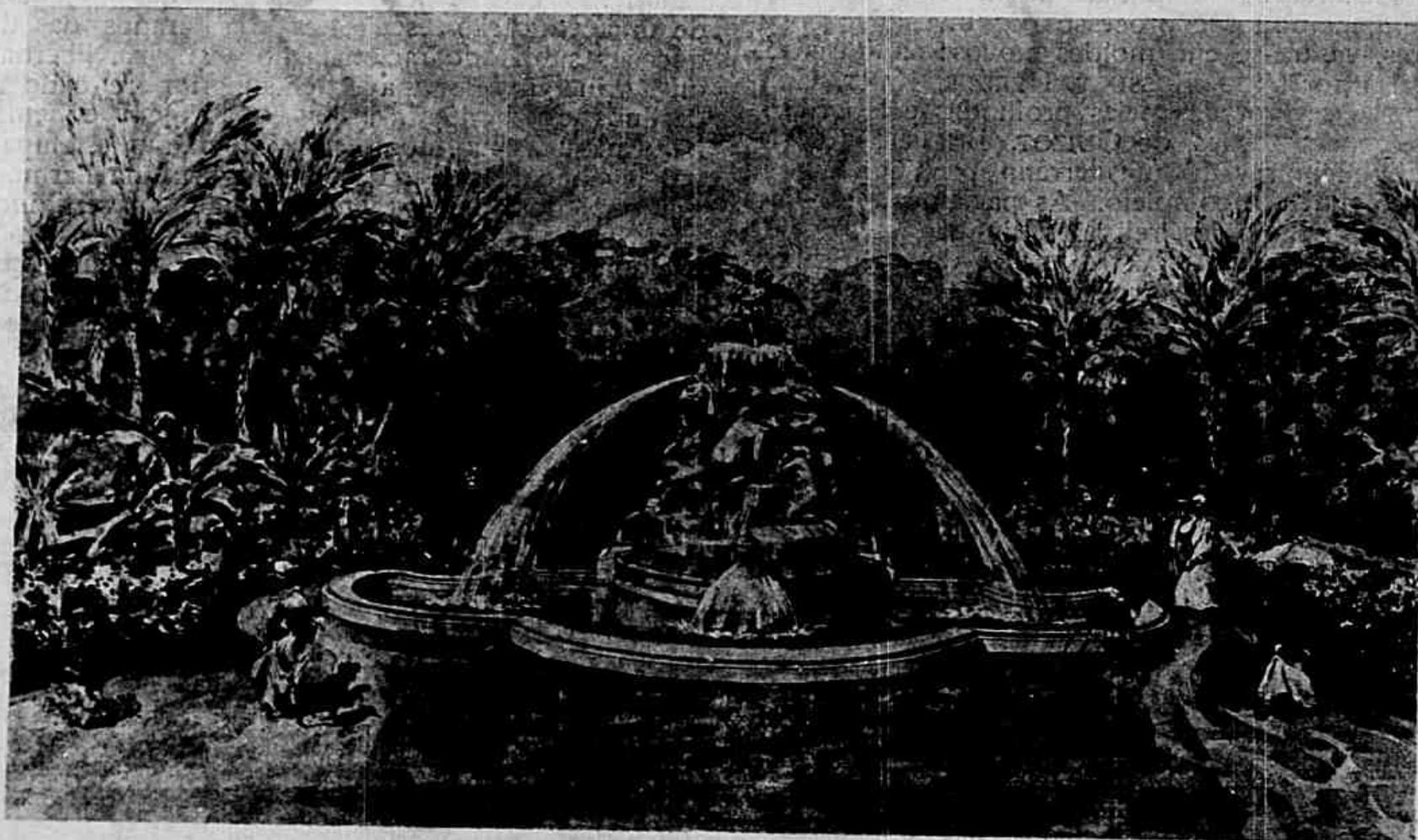
Foi aquelle mestiço genial, com cujos arroubos e arrebatamentos a mediocridade escrupulosa e fradesca ainda se não pode avezar, quem os iniciou tremulos e palpitantes nos mysterios do seculo e da humanidade; foi elle, com o seu grande espirito sempre aberto aos nobres ideaes, quem, n'um movimento de impiedade e de rebellião, lhes tirou a casca do fructo prohibido.

Que foi TOBIAS BARRETO? Poeta, jurista, philosopho... e em qualquer d'estas tres facetas rutilantes de seu espirito encontraremos, sempre, um caracteristico seu—a originalidade, um certo modo especial de ser ferido pelas questões que elle abordava, uma tal ou qual propriedade de descobrir sempre em todos os problemas que cahiam sob a alçada de seu juizo uma face não conhecida ou, pelo menos, ainda não de todo estudada.

Desfibremol-o, pois, nos varios desdobramentos de sua vasta e potente intellectualidade.

A. G. DE ARAUJO JORGE.

Rio.



FONTE DESTINADA AO JARDIM DA GLORIA



O NOVO JARDIM DA GLORIA

## HISTORIA PATRIA

**D**UARTE COELHO, donatario de Pernambuco, passara vinte annos no remoto Oriente, entre India e China, navegando, combatendo, commerciando, descobrindo terras, desempenhando commissões diplomaticas. Voltara para o reino em 28 ou 29. Attestam o bom nome adquirido no Indico e no Pacifico diversas incumbencias logo confiadas a seu zelo e a sua capacidade.

Em um dos intervallos parece ter estado em França. Segundo vaga tradição veio ao Brasil começada a era de 30, ajudando talvez a Pero Lopes nas luctas contra os Francezes. As dimensões de sua capitania outorgada com sessenta leguas de testada, quando não tinham mais de cinquenta as demais do Sul, excepto apenas a de Martim Affonso, companheiro de infancia e valido do rei; limitada independente de linhas imaginarias, de modo a deixar todo o rio de S. Francisco dentro de seus domínios; diversas graças avantajando-o aos outros donatarios poderiam ser invocados em abono da tradição.

Casara-se ao chegar á patria na familia de Albuquerque, e no pino das forças, quando as urgencias da situação impuzeram a necessidade de acautelar as terras deste lado do Atlantico, sentiu-se á altura de fundar uma nova Lusitania (1).

Chegou as plagas pernambucanas em fins de 34 ou começo de 35. Coubera-lhe a feitoria fundada por Christovam Jaques; nella permaneceu bastante tempo, uns trez annos, si lá nasceram seus tres filhos, como affirma Fr. Vicente do Salvador, um pouco menos, si Olinda foi fundada em 1537, como affirma um foral ainda não publicado (2).

Depois de plantar os mais divisorios, fundou a villa de Santa Cruz, afastada do mar, no meio dos Petiguares, isto é dos Tupinambás, amigos dos Francezes e inimigos dos Perós, na fronteira da capitania de Itamaracá.

Pouco sabemos desta villa. A má vontade dos Petiguares, mitigada pelo desejo de obter ferramentas e outros objectos de procedencia estrangeira, cuja utilidade desde logo reconheceram, não se

1) As noticias sobre Duarte Coelho antes de vir ao Brasil foram compendiadas por Pereira da Costa, *Rev. do Inst. Arch. e Geog. Peru.* Recife, 1896. Volta de Duarte Coelho ao reino em 528, Fr. Luis de Sousa, *Annaes de D. João 3.*, 263; em 29, *ib.*, 382; suas riquezas, *ib.*: sua ida a França, carta de D. João 3.<sup>o</sup> ao Conde de Castanheira de 5 de Maio de 531: duarte Coelho me disse a muyto boa vontade e obras que achara no duque de nemours irmão do duque de Saboya meu muyto amado e presado irmão para as cousas de meu serviço e muyto bom fora terdes levado cartas pera elle; Fernão Palha, *A carta de marca de João Ango*, 64. Lisboa, 1882. Será o nosso ou haveria outro Duarte Coelho?

2) Fr. Vicente do Salvador, *Historia*, 46. Fr. Vicente é a unica fonte para os primeiros tempos da capitania, pois a mais antiga carta de Duarte Coelho data de Abril de 42: aproveitou-se de antiga chronica pernambucana, talvez hoje perdida. Foral de Olinda citado por Borges da Fonseca, *Rev. do Inst. Arch.* n. 28. 70. Recife, 1883.

conteve mais depois que adquiriram estas cousas por intermedio dos Francezes. Deram varias investidas ao povoado, impediram as communições por terra com Olinda, quasi reduziram a guarnição pela fome. Em um combate lograram matar Affonso Gonçalves, capitão da villa; apezar de tudo Igaracu continuou de pé, embora nunca prosperasse francamente.

Os Tabajaras, amigos dos Portuguezes, estendiam-se por doze a treze leguas do rio Capiberibemirim ao cabo de Santo Agostinho: neste trecho, no ponto mais recommendado pela proximidade do mar, pela facilidade de defensa contra surpresas e pela belleza do sitio, assentou uma torre, a cuja sombra brotou e foi crescendo a villa de Olinda (3).

Podemos formar idéa da torre de Duarte Coelho, existente ainda no tempo de Gabriel Soares, pelo forte de S. Sebastião, construido cinquenta annos mais tarde, quando tornou a Pernambuco a expedição conquistadora da Parahyba. O forte era de cem palmos de vão, de muito grossas vigas muito juntas e forradas de entulho de cinco palmos de largo e altura de nove, donde podia pelejar a gente amparada com o muro de ferro, que era mais de vinte e dois em alto, de taipa dobrada de mão muito forte, e do alto vinha o tecto cobrindo o andaime e casas que se fizeram a roda para agasalho da gente, com duas grandes guaritas em revez sobradadas, e uma torre no meio com grandes fortes para o rio Tibery (4).

Como se alimentavam os colonos, antes de feitas as colheitas e propagada a criação nem um documento nos informa. Sabemos tel-os ajudado os Indios com a pouca farinha e milho de sobralente e açaç; mas aqui como em outras partes coube o primeiro logar á pesca, subsidiada pela criação de aves de facil reproducção (5).

Com habilidade foram obtidas dos Indios as terras doadas por el-rei e distribuidas em sesmaria. Os logares mais baixos proprios para canaviaes destinaram-se a engenhos; nos altos plantaram os

3) Carta de Duarte Coelho de 15 de Abril de 1549: Peço a Vossa Alteza que mande que do cabo de Santo Agostinho até Capiguarymirim, que é o extremo dos Pitiguares, que pode ser doze ou treze leguas pouco mais ou menos, que é tudo de uma geração, que nesta sobredita comarca se não faça brasil algum daqui a dez ou doze annos. Fernandes Gama, *Memorias historicas da provincia de Pernambuco*, 1, 79, 1844. A distribuição dos Tabajaras ou Tobajaras, como mais frequentemente os chamaram depois, é obscura; pode-se, porem, sem grande erro, imaginar que começando no trecho indicado estendiam-se para o rio S. Francisco entre os Caetés do littoral e os Cariryrs do sertão. No S. Francisco durante a segunda metade do seculo XVI era chefe de uma das tabas o Braço de Peixe, celebrisado nas guerras da Parahyba: Fr. Vicente, *Historia*, 94. Do outro lado do S. Francisco eram conhecidos com o nome de Tupinaens, que sahiam na costa de Ilheus e Porto Seguro com o nome de Tupiniquins, tambem tomado pelos Indios do littoral e do sertão de S. Paulo.

4) Fr. Vicente, 136, que apenas resumiu o Summario das armadas, escripto em 1883 por um Jesuita e imp. em 1883 na *Rev. do Inst. Historico*. Diz o Jesuita: este foi o estylo do Brasil, ir assim ganhando a terra aos inimigos a que o forte mais visinho ficava em padrao e os nossos povoadores e moradores por valhacouto: *Ib.* 84.

5) O gentio os vinha ajudar e lhe traziam muitas gallinhas, caças e frutas do mato, peixe e marisco a troca de anzoes, facas, fouces e machados, que elles estimavam muito. Fr. Vicente, 49. Veja-se adiante a carta de Duarte Coelho de 15 de Abril de 49.

os mantimentos da terra, pois não davam os cereaes europeus 6).

Apezar dos attritos inseparaveis da convivencia com os Indios, ainda mesmo pacificos e aliados a empreza creou raizes em terra e consolidou-se no mar. Duarte Coelho foi em suas embarcações pela costa abaixo até o rio de S. Francisco, «entrando nos portos todos de sua capitania, onde achou naus francezas que estavam ao resgate do pau brasil com o gentio e as fez despejar os portos, e tomou algumas lanchas e francezes, posto que não tanto a seu salvo e dos seus que não ficassem muitos feridos, e elle de uma bombardada, de que andou muito tempo maltratado. E comtudo não se quiz recolher até não limpar a costa toda destes ladrões e fazer pazes com os mais dos Indios. E isto feito se tornou para sua povoação com muitos escravos que lhe deram os Indios doş que tinham tomado em as suas guerras que uns lá tinham com os outros, o que o fez tambem muito temido e estimado dos circumvisinhos de Olinda, dizendo todos que aquelle homem devia ser algum diabo immortal, pois não se contentava de pelejar em sua casa com elles e com os Francezes, mas ainda ia buscar fóra com quem pelejar» 7).

Seguro da resistencia de sua obra, Duarte Coelho partiu para o reino; d'ali estava de volta em Setembro de 41. Por sua carta de 27 de Abril do anno seguinte, sabemos que havia muita canna plantada, existiam alguns engenhos, estava a concluir um muito grande e perfeito, outros foram contractados; allegando as muitas despezas feitas, pede licença para introduzir livres de direitos escravos de Guiné, provavelmente por ter a experiencia mostrado a superioridade de seu trabalho sobre o dos Indios.

Tendo-se obrigado a fazer uma expedição a procura de minas de ouro, escreve: «Quanto, Senhor, as cousas de ouro nunca deixo de enquerir e prequirar sobre o negocio e cada dia se esquentam mais as novas, mas como sejam daquy lonje pelo meu sertão a dentro e se a de passar por trez jerações de mui perversa e bestyal gente e todos contrayros huns e outros, a se de passar esta jornada com muita pelygro e trabalho, pera o qual me parese e asy a toda a minha gente que se não pode fazer sinão yndo eu e yr como se deve yr e acometer a tall empreza pera sahir com ella avante e não pera yr fazer barcoryadas como os do rio da prata que se perderam pasante de mil homens castelhanos e como os de Maranhã que perderam setecentos e o pyor é fycar a covsa danada e por isso senhor espero a ora do Senhor deos em a qual praza a elle deos que macometa esta empreza e pera seu santo serviço e de vosa alteza que este sera o maior contentamento e ganho que eu dyssou queria ter».

6) Falo por varzeas, porque esta é somente a boa terra do Brasil, que os outeiros ou altos não dão canna, ao menos nestas capitãias do Norte, e quando nelles acerta a terra ser boa, dá mantimentos mas não canna, que sómente dá nas varzeas, escrevia em 587 o Jesuita autor do *Summario das Armadas*, 7.

7) Fr. Vicente, 49.

A hora de Deus não chegou para este commetimento, arredado por varias circumstancias, expostas em carta de 20 de Dezembro de 46.

As concessões para extrahir pau brasil feitas a particulares traziam serios embaraços, escrevia. Na capitania de Pernambuco, o brasil estava muito no sertão, a carga de um navio levava dez e doze mezes; na de Pero Lopes ficava mais perto, e os concessionarios gananciosos, já não pagavam os Indios só com as ferramentas como era praxe, mas da lhes conta da Bahia, carapuças de pennas, roupa de côres, espadas e espingardas... «Até nos estorva este fazer de brasil ao fazermos nossas fazendas em especyall os emjenhos por que quando estavam os Yndeos famintos e desejosos de ferramentas pollo que lhe davamos nos vinham a fazer as levadas e todolas outras obras grosas e nas vynhão a vender os mantimentos de que temos asaz neçesydade e como estão fartos de ferramenta fazem-se mais ruyns do que são, e allvoraçam-se emsoberbesem-se e levantam-se».

Embaraços igualmente graves offereciam as capitãias todas independentes, sem nem um principio coordenador, agindo como se foram nações diversas ou inimigas.

Quando queria castigar degradados que fogiam para a ilha de Tamaracá, não acceitavam suas precatórias dizendo que ali é couto e tem privilegio. As capitãias de baixo ainda fazem peor si é possível: andam saltando por toda a parte, deixando os povos levantados. Naquelle mesmo anno vieram seis caravelhões do Sul a pretexto de ver e tratar com a gente de Pernambuco, protestando associar-se á entrada do ouro, e quando acharam o donatario descuidado foram-se salteando pela costa de sua capitania.

E os degradados, principalmente os mandados nos ultimos trez annos? «Sertifico a Vossa Alteza e lhe juro pella ora da morte que nenhum fruyto nem bem fazem na terra mas muyto mall e damno e por sua causa se fazem cada dia malles e temos perdido o credyto que ate aqui tynhamos com os indeos, porque o que deos nem a natureza não remedeou como eu o posso remedear Senhor se não com cada dia os mandar enforcar, o qual he grande descredyto e menoscabo com os indeos. E outro sy não para nenhum trabalho, vem proves e nus e não podem deixar de usar de suas manhas e nysto cuidão e reynão sempre em fogir e em se yrem... Ate nos navyos leuantam-se e fogem e fazem mill malles e achamos qua menos dous navyos que por trazerem muito degradados são desapparecidos».

Em carta de 22 de Março de 48, depois de dizer que a terra ia agora para bem, queixa-se do pouco cuidado em que são tidas as suas reclamações, sem resposta havia trez annos. «Ainda que este prove e gostado da fazenda nenhuma inveja tenho aos mais rycos nem a suas ryquesas, pois do all pera o de deos e pera o do meu Rey e senhor a pou-

8) Cópia msc. no Inst. Hist., Dec. 170, f. 132 reimpresso muito erradamente no *Brasil Historico*, de 1866.

cos darey a ventagem asy do pasado como do porvir confiando em Deos».

No anno seguinte havendo noticia de diversos planos discutidos na metropole sobre o melhor modo de povoar as capitancias, Duarte Coelho assim resume a obra a que consagrara tantos annos de vida, em carta escripta a 15 de Abril:

«... Em todas as terras do mundo se custuma e luita o que eu aqy custumo e huzo e tenho posto ordem, a saber:

que entre todos os moradores e povoadores huns fazem enjenhos daququere por que são poderosos pera yso, outros canaveaes e outros algodoaes e outros mantimentos que he a prycypall e mais necessarya cousa pera a terra, outros luzão de pescar que outro sy he muy necessaryo para a terra, outros luzão de navios que andam buscando mantimentos e tratanno pella terra conforme ao Regimento que tenho posto, outros são mestres demjenhos, outros mestres daququeres, carpynteiros, ferreiros, pedreiros, oleiros e ofyciaes de formas e çsynos pera os açuqueres e outros oficyaes que ando trabalhando e gastando o meu pera adqueryr pera terra e os mando buscar a portugall e a galiza e as canareas as minhas custas e alguns que os que vem a fazer os engenhos trazem e aquy moram e povoam, delles solteiros e delles casados aquy e delles que cada dia caso e trabalho por casar na terra, por que toda esta ordem e maneira, Senhor, se ha de ter pera povoar terras novas e tão alongados do Reyno e tão grandes como estas de que se espera tanto bem e proveyto asy pera ho serviço de deos como de vossa alteza e pera bem de todos os seus reynos e senhoryos e pellas mais resões que Vossa Alteza sabe por cuja causa me ca mandou».

As côres brilhantes deste quadro empanam-se vistas atravez da consciencia ardente e do idealismo ascetico de Manuel da Nobrega, quando em Julho de 51 foi com um companheiro á Nova Lusitania, pregar a boa nova da Companhia de Jesus.

Ha grandes males e peccados, brada. Ha cá muita somma de casados em Portugal que vivem cá em graves peccados. Andam muitos filhos de christãos entre os gentios, e sendo christãos vivem em seus bestiaes costumes. Havia grandes odios e bandos. As cousas de igreja muito mal regidas e as de justiça pelo conseguinte. Os clerigos tem mais officio de demonios que de clerigos. Querem-nos mal por que lhe somos contrarios aos seus maus costumes, e não podem soffrer que digamos as missas de graça, em detrimento de seus interesses. Cuido que se não fôra pelo favor que temos do Governador e principaes da terra, e assim por que Deus não o quer permittir que nos tiveram já tiradas as vidas. 9)

Antonio Pires, seu companheiro, que continuou em Pernambuco depois da retirada de Nobrega, dá informações do mesmo genero: esta capitania é terra de muito trafego e onzena, e outros peccados que a força de virtude so hão de tirar. Ha nesta

terra grande escravaria assim de Guiné como da terra.

Os peccados que tanto escandalisavam Nobrega um profano chamaria mestiçagem. Alastrava por toda a parte. Vasco Fernandes de Lucena, casado em Portugal, feitor del-rei, «era tão temido e estimado pelos gentios que o principal se tinha por tumado em tel-o por genro». Jeronymo de Albuquerque, cunhado do donatario, reproductor infatigavel, espantou os contemporaneos com sua fidelidade á filha de Arco Verde. Que poderia aliás detel-os? Prejuizos de côr? Olhavam tanto para ella que chamavam negras as cunhãs. Receio da lei? Um baptismo summario desarmava as Ordenações. Escrupulos religiosos? Os sacerdotes abençoavam e impelliam a multiplicação.

Accresce que aquella mestiçagem é companheira inseparavel das migrações do mar e naquella colonia, ameaçada a um lado pelos indigenas inconstantes, descontentes, inquietos quando não declaradamente hostis, exposta ás sorpresas e investidas dos entrelpos francezes não desenganados ainda, a presença de mulheres portuguezas apenas serviria para augmentar as difficuldades da situação.

Variava o estado dos mamalucos. Companheiros de ventre em todo o rigor do direito romano quando a mãe era escrava, seguiam a condição do pae, imposta pelo costume indigena, si a mãe era livre. Alguns dos genitores não se incommodavam com os filhos; isto, porem, não era geral. De outro modo não teriam sentido as palavras de Nobrega a D. João III: «Para as outras capitancias mande Vossa Alteza mulheres orfãs, porque todas casarão. Nesta não são necessarias por agora, por haverem muitas filhas de homens brancos e de Indias da terra, as quaes todas casarão com a ajuda do Senhor, e se não casaram dantes era porque consentiam viver os homens em seus peccados livremente, e por isso não se curavam tanto de casar, e alguns diziam que não peccavam, porque o Arcebispo de Funchal lhes dava licença».

A acreditar nas nobiliarchias pernambucanas realisaram-se as previsões do venerando Jesuita.

Duarte Coelho é já velho, informava ainda. Mas o heroe dos tres Oceanos não vergava ao peso da velhice, nem abandonava seus planos do engrandecimento pessoal e ennobrecimento da capitania.

Tanta certeza tinha de sua força que em 53 ou 53, — deixando a familia, tão seguro estava de tornar a vela, — atravessou novamente o Atlantico. «Devia estar mexericado com el-rei, suggere Fr. Vicente; quando lhe foi beijar a mão lho remocou e o recebeu com tão pouca graça que indo-se para casa enfermou de nojo e morreu dahi a poucos dias; pelo que indo Affonso de Albuquerque com dó ao paço e sabendo el-rei deste por quem o trazia, lhe disse: Pesa-me ser morto Duarte Coelho, porque era muito bom cavalleiro».

A obra do bom cavalleiro sobreviveu-lhe e vingou-o.

Nella avultou sobre o lado maritimo. Sinão chegou a ver povoadas as costas de sua capitania

até as margens do S. Francisco, é incontestavel que todo este espaço foi primeiro povoado com gente exclusivamente de Pernambuco. Neste trecho, em que a presença de Tupinambás e a existencia do pau brasil attrahiam invencivelmente os Francezes, soube inquieta-los por tal modo que sem grande temeridade pode-se attribuir-lhe parte na preferencia desde aquelle tempo revelada pelas terras de Cabo Frio e Rio de Janeiro; talvez sem a vigilancia do donatario não surgisse o sonho de França Antarctica nem Villegaignon deixasse o nome na mais bella das bahias.

A sua obra fecundou igualmente o Norte: as guerras da Parahyba, a conquista do Rio Grande do Norte, a occupação do Ceará, as expedições do Maranhão, a investida do Amazonas são obras principalmente pernambucanas.

A incorporação de Fernando de Noronha, tão ao mar e tão arredada de Pernambuco, ainda hoje rememora e symbolisa esta actividade maritima. Symbolisa-a tambem a capitania do cabo do Norte, com o limite extremo do Oyapock, doada a Bento Maciel, que, comquanto portuguez ou paulista de nascença, foi creado em Pernambuco, lá tinha muitos amigos e parentes e lá combateu contra a invasão batava.

O lado fraco é o exclusivismo desta obra, unicamente peripherica. O sertão foi descurado; lá penetraram aventureiros avulsos, bandeiras procedentes de Pernambuco não se animaram a tanto. Porque? O obstaculo não veio certamente de mattas invias

ou serras continuas. Talvez a cultura da canna de assucar que prendia a beira-mar; talvez a predilecção pela alimentação maritima ou a fascinação do rio São Francisco talvez as maiores vantagens apurada pelo commercio florescente talvez pouca inclinação ávida pastoril ou repugnancia ás caçadas humanas... quem poderá dizer ao certo porque os Pernambucanos não se atiraram ao sertão?

O certo é que a republica dos Palmares durou quasi um seculo e só foi conquistada por Paulistas; do sertão de Piahy deve-se a descoberta a vaqueiros da Bahia; os sertões do Ceará, Rio Grande e Parahyba primeiro communicaram-se com a Bahia que com Pernambuco; os proprios sertões de Pernambuco foram povoados por gente de fora. Só no começo do seculo passado estabeleceu-se ligação directa entre Olinda e o rio de S. Francisco, e esta estrada, que acompanhava o Capibaribe até Taquaritenga para por Brejo da Madre de Deus chegar ao Pajehú, tão tardiamente aberta mostra bem que, si a obra de Duarte Coelho não ficou perdida, nunca teve continuadores que soubessem completa-la. E quando Pedro 1º para castigar a confederação de Equador, separou de Pernambuco a comarca do rio S. Francisco, deslocando os limites de Carinhanha para o Pau da Arara, o facto pareceu natural. Apenas se estranhou a incorporação deste territorio a Minas Geraes e não a Bahia, como depois ficou sendo.

C. DE ABREU.



CASA  
**MENDES JUNIOR**

101, Rua da Quitanda, 101

JORNAES ILLUSTRADOS, REVISTAS, MAGAZINES, FIGURINOS E JORNAES DE MODAS

Variado sortimento de cartões postaes, recibulos por todos os vapores

Livros de leitura recreativa, sciencias, arte e publicações novas

AFAMADO CHÁ RIDGWAYS LTD. DE LONDRES

LOTION DÉQUEANT - poderoso medicamento contra a caspa e queda do cabello

Preços Excepcionalmente Reduzidos

**GRANDE FABRICA DE MALAS**

— E —

**Outros Artigos de Viagem**

Premiada na Exposição Universal de Paris em 1889 e na Exposição Nacional em 1889 e na Academia Universal das Bellas Artes de Bruxellas com o Diploma de membro fundador, e medalha de 1.<sup>a</sup> classe. Premiada na Exposição de S. Luiz com o grande premio em 1904.

**CASA MARINHO**

A primeira de todo o mundo no genero Sortimento enorme e variadissimo. Material e trabalho de 1.<sup>a</sup> ordem. Preços modicos.

34 e 36, RUA SETE DE SETEMBRO, 34 e 36

Manoel Joaquim Marinho

**ANTIGA DROGARIA KLINGELHOEFER**

(FUNDADA EM 1826)

Alberto de Magalhães & C.

Drógas em geral, productos chimicos e pharmaceuticos,

vasilhame completo para a montagem de pharmacias. — Secção

de importação e vendas por atacado completamente

separada da Secção de vendas a varejo ultimamente inaugurada á

RUA DA ALFANDEGA, 17

(PROVISORIAMENTE)

**CARLOS CHAPELIN**

PHOTOGRAPHO

**KÓSMOS**

**AO 1.º BARATEIRO**

— E —

**TOILETTE DAS CRIANÇAS**

Rua dos Ourives, 77-B e Rua do Rozario, 91

FAZENDAS, MODAS, ARMARINHO E CONFECÇÕES

Especialidade em vestuarios para crianças de ambos os sexos

BREVEMENTE INAUGURAÇÃO DO MAGNIFICO PREDIO DA AVENIDA CENTRAL

**Rodrigues, Mayrinck & Comp.**

**Mastruço** elixir, na cura da asthma tem sido de toda evidencia, tendo curado pessoas que soffriam ha 14 annos.

**Mastruço** elixir, nas bronchytes chronicas e agudas é sem duvida o melhor dos medicamentos.

**Mastruço** elixir, nas tosses renitentes faz desappaecer incontinente fazendo com que a pessoa durma socegada.

**Mastruço** elixir, na tuberculose, os excellentissimos medicos dos hospitaes têm feito suas experiencias e têm tirado as melhores provas e sem duvida faz paralisar a molestia.

**Mastruço** elixir, cura radicalmente a coqueluche por mais renitente que seja.

**Mastruço** elixir cura suffocação, escarros de sangue e hemoptizes.

**Mastruço** elixir, é de gosto agradavel, não enjôa podendo ser usado pelo estomago mais delicado.

**Mastruço** elixir, puramente de vegetaes, cujo vegetal é em todo o norte do Brasil usado pelas pessoas antigas que reconhecem na dita planta efeitos optimos nas molestias dos pulmões.

**Mastruço** elixir, faz engordar, fazendo as pessoas pallidas adquirir boas cores.

**Mastruço** Vende-se nas boas pharmacias, drogarias e no deposito geral, á rua de S. Pedro n. 59.

**OFFICINA TYPOGRAPHICA**

— DE —

**J. SCHMIDT**

Impressões artisticas, trabalhos commerciaes, Catalogos illustrados, cartões postaes com vistas etc.

**24 - RUA DA ALFANDEGA - 24**

**RIO DE JANEIRO**

Compraes sóme

**CASA DI**

Rua do Rozario, 49,

Capital Fe

os seguintes livros: Criação  
maes, 4\$, Criação de Aves, 4\$,  
Abelhas e Bicho de Seda, 2\$,  
das substancias Chimicas e  
Homoeopathica (util a todos) 5\$,  
e Theosophia (secretos ensin  
gnetismo e religiões). 5\$000.

DIRECTOR DE TIRO DA SOCIEDADE DE PROPAGANDA DO TIRO BRAZILEIRO NO RIO GRANDE DO SUL

**ANTONIO CARLOS LOPES**

COMPILADO POR

**RUA DA ALFANDEGA N. 24 — Redacção da "KOSMOS"**

A VENDA NAS PRINCIPAES LIVRARIAS E NA